

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SABERES PERPÉTUOS DO REINADO DE ITAPECERICA: UM OLHAR SOBRE AS
APRENDIZAGENS DA TRADIÇÃO

MEIRE JIANE VILELA

BELO HORIZONTE
2024

Meire Jiane Vilela

**SABERES PERPÉTUOS DO REINADO DE ITAPECERICA: UM OLHAR SOBRE AS
APRENDIZAGENS DA TRADIÇÃO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Karla Cunha Pádua

Belo Horizonte

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
FICHA CATALOGRÁFICA

V699s Vilela, Meire Jiane.

Saberes Perpétuos do Reinado de Itapecerica: um olhar sobre as aprendizagens da tradição [manuscrito] / Meire Jiane Vilela. - 2024.

155 f., il., color.

Orientadora: Karla Cunha Pádua

Dissertação (Mestrado) -- Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana. Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Referências: 152-155.

1. Reinado. 2. Congado. 3. Cultura. 4. Narrativas. 5. Tradição. I. Pádua, Karla Cunha. II. Universidade do Estado de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.

CDU: 37.02

CDD: 370.733

Ficha catalográfica: elaborada pelo Bibliotecário Daniel Henrique da Silva CRB-6/3422

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS – UEMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

Dissertação intitulada “Saberes Perpétuos do Reinado de Itapecerica: um olhar sobre as aprendizagens da tradição”, de autoria da mestranda Meire Jiane Vilela, aprovada em vinte e seis de abril de dois mil e vinte e quatro, pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Dra. Karla Cunha Pádua (Orientadora) - FaE/UEMG

Dr. Jeremias Brasileiro da Silva (Membro Titular) – IHGSM - INAO

Prof. Dra. Izabel Missagia de Matos (Suplente) – UFRRJ

Prof. Dr. Jurandir de Souza (Membro Titular) – FaE/UEMG

Prof. Dr. José Eustáquio (Suplente) – FaE/UEMG

A minha trisavó Prudência Vitorina dos Santos e minha bisavó, a Rainha Perpétua Bromildes Vitorina dos Santos, mulheres fortes em cujas histórias residem as raízes das minhas tradições.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Maria Auxiliadora Coura e Nilson Vilela (em memória), meus primeiros e eternos mestres, sem os quais jamais teria chegado até aqui.

Agradeço a meus irmãos e irmãs pelo afeto e pelo incentivo de sempre. Agradeço às minhas tias Nitinha e Roxinha (em memória), que com suas histórias me inspiraram rumo a essa aventura de descoberta e aprendizado.

Aos amigos e familiares agradeço pelo encorajamento. Agradeço aos colegas da Universidade Federal de Minas Gerais por todo apoio e estímulo, e aos colegas da Universidade do Estado de Minas Gerais pelo companheirismo.

Agradeço ao Capitão Geraldinho, o “passarinho verde” que há gerações encanta as rainhas de minha família com sua bela cantoria. Agradeço a Giovana, uma jovem mulher que muito me ensinou sobre fé e perseverança. Agradeço a Dona Kenea e sua família, por me receberem tão carinhosamente em seu lar. Aos irmãos e irmãs do Rosário de Maria agradeço por cada pérola de sabedoria e momento de fraternidade.

Aos professores do curso agradeço por compartilhar seus saberes de forma tão generosa, ressaltando o melhor da experiência docente. Aos professores Jurandir de Souza e Jeremias Brasileiro agradeço pela contribuição imensurável.

Por fim, àquela que ficou por derradeira agradeço como se fosse a primeira. Meus sinceros agradecimentos a minha orientadora, professora Karla Cunha Pádua, que com grande sabedoria e paciência inabalável me ajudou a superar cada obstáculo e extrair o melhor dessa rica e inesquecível experiência.

Que Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês abençoem a todos por suas inestimáveis colaborações.

RESUMO

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica é uma importante manifestação cultural, que há mais de duzentos anos faz parte não só do calendário, mas da identidade de diversas famílias da pequena cidade localizada no centro oeste mineiro. Compreendendo o Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica como um espaço de compartilhamento de saberes e sentidos, desenvolvemos esta pesquisa qualitativa, biográfico-narrativa, de caráter etnográfico, com vistas a responder à seguinte pergunta: como acontecem as aprendizagens intergeracionais no Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica, tendo em vista a preservação dos saberes da tradição? Inicialmente, a partir de pesquisa bibliográfica e documental, evidenciamos o passado escravista da Capitania de Minas, onde nasce a Vila de Tamanduá, hoje cidade de Itapecerica. Dessa forma buscamos compreender os sentidos desta tradição, que desde sua aurora rende homenagens e busca preservar a memória ancestral dos negros e negras escravizados e trazidos de África para a Capitania de Minas. Em paralelo realizamos uma extensa pesquisa de campo, para acompanhar e descrever os ritos e práticas realizados nos festejos do reinado de Itapecerica, no ano de dois mil e vinte e três. Por meio da observação participante buscamos compreender o contexto dos festejos, evidenciar seus territórios, além de momentos e ritos importantes. Como parte desse olhar etnográfico, realizamos duas entrevistas narrativas, a fim de alcançar as significações e experiências subjetivas dos reinadeiros. Através dessas entrevistas, orientadas pelo enfoque biográfico-narrativo, foi possível evidenciar aspectos importantes como a crença dos reinadeiros, a interface com outros atores sociais e os conflitos geracionais vivenciados no interior da tradição. Os relatos de vida dos participantes nos revelaram nuances do processo de transmissão geracional dos saberes do reinado, um processo que acontece em diversas frentes: nas práticas dos festejos, através das lições dos mestres e através das histórias contadas no dia a dia das famílias. Nessa pesquisa mostramos que o processo de transmissão geracional envolve não só os mestres do reinado, mas os pais, avós, pessoas que buscam a preservação das tradições familiares e dessa forma impulsionam a preservação da identidade étnica ancestral de inúmeros reinadeiros e reinadeiras.

Palavras-chave: reinado, congado, cultura, narrativas, tradição

ABSTRACT

The Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica is an important cultural manifestation, which for more than two hundred years has been part not only of the calendar, but of the identity of several families in the small town located in the Midwest of Minas Gerais. Understanding the Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica as a space for sharing knowledge and meanings, we developed this qualitative, biographical-narrative, ethnographic research, with a view to answering the following question: how does intergenerational learning happen in the Reinado de Nossa Senhora do Rosario de Itapecerica, with a view to preserving the knowledge of tradition? Initially, based on bibliographic and documentary research, we highlight the slave-owning past of the Captaincy of Minas, where the village of Tamanduá, today the city of Itapecerica, was born. In this way, we seek to understand the meanings of this tradition, which since its dawn has paid homage and seeks to preserve the ancestral memory of enslaved black men and women brought from Africa to the Capitania de Minas. At the same time, we carried out an extensive field research to monitor and describe the rites and practices performed in the festivities of the Reinado de Itapecerica, in the year two thousand and twenty-three. Through participant observation, we seek to understand the context of the festivities, highlight their territories, as well as important moments and rites. As part of this ethnographic view, we conducted two narrative interviews, in order to reach the meanings and subjective experiences of the reinadeiros. Through these interviews, guided by the biographical-narrative approach, it was possible to highlight important aspects such as the belief of the reinadeiros, the interface with other social actors and the generational conflicts experienced within the tradition. The life stories of participants revealed nuances of the process of generational transmission of the knowledge of the reign, a process that takes place on several fronts: in the practices of the festivities, through the lessons of the masters and through the stories told in the daily lives of the families. In this research we show that the process of generational transmission involves not only the masters of the reign, but also parents, grandparents, people who seek the preservation of family traditions and thus promote the preservation of the ancestral ethnic identity of countless reinadeiros and reinadeiras.

Keywords: reinado, congado, culture, narratives, tradition

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro Sinóptico	25
Figura 2 - Igreja Matriz de São Bento	33
Figura 3- Pelourinho	33
Figura 4 - Monumento aos Expedicionários	33
Figura 5 – Monumento à Coroa do Reinado na Praça da Santa Cruz	34
Figura 6 – levantamento do mastro na Praça da Santa Cruz	34
Figura 7 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário	35
Figura 8 – Reinadeiros às portas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário	35
Figura 9 - Monumento à Cultura Popular (homenagem à Dona Geralda Pio)	35
Figura 10 – Oratório erguido na lateral da Igreja de Nossa Senhora do Rosário	35
Figura 11 – Igreja de Nossa Senhora das Mercês.....	36
Figura 12 - Moçambiqueiros na Igreja das Mercês	36
Figura 13 - Reinadeiros na Igreja das Mercês	36
Figura 14 – Mapa Comarcas da Capitania de Minas.....	38
Figura 15 – Mapa Comarca do Rio das Mortes.....	38
Figura 16 - Três gerações de Rainhas Perpétuas descendentes da Sra. Bromildes	48
Figura 17 – As Bandeiras	60
Figura 18 - Mordomos e Mordomas no convento	60
Figura 19 - Chico Rei no cortejo	61
Figura 20 - A Escrava Anastácia no cortejo de sexta-feira	61
Figura 21 - Missa Conga na Praça da Santa Cruz	62
Figura 22 - Frei Leonardo recebe placa de homenagem	62
Figura 23 – Terno de Vilão com varinhas cruzadas	63
Figura 24 – Varinhas erguidas junto ao mastro	63
Figura 25 - Bandeira de São Benedito hasteada	63
Figura 26 - Reis Perpétuos e Rainha Escrava Anastácia	68
Figura 27 - Reis de Ano no convento	68
Figura 28 - Capitã Geovani (no meio) com capitães do Moçambique de Angola	69
Figura 29 - Cortejo subindo a Rua do Rosário	69
Figura 30 – Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas no palanque.....	70
Figura 31 - Reis da Coroa Grande no palanque	70

Figura 32 - Escrava Anastácia na Igreja	74
Figura 33 - Princesa Isabel na Igreja das Mercês	74
Figura 34 - Escrava Anastácia e Princesa Isabel	74
Figura 35 - Capitão Luiz Otaviano recebendo a benção da Escrava Anastácia	75
Figura 36 – Cortejo da Princesa saindo da Igreja	75
Figura 37 - Cortejo no entorno da Praça do Coreto	76
Figura 38 - Escrava Anastácia com terno de Moçambique	76
Figura 39 - Princesa Isabel e os escravizados no cortejo	77
Figura 40 - Encenação da abolição na praça	77
Figura 41 - Forca excluída da encenação	77
Figura 42 - Trono Coroado no domingo	82
Figura 43 - Andores na Procissão	82
Figura 44 - Andores após a retirada das flores	83
Figura 45 - Preparando a descida do mastro	83
Figura 46 - Bandeira sendo aparada pelas pessoas na praça	84
Figura 47 - Terno Congo Sereno deixando a Praça da Santa Cruz	84
Figura 48 - Moçambique saudando o Cruzeiro das Almas	88
Figura 49 - Oratório do festejo da Boa Viagem	88
Figura 50 - Terno Catupé de São Benedito	88
Figura 51 - Bandeira de São Benedito	89
Figura 52 - Bandeira de Nossa Senhora do Rosário	89
Figura 53 - Bandeira de Santa Efigênia hasteada	89
Figura 54 - Congada de São Bento	90
Figura 55 - Trono Coroado	90
Figura 56 - Terno de Moçambique no almoço dos Reis	92
Figura 57 - Rainha Conga Dona Marcelina	92
Figura 58 - Dona Marcelina entregando a Coroa Conga	92
Figura 59 - Reis da Coroa Grande com Terno de Moçambique	95
Figura 60 - Missa Conga na Igreja	95
Figura 61 - Mastros hasteados ao lado da capela	95
Figura 62 - Princesa Isabel	96
Figura 63 - Dona Lilia caracterizada de escrava	96
Figura 64 - Terno Catupé Resende	96
Figura 65 - Ternos no almoço	96

Figura 66 - Reinadeiras(os) Caracterizados para a encenação	97
Figura 67 - Reis de Ano.....	97
Figura 68 - Terno de Vilão	97
Figura 69 - Capitão Tê com Moçambique de Santa Efigênia.....	98
Figura 70 - Moçambiqueiros cantando para pessoas da comunidade	98
Figura 71 – Palanque e a Igreja de Santos Reis no bairro Alto Alegre	102
Figura 72 - Interior da Igreja de Santos Reis.....	102
Figura 73 - Presépio da Igreja	103
Figura 74 - O presépio em detalhe	103
Figura 75 - Imagem da Virgem Maria Grávida.....	104
Figura 76 - Congo Sereno Conduzindo a Jovem Rainha	104
Figura 77 - Rainha aguardando a chegada do terno em seu trono.....	105
Figura 78 - Príncipe aguardando em seu trono.....	105
Figura 79 - Reinadeiros caminhando sob a chuva.....	106
Figura 80 - Festeiros pelas ruas do Alto Alegre	106
Figura 81 - Pequena bandeira do Moçambique.....	109
Figura 82 - Meninas gêmeas no Catupé do Zé Anézio.....	109
Figura 83 - Bebê Moçambiqueiro no colo.....	110
Figura 84 - Pequenos catupezeiros	110
Figura 85 - Pequeno congadeiro	110
Figura 86 - Capitão Geraldinho.....	115
Figura 87 – Os irmãos Geraldinho e Anielo no Terno de Marinheiro	115
Figura 88 - Terno de Marinheiro de Nossa Senhora das Mercês	116
Figura 89 - Os irmãos Anielo e Geraldinho na Igreja do Rosário.....	116
Figura 90 - A Rainha Conga Giovana	120
Figura 91 - A Rainha Conga Dona Lourdes e suas filhas	120
Figura 92 - Jovem da nova geração de Capitães do Terno de Marinheiro	128
Figura 93 - Menino da nova geração de Capitães do Catupé	128
Figura 94 - Capitão Geraldinho ao lado da neta.....	134
Figura 95 - Jovens sanfoneiras do Catupé do Zé Anésio	134
Figura 96 – Integrantes do Moçambique de Angola usando suas guias.....	141
Figura 97 –Moçambiqueiros usando suas guias.....	141
Figura 98 - Reinadeiros e comunidade na missa conga.....	145
Figura 99 – Comunidade acompanhando a saída do corte na Igreja das Mercês.....	145

Figura 100 - Reinadeiros e comunidade na porta do convento	146
Figura 101 – Prefeito Teko com reinadeiros	146

LISTA DE MATERIAL AUDIOVISUAL

Documentário Na Angola Tem https://www.youtube.com/watch?v=AyhB2LnEZK0	27
Vídeo Terno Guardas e Cortes - https://youtu.be/CQFRurHZwrw	28
Vídeo Cantoria Catupé de São Benedito - https://youtu.be/DyQ9hCdeSi4	51
Áudio Desafio Vilão de Santa Efigênia - https://youtu.be/-lO7h4P_Gu0	54
Vídeo Moçambique na casa da rainha - https://youtu.be/pAFdf8RPZ0Y	65
Vídeo Moçambique na Igreja das Mercês - https://youtu.be/C4aHvKVUQmo	72
Vídeo Almoço no Reinado da Boa Viagem - https://youtu.be/eM6fIuV8lmw	91
Vídeo Levantamento de mastro no Alto Alegre - https://youtu.be/u3qtClZc9bM	99

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Caminhos teórico-metodológicos	17
1.2	O trabalho de campo	21
2	A TRADIÇÃO DO REINADO EM ITAPECERICA	27
2.1	A cidade de Itapecerica.....	29
2.2	Um pouco de história: A Velha Tamanduá	37
2.2.1	A resistência negra no Rio das Mortes	39
2.2.2	O treze de maio de 1833	40
2.3	A Irmandade dos Homens Pretos de Tamanduá.....	42
3	OS FESTEJOS DE REINADO EM ITAPECERICA	45
3.1	Os festeiros e as coroas	45
3.2	Os mastros e as bandeiras	49
3.3	A cantoria e as amarrações	50
4	O GRANDE REINADO DO ROSÁRIO	57
4.1	O levantamento dos mastros	57
4.2	O Reinado de Coroas	64
4.3	O cortejo da Princesa Isabel.....	71
4.4	O fim do festejo	80
5	OUTROS REINOS E REINADOS	85
5.1	O Reinado da Boa Viagem	86
5.2	O Reinado de Lamounier	93
5.3	O Reinado do Alto Alegre	99
6	DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO.....	107
6.1	Sou marinheiro, marinheiro eu sou	111
6.2	É milagre de Coroa	117
6.3	A Pedagogia do Reinado.....	121
6.4	“Eu tô véio, mas eu aprendi com quem sabia né?”	129
6.5	“Gente, são misturas de religiões”	135
6.6	“Isso é coisa de gente mais... pouca classe”	142
6.7	Uma mensagem às novas gerações	147
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
	REFERÊNCIAS.....	152

1 INTRODUÇÃO

*Ê dá licença, ê da licença
Eu quero louvar
Eu quero saravar
Ave Maria, Santa Maria¹*

O festejo do Reinado de Nossa Senhora do Rosário acontece na cidade mineira de Itapecerica há mais de duzentos anos e tem como marca a perpetuação de tradições familiares. Em minha família já são quatro gerações de mulheres que, desde a coroação de minha Bisavó, têm a honra de participar do festejo, conduzindo a Coroa Perpétua de Rainha do Povo.

Há vinte e cinco anos me tornei a Rainha Perpétua do Reinado do Rosário de Itapecerica, representado minha Bisavó, Sra. Bromildes Vitorino dos Santos. No decorrer desse tempo vi muita coisa mudar no festejo em virtude, principalmente, do falecimento de muitas pessoas consideradas importantes pela comunidade. Dona Geralda Pio, Capitão Olivério, Capitão Laci, todos partiram e levaram consigo parte dos “mistérios” do reinado. A tradição se transformou a cada perda relevante e teve que ser adaptada pelos que herdaram a tradição.

Em contrapartida, vi nascer novos festeiros, novos ternos, novos capitães que herdaram suas tradições e alguns que tiveram a sorte de caminhar lado a lado com pais e avós. Em meio a tantas mudanças pude ver, sobretudo, a perseverança da tradição que se mantém como parte da identidade étnica e cultural de diversas famílias de Itapecerica e isso me faz perceber que essas famílias são o terreno fértil no qual essa tradição se enraíza tão fortemente.

Muito conhecimento acerca do Reinado de Itapecerica já foi produzido e publicado. Grande parte desse material retrata aspectos do festejo, da dança, do canto, além de parte da história oral que se concentra nas figuras célebres de fundadores e alguns grandes mestres. Pouco se estudou e divulgou sobre as famílias que ano após ano, por gerações, cantam, dançam, alimentam as pessoas, guardam os “mistérios” e festejam o Reinado do Rosário com a dedicação e o respeito de quem homenageia sua ancestralidade através de ritos e costumes ensinados ao pé do ouvido.

Refletir sobre a participação das famílias no Reinado de Itapecerica me fez crer que esta tradição está alicerçada por um complexo processo de educação que garante não só a transmissão de saberes, mas de preceitos e valores capazes de promover o fortalecimento das

¹ Toada cantada para pedir licença ao entrar em algum território, como os quartéis e a casa de festeiros, ou local sagrado como igrejas e capelas

famílias e da comunidade, a partir da afirmação de sua identidade étnica. Nessa perspectiva, o Reinado do Rosário de Itapecerica se mostra um relevante objeto de estudo sobre o desenvolvimento de processos pedagógicos em espaços não formais de educação, sobretudo quando se leva em consideração o fato de haver uma intensa interação entre diferentes gerações de reinadeiros que desempenham o papel de educadores e educandos ao mesmo tempo.

No ano de dois mil e quinze, em um curso de Aperfeiçoamento em Gestão Pública, escrevi um artigo sobre o fenômeno comportamental chamado de Conflito de Gerações, que no contexto organizacional pode comprometer o desenvolvimento dos processos de trabalho, justamente pela dificuldade de transmissão de conhecimento, que tende a acontecer dos mais experientes para os menos experientes. Revisitando o tema, percebi que poderia estar novamente diante do mesmo contexto de transmissão de conhecimento ao analisar o festejo do Reinado de Itapecerica. Um cenário muito semelhante ao descrito em minha pesquisa sobre o desenvolvimento organizacional parece estar se redesenhando nessa nova linha de pesquisa sobre o comportamento humano em coletividade.

O Reinado de Itapecerica é considerado uma importante forma de manifestação da cultura das famílias itapecericanas, sobretudo dos negros e seus descendentes. O Governo Municipal, reconhecendo a importância do festejo para a comunidade, providenciou o registro do Reinado do Rosário de Itapecerica como Bem Imaterial do Município². As Igrejas de Nossa Senhora do Rosário³ e de Nossa Senhora das Mercês⁴, onde ocorrem os ritos do festejo, foram tombadas e também são patrimônios protegidos. A Prefeitura ainda fez constar de seu inventário, como Bens Móveis e Integrados, as Coroas Perpétuas do Reinado, a Coroa Grande do Reinado Maior, a Coroa de São Benedito, além das Bandeiras e dos instrumentos da festa (Prefeitura de Itapecerica, 2019 e 2023).

Livros foram publicados contando a história da cidade, do festejo e da Associação responsável pela realização do Reinado. Em dois mil e quatro um projeto cultural de financiamento público deu origem ao CD duplo intitulado “O Reinado do Rosário de Itapecerica MG: da festa e dos mistérios”. Esse registro, que está presente no acervo do MIS – Museu da Imagem e do Som de São Paulo, traz cantos característicos dos Ternos de Moçambique, Catupé, Marinheiro e Vilão, cantos ritualísticos e festivos que trazem a essência da crença e dos ritos do festejo (Reinado, 2004).

² Decreto/homologação 026/2009. Inscrição nº 01/2009 no Livro de Registro das Celebrações

³ Decreto de Tombamento 2.043/2006. Inscrição n.º 09/2006 no Livro de Tombo

⁴ Decreto de Tombamento 056/2003. Inscrição n.º 05/2003 no livro de Tombo

No entanto, o que não se alcançou com os estudos já realizados é o entendimento sobre a forma como a tradição tem se mantido viva no seio das famílias congadeiras, ao longo de séculos. Pouco se sabe sobre a forma como as famílias ensinam sobre suas tradições, como os saberes são transmitidos entre pais e filhos, avós e netos. Não se sabe ainda como a interação entre pessoas de diferentes gerações é capaz de sustentar essas tradições, que se mostram alicerçadas na transmissão de saberes diversos e valores inerentes àquela coletividade.

A compreensão do processo de transmissão de conhecimento relacionado ao Reinado de Itapecerica se faz relevante para a comunidade porque contribui para o desenvolvimento de práticas de educação patrimonial, com vistas a preservar o festejo e com ele a memória da cidade e da comunidade negra.

Diante desse lapso de compreensão acerca da transmissão dos saberes relacionado ao Reinado do Rosário de Itapecerica, empreendemos o desenvolvimento da presente pesquisa, que encontra amparo Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB para levantar a hipótese de ocorrência de um relevante processo de coeducação para transmissão de saberes dessa tradição cultural.

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (Brasil, 1996)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação reconhece a importância dos processos pedagógicos desenvolvidos nos espaços não formais de educação e dessa forma valoriza a diversidade do saber popular que é socializado em movimentos culturais como o Reinado do Rosário de Itapecerica. A realização de estudos sobre os saberes das tradições culturais insere a Universidade em um contexto em que a educação popular flui na sua forma mais natural.

Ao estudar os processos educativos desenvolvidos nas tradições do Reinado do Rosário a Universidade tem a oportunidade de aprofundar-se no conhecimento da pedagogia desenvolvida no contexto cultural dos negros e negras que, ainda cativos, fincaram suas raízes nas terras das Minas Gerais. Tal ação é de grande relevância porque conhecer e compreender os movimentos coletivos da comunidade negra são passos importantes para o cumprimento do que preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em relação ao ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (Brasil, 1996).

No contexto da linha de pesquisa Culturas, Memórias e Linguagens em processos Educativos, pode-se afirmar que o estudo de manifestações da cultura Afro-Brasileira contribui para a construção de uma educação formal capaz de dialogar com negros e negras, demonstrando respeito por suas raízes históricas, valorizando sua cultura e garantindo o espaço que lhes é devido, na condição de educadores e educandos.

Diante de tais premissas, a presente pesquisa busca compreender como acontecem as aprendizagens intergeracionais no Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica, tendo em vista a preservação dos saberes e das tradições. Buscaremos ao longo deste estudo descrever densamente o festejo do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica, seus ritos, práticas e o contexto em que ele se realiza, bem como analisar aspectos e práticas do Reinado que se configuram como heranças tradicionais, (passadas de geração em geração), tais como as coroas congas e perpétuas, a capitania das guardas, entre outros. Pretendemos, por fim, apreender as trocas de saberes que ocorrem entre as diferentes gerações de reinadeiros, envolvidos na realização do festejo do Reinado do Rosário de Itapecerica.

Ao longo do presente texto será possível vislumbrar a complexidade do universo que exploramos, bem como dos processos de aprendizagem nele desenvolvidos. Ainda nesta Introdução, apresentaremos alguns aspectos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, as principais impressões e dificuldades enfrentadas do processo. No capítulo dois traremos aspectos gerais da tradição do Reinado, bem como informações históricas da cidade de Itapecerica e das Irmandades negras, que ajudarão na compreensão do contexto que se deu o início dos festejos.

No capítulo três traremos algumas explicações acerca de ritos, práticas e de alguns aspectos importantes dos festejos do Reinado do Rosário de Itapecerica. No capítulo quatro trazemos o relato do festejo do Grande Reinado do Rosário de Itapecerica, do ano de dois mil e vinte e três. O levantamento dos mastros, a missa conga, os cortejos, traremos todos esses momentos em relatos, imagens e material audiovisual produzido e cedido por colaboradores.

No capítulo cinco o relato se estende aos festejos realizados nos bairros da Boa Viagem e Alto Alegre e no distrito de Lamounier. No capítulo seis caminhamos mais precisamente no sentido de uma melhor compreensão, não somente do processo de transmissão dos saberes, mas da identidade cultural e religiosa dos reinadeiros e reinadeiras de Itapecerica. A partir das narrativas biográficas do experiente Capitão Geraldinho e da jovem Rainha Conga Giovana, refletiremos sobre diversos temas trazidos à tona através da experiência dos participantes e suas memórias afetivas, que nos contam sobre o passado, o presente e sobre o futuro que os aguarda.

1.1 Caminhos teórico-metodológicos

A presente pesquisa encontra-se circunscrita na intercessão entre a Educação, a História e a Antropologia, buscando ressignificar abordagens e formas de ler o mundo em sua multiplicidade e questionar a hierarquização das diversas culturas e dos diversos saberes. Nessa direção, articulamos conceitos e métodos que nos permitem analisar os sentidos das experiências vividas pelos reinadeiros e reinadeiras, além de estratégias e linguagens capazes de suprimir e ressaltar comportamentos e traços identitários.

Nesse sentido, considerando o contexto e os objetivos do estudo, optamos por desenvolver uma pesquisa qualitativa e de caráter etnográfico que, de acordo com Flick (2009), tem como objetivo compreender os processos de produção de eventos sociais, através de uma perspectiva interna, alcançada a partir da imersão do pesquisador no universo pesquisado.

Ancorado na premissa de que os comportamentos humanos só podem ser compreendidos se tomarmos como referência o contexto social em que eles acontecem, o método etnográfico é utilizado para descrever o comportamento de um grupo de pessoas a partir de um determinado fenômeno social, não com a pretensão de estabelecer a verdade sobre tal realidade, mas para evidenciar uma dimensão, uma interpretação do que se observa (Fonseca, 1998; Costa e Gualda, 2011).

Flick (2009) destaca que o objetivo do relato etnográfico é a descrição densa do fenômeno social observado, considerando os detalhes e as percepções apreendidas através dos instrumentos e técnicas de produção de dados. Nesse sentido, no método etnográfico o ato de

escrever é considerado tão importante quanto o processo de produção de dados, não se constituindo apenas como um ato instrumental.

Fizemos, também, a opção por um estudo biográfico narrativo, tendo em vista o desejo de apreender aspectos da experiência que, para Bolívar e Domingo (2006), podem ser explicitados através da narrativa biográfica das pessoas que vivenciam os processos de socialização que nos dedicamos a estudar. O universo da presente pesquisa se resume às pessoas que participam, tradicionalmente, do festejo do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica e o estudo proposto pode ser dividido em duas etapas, realizadas simultaneamente.

A primeira etapa é a pesquisa bibliográfica e documental, com vistas a estabelecer um arcabouço teórico conceitual capaz de embasar o estudo e a análise dos dados produzidos, bem como evidenciar aspectos históricos da cidade de Itapecerica e de seu passado escravocrata. Através da pesquisa bibliográfica exploramos temas como o escravismo em Minas Gerais, os conflitos e a resistência dos negros na Comarca do Rio das Mortes, o nascimento da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e do tradicional festejo do Reinado do Rosário. A relevância do Reinado na atualidade, enquanto patrimônio cultural, também é um tema enfrentado na pesquisa bibliográfica, que tende a se estender até o final do estudo.

Para Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é indispensável nos estudos históricos porque, em muitas situações, é a única forma de se obter informações acerca de fatos passados. Ele destaca, ainda, que a pesquisa bibliográfica permite que o pesquisador explore uma quantidade de informações que dificilmente poderia produzir com pesquisa direta.

Quanto à pesquisa documental, também relevante na contextualização histórica, social e cultural, Gil (2008) destaca que se diferencia da pesquisa bibliográfica apenas pela fonte de dados. Enquanto a pesquisa bibliográfica se concentra em material produzido a partir de métodos analíticos, a pesquisa documental é feita a partir de material que ainda não recebeu um tratamento analítico, como jornais, cartas e diários, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa em andamento, tais como relatórios, tabelas e dados estatísticos.

Trabalhos de historiadores como Maria Amália Corrêa Giffone e Tarcisio José Martins, bem como as pesquisas históricas realizadas pelo jornalista Carlos Antônio Gondim e pelo Professor Marcos Ferreira de Andrade forneceram importantes contribuições para a compreensão do passado que está no cerne da tradição do Reinado de Itapecerica. A

importância desta pesquisa bibliográfica e documental reside na impossibilidade de compreender uma tradição tão antiga sem compreender o passado onde residem suas origens.

Na mesma dimensão de importância encontram-se as experiências dessa tradição. Não é possível compreender algo tão inerente aos sentidos sem viver e observar os rituais de dentro. Sendo assim, a Antropologia nos conecta a esse universo, tanto pelo arcabouço teórico construído acerca das culturas, quanto através das metodologias desenvolvidas com a finalidade de promover a imersão necessária ao entendimento das culturas em suas diversas formas.

Nessa perspectiva realizamos uma extensa pesquisa de campo utilizando duas técnicas: observação participante e entrevistas narrativas. Ambos são considerados instrumentos de produção de dados adequados para o enfoque etnográfico, nas perspectivas de Flick (2009), Fonseca (1998), Costa e Gualda (2011), sobretudo por proporcionar uma maior interação do pesquisador com o universo e os participantes da pesquisa.

Malinowski (1978) afirma que há uma gama de fenômenos denominados por ele como “imponderáveis da vida”, que não podem ser registrados ou compreendidos apenas através de documentos ou informações obtidas por questionários. Tais fenômenos precisam ser observados enquanto ocorrem, em tempo real, pois refletem a essência da vida em seu universo de pesquisa. Para o autor, tais fenômenos requerem mais do que observação superficial e anotações, para ele é necessário que o pesquisador empreenda esforço para atingir a atitude expressa nos atos praticados pelos indivíduos e grupos, algo que só é possível através da observação participante.

A vida cotidiana, a rotina de trabalho, a vida social, as cerimônias e rituais, são aspectos considerados por Malinowski (1978) como “imponderáveis da vida”. Nessa perspectiva, Marques (2016) ressalta que a observação participante, ao se voltar para tais fenômenos, permite que o pesquisador compreenda as contradições entre as regras sociais e as práticas cotidianas das comunidades. Segundo ele, através da participação o pesquisador tem acesso a percepções não contempladas em uma pesquisa por questionário ou por uma observação superficial.

Ainda de acordo com Marques (2016), há muitas possibilidades de aplicação da observação participante no campo da Educação, dentre elas estão as investigações sobre processos de ensino-aprendizagem, incluindo a transmissão de saberes tradicionais. Para o autor, a observação participante dá ao pesquisador a possibilidade de compreender mais profundamente a constituição dos processos educativos e seus resultados.

Sobre a entrevista narrativa, Flick (2009) afirma que é uma alternativa que permite um alcance mais abrangente das experiências subjetivas do entrevistado. Tal afirmativa está em consonância com Bolívar e Domingo (2006), que consideram a narrativa o modo mais penetrante e importante de organizar e compreender as experiências da vida cotidiana. Para Bolívar e Domingo (2006) as entrevistas biográficas podem explicitar os processos de socialização, pois fornecem um conjunto de aspectos da vivência que outros métodos não contemplam, mas que se mostram relevantes nas investigações em ciências sociais, tais como os sentimentos, os desejos e propósitos dos sujeitos e grupos.

Flick (2009) propõe uma espécie de roteiro para a realização das entrevistas narrativas, começando com a pergunta gerativa feita pelo entrevistador para estimular a produção do relato biográfico. A partir de então terá início a primeira fase, com a produção da narrativa principal, considerada a mais importante. Nessa etapa o entrevistado deve falar livremente, sem interrupções. Na segunda etapa teremos a chamada investigação narrativa, quando o entrevistador poderá fazer novas perguntas, para explorar fragmentos da narrativa principal. Em seguida teremos a fase final, chamada de equilíbrio, onde o entrevistador poderá fazer novas perguntas em busca de uma síntese.

Tendo em vista o objetivo da pesquisa, os entrevistados deverão ser pessoas que participam do festejo do Reinado do Rosário de Itapecerica e que vivenciaram o processo de transmissão geracional das tradições. Ao todo serão 03 (três) participantes, selecionados de acordo com os seguintes critérios:

- Um rei ou rainha (congo ou perpétuo), ou um mordomo, dentre os mais jovens, que tenha herdado a tradição de um familiar mais velho;
- Um homem ou uma mulher, dentre os mais velhos, que tenha sido rei ou rainha (congo ou perpétuo), ou mordomo e que tenha transmitido a tradição a um familiar mais jovem;
- Um capitão de terno, dentre os mais experientes, que esteja ensinando ou tenha ensinado o ofício a um jovem capitão.

Considerando o universo e sobretudo o fenômeno em que o presente estudo se concentra, as entrevistas narrativas, associadas à observação participante, podem proporcionar a melhor compreensão das experiências vivenciadas pelos reinadeiros, propiciando o pleno alcance dos objetivos traçados.

1.2 O trabalho de campo

De acordo com Flick (2009), nas pesquisas qualitativas há que se considerar a comunicação do pesquisador em campo como parte da produção do conhecimento. Além de suas observações, suas reflexões, sentimentos e atitudes tornam-se dados complementares para interpretação do fenômeno pesquisado. Ainda de acordo com o autor, a subjetividade do pesquisador é parte do processo de pesquisa e por isso trago aqui algumas impressões, alegrias e dificuldades enfrentadas no trabalho de campo, parte mais desafiadora da presente pesquisa.

Após a devida aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP⁵ demos início às incursões de campo para realização das atividades propostas: observação participante e entrevistas narrativas. Essa etapa é a mais complexa tendo em vista, sobretudo, a necessidade de deslocamento entre localidades relativamente distantes.

Moro na cidade de Belo Horizonte que fica a cento e oitenta e três quilômetros de Itapecerica. Não disponho de veículo particular e por isso utilizo o transporte coletivo rodoviário, que limita as possibilidades e torna o deslocamento bem demorado. As viagens que vão da capital até a rodoviária de Itapecerica ocorrem duas vezes ao dia, com duração média de quatro horas e meia. Há ainda a possibilidade de deslocar-se da capital para cidades vizinhas (Divinópolis ou Formiga) e de lá para Itapecerica. Nesse caso a baldeação pode aumentar o tempo de viagem em horas.

O objeto central das observações é o festejo bicentenário que acontece no mês de agosto, mas optamos por estender a observação aos demais festejos realizados na cidade de Itapecerica, a fim de enriquecer a pesquisa de campo. A Prefeitura da cidade divulgou o calendário de reinados e assim foi possível planejar as viagens para acompanhar quatro festejos: O Reinado da Boa Viagem; o Reinado de Lamounier, o Grande Reinado de Itapecerica (do bairro Alto do Rosário) e o Reinado do Alto Alegre.

O calendário foi aberto pelo festejo da Boa Viagem, que aconteceu entre os dias doze e quatorze de maio de dois mil e vinte e três. Acompanhar as atividades desse festejo foi relativamente fácil porque os pontos centrais (o convento, o palanque, os mastros e a igreja) estavam concentrados em alguns quarteirões da Avenida Nossa Senhora da Boa Viagem, entre a ponte e a praça da igreja. A dificuldade estava no deslocamento entre o hotel e o local

⁵ Parecer Consubstanciado n.º 5.959.789, de 23/03/2023

do festejo. O Reinado da Boa Viagem mobilizou uma enorme quantidade de pessoas em toda a cidade. Os participantes e observadores lotaram a estrada de acesso ao bairro, tornando inviável o trânsito de veículos. Foi necessário percorrer uma grande distância a pé, por uma rua íngreme, até o local chamado de “cava da Boa Viagem”. Esse percurso foi repetido nos três dias de festejo, foi difícil, mas não o suficiente para esmorecer o ânimo ou a alegria da empreitada.

O segundo festejo que acompanhamos foi realizado no simpático distrito de Lamounier, nos dias quatorze, quinze e dezesseis de julho de dois mil e vinte e três. Em Lamounier a maior dificuldade foi conseguir boas fotografias durante os cortejos. As ruas largas do distrito são em sua maioria mal iluminadas, o que requer um equipamento mais potente para conseguir boas imagens. Foi preciso paciência para aproveitar os pontos mais iluminados, como a porta do convento e a praça onde foi instalado o palanque.

Durante o festejo de Lamounier realizei a primeira entrevista, com o Capitão Geraldinho do Terno de Marinheiro, o terno mais antigo em atividade na cidade de Itapecerica. A entrevista foi realizada no domingo, dia quinze de julho de dois mil e vinte e três, pela manhã, na casa do Capitão, que me recebeu acompanhado de seu genro.

Planejamos a realização de entrevistas narrativas, conforme prescrito por Flick (2009), mas a presença de uma terceira pessoa ensejou a adaptação do método à situação. Na primeira fase a entrevista transcorreu conforme o planejado. A partir da pergunta gerativa o entrevistado discorreu por cerca de vinte e dois minutos, sem interrupções, até a fala que indicou o fim da narrativa central. Foi um belo relato, onde o entrevistado contou o início de sua vivência no Reinado do Rosário de Itapecerica e como foi sua trajetória até se tornar capitão do Terno de Marinheiro e um dos grandes mestres do Reinado de Itapecerica.

As etapas seguintes, as fases da investigação e do equilíbrio, precisaram de adaptação porque foram realizadas com a participação de uma terceira pessoa. Foi possível complementar algumas informações trazidas na narrativa principal, mas também surgiram outros relatos importantes, que trouxeram fatos relevantes para a investigação e para a compreensão do sentido do reinado para os reinadeiros. A fé em Nossa Senhora do Rosário, a perseverança nas adversidades, os conflitos típicos de contextos coletivos, esses e diversos outros temas foram abordados.

Estimulado não só por minhas perguntas, mas também pelas colocações do genro, o Capitão cantou versos, falou sobre minha família, falou sobre a importância de manter vivo o legado de minhas ancestrais, me ensinou uma oração, fez tudo que um grande mestre faz diante de um aprendiz. É fato que naquele momento eu não era apenas uma pesquisadora, mas

uma reinadeira, uma filha do Rosário diante de um dos seus mestres e por isso o ouvi com atenção, intervindo no sentido dos objetivos da entrevista, mas sem desrespeitar a vocação do mestre.

Como Rainha Perpétua devo ter atenção aos ensinamentos de mestres como o Capitão Geraldinho e portar-me com o devido respeito quando ele compartilha comigo sua experiência e sabedoria. Entendendo as particularidades do contexto, optei por adaptar-me e tomar parte no que se tornou, por fim, uma conversa emocionante e extremamente gratificante para mim, como pesquisadora e também como reinadeira.

O Terceiro festejo foi o Grande Reinado de Itapecerica, o festejo bicentenário que deu origem a todos os outros e que constitui o principal artefato cultural dessa pesquisa. Esse festejo aconteceu entre os dias onze e quatorze de agosto de dois mil e vinte e três e dessa vez não apenas observei, mas também participei cumprindo minha missão de Rainha Perpétua. Isso tornou as coisas um pouco mais complexas, mas não impediu que pudesse participar e relatar momentos importantes como a missa conga, o hasteamento dos mastros e o cortejo da Princesa Isabel.

Nos dias que tomei parte no trono não foi possível realizar registros de imagem, pois o Reinado é uma festa religiosa e a liturgia exige que minha atenção esteja voltada ao cumprimento do meu papel de Rainha Perpétua. Infelizmente não dispunha de auxiliares nessa tarefa, mas consegui fazer parcerias com fotógrafos e profissionais que registraram diversos momentos do festejo e gentilmente cederam imagens para que pudesse complementar os relatos descritivos que fiz ao longo desse escrito.

Outra grande dificuldade foi cumprir a maratona de compromissos diante de minha maior adversidade, minha condição de saúde. Tenho uma miocardiopatia, doença que traz alguns desdobramentos e compromete sobremaneira minha capacidade funcional. Uma maratona de quatro dias de atividades nas ladeiras de Itapecerica exige manejo de medicação, atenção à alimentação e muita paciência para lidar com os sintomas da insuficiência cardíaca. Felizmente a alegria do festejo e a satisfação de estar atingindo os objetivos da pesquisa se sobrepuseram facilmente a todas as dificuldades.

Entre os dias vinte e cinco e vinte e sete de agosto acompanhei o último festejo, no bairro Alto Alegre. Nessa ocasião fiquei hospedada na casa de Dona Kenea e sua família. Passei três dias na companhia da anfitriã, seus filhos Lucas e Lorena, sua linda neta Ayla e seus animais de estimação. Foi uma grata experiência, que me lembrou os tempos de criança, quando minha família se reunia para o festejo no Alto do Rosário. Me fez sentir saudades de minha tia avó, do cheiro da lenha queimando no fogão e do café servido nas canecas

esmaltadas que ficavam penduradas na parede. A localização da casa de Dona Kenea facilitou bastante a observação, pois vários ternos passavam pela rua com seus festeiros. Era relativamente fácil chegar ao ponto central da festa e também pude ir com a família para um dos almoços do festejo.

Em nove de janeiro de dois mil e vinte e quatro realizamos a segunda entrevista do estudo. A entrevistada foi a jovem Giovana Reis, que assumiu em dois mil e dezenove a Coroa Conga do Grande Reinado do Rosário de Itapecerica. A entrevista foi realizada em Itapecerica, na bela praça do coreto, ao ar livre. Foi uma conversa agradável e muito emocionante, já que a história de nossa entrevistada com o reinado perpassa sua história de vida com a falecida mãe.

No mês que realizamos a entrevista a cidade de Itapecerica enfrentava problemas em virtude do grande número de casos de dengue. A situação já causava impactos no pronto atendimento médico prestado pela Santa Casa de Misericórdia, preocupava autoridades e sobretudo a comunidade. Permaneci na cidade por cinco dias e após a volta para casa fui diagnosticada com dengue, quadro que foi agravado pelas comorbidades pré-existentes, resultando em uma internação de cinco dias para tratamento da fase aguda da doença.

Mais uma vez fica evidente para mim, como pesquisadora, que há um tortuoso caminho a ser percorrido entre o planejamento e a execução de uma pesquisa, um caminho que requer foco, perseverança e parcerias sólidas, sobretudo para a devida orientação diante de intempéries como essa.

Havíamos definido três perfis para realização das entrevistas, duas pessoas com considerável tempo de atuação no reinado para nos trazer a experiência dos mestres e a visão daqueles que transmitem seus saberes às novas gerações. O terceiro perfil traria uma pessoa jovem, com a perspectiva do aprendiz, de quem busca seu espaço na tradição. Realizamos, então, a primeira entrevista com o experiente capitão Geraldinho e a segunda com a jovem rainha Giovana.

Após analisar o conteúdo das duas entrevistas, a partir dos objetivos traçados, concluímos que já havia material suficiente para realizar as reflexões necessárias para a conclusão do estudo de campo e da pesquisa. Sendo assim, a fim de evitar maiores desgastes à minha própria saúde, optamos por abrir mão da terceira entrevista, uma decisão difícil, mas necessária naquela altura.

Encerradas as incursões de campo, as entrevistas gravadas foram então transcritas na íntegra. Após esse processo buscamos identificar passagens que contemplassem os principais aspectos das narrativas. A partir desse procedimento elaboramos um quadro

sinóptico e identificamos seis núcleos de significação, que agregam os principais temas trazidos por nossos narradores, conforme procedimento descrito por Silva e Pádua (2010, p. 113).

[...] logo após as transcrições, na releitura do material, buscando identificar os principais aspectos apresentados nas narrativas e as possíveis categorias de análise. Esses principais aspectos inicialmente identificados, em seguida vão sendo agrupados em categorias mais amplas, em uma primeira tentativa de desvelamento dos temas principais abordados em cada entrevista, seguindo a lógica da narrativa principal de cada entrevista e acrescentando outros dados a respeito dos aspectos abordados a partir das solicitações de esclarecimento por parte do(a) entrevistador(a).

O quadro apresentado a seguir sintetiza esse processo, delimitando os temas e assuntos que compõem cada núcleo de significação.

Figura 1 - Quadro Sinóptico

Núcleo de significação	Temas/assuntos abordados
Família e herança cultural	Descendência (pais, avós, irmãos, filhos); heranças (coroas, ternos); a importância da tradição; o desejo de deixar o próprio legado.
A Pedagogia do Reinado	O jeito que aprendi; o jeito que ensino; as histórias e os cantos; os ensinamentos dos mais velhos (pais, mães, tios, irmãos).
A dinâmica intergeracional	Como eram as coisas antigamente; como as coisas mudaram; como é ensinar aos jovens; como é aprender com os mais velhos; os conflitos entre as gerações.
Sincretismo e/ou dualidade religiosa	Os elementos católicos; os elementos de matriz africana; as histórias de antigamente; a espiritualidade.
Fé e perseverança	A fé nas dificuldades; a confiança nos Santos; o compromisso de fé.
O Reinado e a sociedade	Percepção da sociedade sobre o Reinado e os reinadeiros; a importância do Reinado para a cidade.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A partir destes núcleos de significação realizamos novas pesquisas bibliográficas que auxiliaram na análise hermenêutica dos dados, considerando todo o contexto e a subjetividade das experiências narradas, para construir uma reflexão em que o horizonte do entrevistado se funde com o do pesquisador. Organizamos o capítulo final da dissertação, refletindo sobre os temas e assuntos trazidos pelos participantes da pesquisa e alicerçamos nossas reflexões no arcabouço teórico que traz contribuições não só da educação, mas da sociologia e da antropologia.

A partir de agora começaremos a descortinar o conteúdo construído através de nossa pesquisa. No capítulo seguinte apresentaremos a cidade de Itapecerica e sua história, contada por suas ruas, praças e igrejas. Estudando o passado escravista da capitania de Minas colocaremos em evidência fatos que ajudam a compreender o significado da tradição do reinado.

2 A TRADIÇÃO DO REINADO EM ITAPECERICA

*Terra boa
Essa terra de Coroa
Mora no meu coração
Olha só que coisa boa!*⁶

Festejos de Reinado e/ou Congado são realizados por todo estado de Minas Gerais e, embora possamos observar diferenças em alguns ritos e fundamentos, de uma forma geral guardam a mesma essência e uma dinâmica muito parecida. É possível observar que parte dos ritos e fundamentos tem a mesma origem, o surgimento da Virgem do Rosário.

Essa história é contada e cantada pelos devotos durante os festejos, com algumas variações típicas da tradição oral, mas guardando sempre o mesmo sentido. Os Capitães do Terno de Moçambique de Itapequerica a contam no início do documentário Na Angola tem (2016, s/p.):

A Nossa Senhora do Rusário foi encontrada numa água né, na pedra, aí es falô como é que nós vai trazer Nossa Senhora do Rusário? Es foi ca banda de música, Nossa Senhora num cumpanhô não (Capitão Tonho Pretinho).

Lá levaram o Vilão, muito bonito, muito bem arrumado, Nossa Senhora deu só um sorriso e ela não saiu. Depois foi o Catupé⁷, foi lá o Catupé, muito bem arrumado, pra poder tirar Nossa Senhora, ela deu um sorriso pra ele e, ela não saiu (Capitão Juranda).

Aí tinha uns preto véi da Africa, aí um falou assim: vamo formar um corte⁸ pra nós ir lá na Nossa Senhora do Rosário pra ver se ela acumpanha nós? Aí um falou: mais não vai adiantar nós ir lá, ela não acumpanha os jovi, vai acompanha esses nego, do cabilim enrolado, nariz esburrachado, carcanhar rachado. Falou: não, mas nós vai formar.

“O nego mais velho passou a mão numa bengala, que é o Bastão, uns passou a mão num zabumbu, outros passou a mão na patangoma. Aí quando eles chegou nas água, que es bateu e chacoalhou a gunga, chacoalhou a zabumba, e aqueles nego pisô e o nego véi cantô, a Nossa Senhora ali deu continência (Capitão Tonho Pretinho).

E ele pegou o bastão e pegou cantou pra ela: Ô minha mãe, esse meu bastão é de jacarandá, que virou pinguela pra senhora passar, agora eu peço a senhora, pelo amor de Deus, queira me acumpanhar e ele pegou, afastou e Nossa Senhora acompanhou ele e levou ela na capela (Capitão Juranda)⁹.

⁶ Toada cantada nos festejos para saudar o território, os festeiros, os reinadeiros, demonstrar satisfação.

⁷ Catupé e Vilão são grupos de cantadores e dançadores que participam dos festejos de Reinado. Esses grupos são chamados de guardas, cortes ou ternos.

⁸ O Capitão refere-se à formação de um terno ou uma guarda. Observe que a palavra corte tem dois significados no contexto do reinado. Se a pronúncia for “côrte”, refere-se ao trono coroado, reis, rainhas, príncipes e princesas; mas se a pronúncia for “côrte”, refere-se a um grupo de cantadores e dançadores.

⁹ Assista ao documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=AyhB2LnEZK0>

Essa história nos revela dois aspectos importantes sobre os festejos de reinado e congado, um deles é a razão da devoção a Nossa Senhora do Rosário, que abraçou os negros em detrimento de todos os demais quando de sua aparição. Essa passagem é cantada em muitos versos para que todos compreendam a razão de ser ela a Santa dos Negros:

*E vem do mar
E vem do mar
E lá vem Nossa Senhora
Virgem Santa mãe de Deus
Ela é a mãe dos negro
É a Santa que todo mundo adora¹⁰*

Outro aspecto importante é o papel dos ternos de Moçambique nos festejos. Em Itapecerica é possível encontrar diversos tipos de terno: os ternos de Catupé, com seus pandeiros e chapéus enfeitados, que dançam com grande alegria e força, resistindo ao sol e ao sereno da noite; Os Congos e as Congadas, que chamam a atenção pelo toque dobrado e o canto sempre alegre saudando os santos e a corte; os ternos de Vilão que encantam pelos versos sempre bonitos e pela dança das manguaras enfeitadas; os Marinheiros, que também contagiam com o toque marcado pelo tamborim de seu capitão. Mas dentre todos, o terno de Moçambique, com seus lamentos cantados ao som das caixas e do chocalhar das gungas e patangomes, tem papel central nos rituais, pois foram os escolhidos por Nossa Senhora do Rosário¹¹. Todos os ternos são importantes em um festejo, mas existem ritos que somente os moçambiqueiros podem realizar.

No Grande Reinado do Rosário de Itapecerica, no primeiro dia de festejo todos os ternos conduzem os Mordomos com as Bandeiras Santas até a Praça da Santa Cruz, mas somente o terno de Moçambique pode levar as Bandeiras Santas até o pé do mastro para o rito de hasteamento. Durante o cortejo da Princesa Isabel todos os ternos participam, mas ao pé da carruagem, cantando e saudando a princesa, serão vistos somente ternos de Moçambique.

Os Reis Perpétuos e Congos devem ser conduzidos por um terno de Moçambique durante o cortejo e cabe ao Moçambique cantar a Salve Rainha durante o ritual de coroação. Essa dinâmica pode variar nos outros festejos realizados pelos bairros e distritos da cidade, em diversos momentos percebi e ainda percebo flexibilização e adaptação de vários ritos em

¹⁰ Toada cantada nos festejos para louvar Nossa Senhora do Rosário

¹¹ Assista ao vídeo dos diferentes ternos <https://youtu.be/CQFRurHZwrw>

diversas ocasiões durante os festejos de Itapecerica, mas em via de regra, os moçambiqueiros sempre terão o papel central nos rituais do reinado.

Dono de Coroa

Dono de Coroa

Dono de Coroa

*Moçambiqueiro é dono de Coroa*¹²

Repetindo o rito de conduzir Nossa Senhora do Rosário, os reinadeiros realizam os cortejos onde são conduzidos os símbolos de Nossa Senhora do Rosário e de outros santos. Os ternos conduzem as Coroas Santas, as Bandeiras Santas e os andores com imagens dos santos reinadeiros. Esses ritos são repetidos com grande alegria e devoção nas mais diversas localidades e não é diferente em Itapecerica, uma cidade onde o Reinado se faz presente há mais de duzentos anos, como parte importante do passado e do presente, conforme veremos a seguir.

2.1 A cidade de Itapecerica

Para compreender a tradição do Reinado em Itapecerica precisamos, inicialmente, conhecer essa pequena cidade localizada no centro-oeste mineiro, que ganhou o apelido de Cidade das Rosas em virtude dos diversos jardins onde florescem rosas de todas as cores. Sentar-se nas belas praças, sentir o aroma das flores, observar os pássaros e as pessoas, confere momentos de tranquilidade e paz a seus moradores e visitantes. Caminhar pela cidade é visitar o passado presente nos casarões, nas igrejas centenárias, em monumentos que nos fazem contemplar a história.

O Pelourinho, símbolo da autoridade, foi o primeiro monumento erguido na Vila de Tamanduá, que mais tarde se tornou a cidade de Itapecerica. O pelourinho era utilizado na aplicação de pena (açoite) a todos os condenados por crimes, mas observá-lo faz pensar, sobretudo, nos castigos aplicados aos escravizados. O monumento original não existe mais, mas uma réplica foi construída na Praça do Pelourinho, em comemoração ao bicentenário do município.

¹² Toada cantada pelos moçambiqueiros para ressaltar sua particular missão no reinado.

Na alvorada da então Vila de Tamanduá também foi encomendada a construção da Igreja Matriz de São Bento, padroeiro da cidade. De acordo com Garcia (2012) a construção da Igreja Matriz teve início em mil oitocentos e vinte e cinco e foi concluída oitenta e cinco anos depois. A Igreja impressiona pelo tamanho e beleza, como tantas outras espalhadas pelas Minas Gerais.

Caminhando um pouco entre a Igreja Matriz e a Praça do Pelourinho passa-se pela Praça dos Expedicionários, onde um monumento homenageia os cidadãos itapekericanos enviados à Itália para lutar como soldados da Força Expedicionária Brasileira. O monumento traz uma placa com o nome desses itapekericanos e uma mensagem saudando aqueles que “*corajosamente, souberam combater a opressão e defender os nobres ideais da liberdade*”. É a história sendo contada de praça em praça.

A força da religiosidade também fica evidente para quem caminha pela área central da cidade e passa pela bela Igreja de São Francisco ou pelos diversos “Passinhos”, que são pequenas capelas nas quais se contempla as passagens da Via Sacra Bíblica. Todos os anos, durante a Semana Santa uma procissão passa por todos os passinhos rememorando os acontecimentos bíblicos. Os Passinhos ficam sob os cuidados da comunidade, que os mantém aberto para visitação durante todo o ano.

Os símbolos do Reinado também estão presentes na arquitetura da cidade, sendo o mais antigo a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Vila de Tamanduá no século dezenove. A Igreja do Rosário, embora construída pelos negros da Irmandade, parecer ter sido por todo esse tempo um território conflituoso. De acordo com Vieira e Gondim (2018) houve um período em que a Irmandade não pode realizar seus ritos dentro da Igreja, que sempre esteve de fato sob o comando da Diocese Católica. Ainda hoje é possível encontrar a igreja fechada durante o festejo, ocasião em que a Missa Conga acaba por ser realizada na Praça da Santa Cruz.

A Praça da Santa Cruz, por outro lado, se tornou um território definitivamente do Reinado do Rosário. Não foi possível precisar o momento em que o festejo começou a concentrar-se nesse local, mas para mim essa praça sempre foi o ponto central do festejo. É lá que se ergue os mastros para o início do festejo e onde se instala palanque que recebe o Trono Coroado ao fim dos cortejos. É para lá que os ternos levam as Coroas Santas, é onde a Mãe do Rosário aguarda todos os reinadeiros, é para lá que todos são chamados.

Há alguns anos a Prefeitura empreendeu uma grande reforma no local, construindo um monumento à festa, uma grande coroa que se ergue sobre todos e não deixa dúvidas sobre o pertencimento daquele espaço. O primeiro festejo realizado na nova praça foi

marcado por um belo momento que tive o prazer de presenciar. Cumprindo meu papel de Rainha, do palanque pude ver quando um grande cordão de reinadeiros foi formado em volta do monumento, todos cantando com grande alegria:

*Nessa praça tem coroa
E nessa praça tem bandeira
E nessa praça tem amor
A Senhora do Rosário
Ela é nossa Padroeira*

Considero esse um momento de grande importância para as novas gerações de reinadeiros, pois para mim a Praça da Santa Cruz tornou-se um espaço irrevogavelmente pertencente aos reinadeiros, um lugar para onde convergem todos os participantes do Reinado do Rosário, inclusive os que passam pelas portas fechadas da Igreja do Rosário.

A Igreja de Nossa Senhora das Mercês também faz parte do território do Reinado, é lá que a Princesa Isabel aguarda pelos ternos que a conduzirão em cortejo, no domingo do festejo. É lá que os ternos se reúnem para saudar a representante da soberana que assinou a Lei Áurea, dando fim à escravidão. Na frente do altar a princesa é saudada pelos capitães que cantam seus versos de alegria e de lamento, relembrando o cativo e celebrando a liberdade.

Um símbolo do Reinado foi recentemente somado aos marcos arquitetônicos da cidade, uma imagem em tamanho real de uma das reinadeiras mais célebres de Itapecerica, a saudosa Dona Geralda Pio, que durante décadas participou do teatro da abolição da escravidão no domingo do festejo. A estátua foi colocada no largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, à margem da Rua do Rosário, por onde passam os cortejos do Reinado. Dessa forma, Dona Geralda se faz presente em todos os festejos, como que saudando os irmãos do Rosário que passam pela estátua e dela se recordam.

Neste ano de dois mil e vinte e três um belo oratório foi construído na lateral da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, dentro pudemos encontrar as imagens de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Me pareceu algo providenciado para remediar a corriqueira frustração de ternos e devotos que, durante os dias de festejo, sobem a escadaria da Igreja e se deparam com suas portas fechadas. O oratório foi erguido como um anexo, de forma que o terno ou devoto que se deparar com as portas fechadas, naturalmente seguirá pela lateral da igreja, para chegar à Praça da Santa Cruz e se deparará com o belo oratório onde poderá saudar a padroeira e depositar suas preces.

As marcas arquitetônicas presentes pela cidade de Itapeceerica remetem a uma dimensão importante do Reinado, a dimensão patrimonial, para a qual o Governo Municipal já se atentou. Territórios e relíquias do reinado são hoje bens protegidos e o Reinado do Rosário de Itapeceerica é Patrimônio Imaterial do Município. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o Patrimônio Cultural Brasileiro não se resume a objetos históricos ou monumentos já protegidos, existe também o “patrimônio vivo”, que são formas de expressão reveladoras de múltiplos aspectos das diversas culturas existentes em nosso território nacional. De acordo com o instituto “os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares”.

Nesse prisma, o Reinado se faz importante para a preservação do patrimônio histórico material e imaterial de Itapeceerica, na medida em que a visualização constante dos seus símbolos torna a tradição presente no dia a dia dos habitantes da cidade. Nesse sentido, ao analisar o contexto de aprendizagem na folia de reis, Dutra (2017, p. 113) faz apontamentos que se aplicam sem reparos ao contexto do Reinado de Itapeceerica, evidenciando o papel da tradição mediante a história cultural:

A preservação desse patrimônio cultural imaterial encontra seu fundamento na recriação da manifestação pelos sujeitos envolvidos na festa, que se convertem em guardiões de uma memória cultural e religiosa enraizada na sociedade brasileira.

Itapeceerica, assim como outras cidades mineiras, pode ser vista como um grande museu a céu aberto, onde o passado pode ser visto pelas ruas, eternizado através de suas igrejas centenárias e monumentos erguidos para marcar momentos importantes da história que está na ponta da língua dos “mais antigos”. No entanto, para refletir sobre certos aspectos do Reinado do Rosário e seu significado, é preciso voltar a um passado que não está tão evidente pelas ruas da cidade, a um passado que está presente no canto, na dança, na alegria, mas sobretudo nos lamentos entoados pelos reinadeiros de Itapeceerica, um passado as vezes subvertido ou esquecido, mas que será aqui rememorado.

Figura 2 - Igreja Matriz de São Bento



Fonte: produzido pela autora, 2022

Figura 3- Pelourinho



Fonte: Produzido pela autora, 2022

Figura 4 - Monumento aos Expedicionários



Fonte: Produzido pela autora, 2022

Figura 5 – Monumento à Coroa do Reinado na Praça da Santa Cruz



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 6 – levantamento do mastro na Praça da Santa Cruz



Fonte: Produzida pela autora, 2022

Figura 7 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Produzida pela autora, 2022

Figura 8 – Reinadeiros às portas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Produzida pela autora, 2022

Figura 9 - Monumento à Cultura Popular
(homenagem à Dona Geralda Pio)



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 10 – Oratório erguido na lateral da Igreja de
Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Produzida autora, 2023

Figura 11 – Igreja de Nossa Senhora das Mercês



Fonte: Produzida pela autora, 2022

Figura 12 - Moçambiqueiros na Igreja das Mercês



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 13 - Reinadeiros na Igreja das Mercês



Fonte: Produzida pela autora, 2023

2.2 Um pouco de história: A Velha Tamanduá

A Comarca do Rio das Mortes¹³ foi uma das três primeiras criadas na Capitania das Minas Gerais, tendo como sede a Vila de São João Del-Rei. A região da comarca conhecida como Conquista de Campo Grande da Picada de Goiás era apenas um ponto de descanso para os viajantes até que, no final da década de mil setecentos e trinta, o bandeirante Feliciano Cardoso de Camargo decide iniciar a exploração de ouro na localidade, dando origem ao arraial que mais tarde se tornou a Vila de São Bento de Tamanduá. Em outubro de mil oitocentos e oitenta e dois a vila já havia se tornado cidade e foi então rebatizada de Itapecerica.

A Comarca do Rio das Mortes não era a maior em extensão, mas logo se tornou a mais populosa da Capitania de Minas. Segundo Andrade (1998), entre mil oitocentos e trinta e três e mil oitocentos e trinta e cinco a comarca possuía uma população total de 91.979 habitantes, sendo 55.146 homens e mulheres livres e 36.833 homens e mulheres escravizados. Isso significa que 40,1% da população da comarca do Rio das Mortes era de escravizados, um dado importante para a compreensão do quanto a população negra foi representativa na constituição cultural e social da região.

No entanto, esse dado também reflete outros aspectos do contexto social da Comarca do Rio das Mortes. A grande proporção de cativos gerava uma grande preocupação entre os senhores de escravos, revelando uma constante tensão, que por vezes culminou em fugas, revoltas e movimentos de insurreição. Esses movimentos de resistência marcaram a história do escravismo no Brasil e se tornaram parte da história de lugares como a Velha Tamanduá.

Após termos situado a região onde se encontra a cidade de Itapecerica, refletiremos sobre a resistência negra à escravidão na Comarca do Rio das Mortes, as tensões e o movimento de insurreição que chocou a sociedade mineira no treze de maio de que poucos se lembram.

¹³ A Comarca foi batizada com o nome de um grande rio da região. O Rio das Mortes, por sua vez, foi assim nomeado em razão de um conflito conhecido como Capão da Traição, ocorrido durante a Guerra dos Emboabas. Nesse conflito, vários paulistas foram mortos e seus corpos foram atirados ao rio.

Figura 14 – Mapa Comarcas da Capitania de Minas



Fonte: Projeto Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes – UFSJ

Figura 15 – Mapa Comarca do Rio das Mortes



Fonte: Projeto Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes – UFSJ

2.2.1 A resistência negra no Rio das Mortes

A Comarca do Rio das Mortes foi palco de rebeliões e abrigou importantes quilombos, que foram brutalmente atacados, conforme consta em correspondência enviada pela Câmara de Tamanduá à corte portuguesa, em vinte de julho de mil setecentos e noventa e três¹⁴. O objetivo da correspondência era obter a intervenção da Rainha Maria I, para definição dos limites territoriais entre o Termo de Tamanduá e a Capitania de Goyaz. Ao longo da referida carta, são relatadas diversas ações das autoridades mineiras contra negros rebeldes e contra quilombos, demonstrando que a Capitania de Minas foi palco de grande violência e que nunca saberemos ao certo quantos foram os que tiveram a vida ceifada na luta pela liberdade do povo negro.

O documento relata que a região era habitada por um grande número de negros fugidos que “*inquietavam os novos povoadores com cruelíssimas mortes, façanhosos, roubos, e inconsiderável hostilidade*”. Em virtude disso, ataques foram empreendidos aos quilombos de Campo Grande, Ambrozio, Samambaya e Canhalho. O documento relata que em agosto de mil setecentos e sessenta, uma campanha “*abrazou e destruiu toda a multidam de negos aquilombados pelo Andaya Bambuhy, Corumbá, Santa fé, Jacuy e Rio das Abelhas, Rio grande e Parnahyba*”. O relato segue dizendo que “*Desinfestada a campanha de semelhante qualidade de inimigos, principiarão a entrarem algumas bandeiras particulares a buscarem oiros e afazendar-se pelas paragens mais uteis.*” (Câmara de Tamanduá, 1837, p.376).

A carta também traz um relato acerca da criação da Vila de Tamanduá, hoje Itapecerica, onde o Sargento Mor Manuel Alves Gondim, o Guarda mor Manoel Rodrigues Gondim e o guia Agostinho Nunes de Abreu se estabeleceram. O documento diz:

[...] edificarão o Arrayal do Rio das Abelhas, abrirão regos chamados ainda hoje do Povo e permanecerão até o anno de mil e sete centos e secenta e três e as suas casas ficarão servindo de Intendência e lhes ia administrar o pasto Espiritual o Vigário Gaspar Alves Gondim encomendado da Igreja Matriz de Sam Bento de Tamanduá, hoje do novo termo”. (Câmara de Tamanduá, 1837, p.379)

¹⁴ Carta da Comarca de Tamanduá à Rainha Maria Iª a cerca de limites de Minas-Geraes e Goyaz, escrita em 20/06/1793 e passada em certidão pelo escrivão da Comarca de Tamanduá em 29/11/1798, a pedido do Procurador José Antônio Marques.

Cabe aqui apontar que o historiador e auditor Tarcísio José Martins, em uma publicação que recebeu o Selo Luís Gama de Publicação, conferido pela Comissão da Verdade da Escravidão Negra e de Combate ao Trabalho Escravo no Brasil – CEVENB/MG, apontou que a referida carta tinha como real objetivo usurpar o território hoje conhecido como Triângulo Mineiro, que até então pertencia à Capitania de Goyaz. Segundo o autor, para atingir esse objetivo os reinóis de Tamanduá lançaram mão de informações falsas e incompletas.

Martins (2017) aponta que a carta mente sobre a localização dos quilombos mineiros, sobre as razões do crescimento desses quilombos e sobre as datas dos ataques realizados pelas autoridades. De acordo com o autor, a história contada na referida carta foi replicada por historiadores e pesquisadores, por falha ou má fé, disseminando informações falsas e omitindo a verdade sobre quilombos da região das Minas Gerais, principalmente os quilombos de Ambrósio, que teriam sido dois: a Primeira Povoação de Ambrósio, atacada em mil setecentos e quarenta e seis e o Quilombo de Ambrósio, queimado em mil setecentos e cinquenta e nove.

Apesar da controvérsia, consideramos a carta da Câmara de Tamanduá um importante documento histórico, que choca pela naturalidade com que as autoridades relatam os ataques brutais às povoações negras. Desde que devidamente analisadas, as informações da carta demonstram que a Comarca do Rio das Mortes foi, desde o início, território marcado pela resistência e pela luta dos escravizados por liberdade, e que muito sangue foi derramado na região, inclusive no solo onde foi edificada a cidade de Itapecerica. No entanto, é preciso avançar mais no tempo, até ano de mil oitocentos e trinta e três, para conhecer a página de maior repercussão na luta travada pelos negros na Comarca do Rio das Mortes.

2.2.2 O treze de maio de 1833

Diversos foram os levantes empreendidos por escravizados em busca de liberdade por todo o Brasil. No contexto dessa brutal batalha entre escravizados e escravizadores, a Comarca do Rio das Mortes foi cenário de uma das páginas mais violentas da luta dos negros por liberdade, a Revolta de Carrancas.

Em treze de maio de mil oitocentos e trinta e três um grupo de escravizados da fazenda Campo Grande, de propriedade do deputado liberal Gabriel Francisco Junqueira, se

rebelou e executou nove membros da família. Esse episódio teve grande repercussão entre a elite escravista para além da Capitania de Minas, não só pela violência mas pelo fato de ter atingido uma família de grande importância política e social.

Os acontecimentos desse treze de maio foram, por muito tempo, lembrados e contados pela família Junqueira como Massacre da Bela Cruz, tendo em vista as mortes dos membros da família senhorial. A partir de mil novecentos e noventa e seis, o historiador Marcos Ferreira de Andrade se debruça sobre esse episódio, analisando os fatos a partir do contexto da escravidão brasileira e passa a denomina-lo de Revolta de Carrancas.

De acordo com Andrade (1996 e 2021), em treze de maio de mil oitocentos e trinta e três os escravizados da Fazenda Campo Alegre, de propriedade do Deputado Gabriel Francisco Junqueira, se rebelaram e mataram Gabriel Francisco de Andrade Junqueira, filho do deputado, que ocupava o cargo de Juiz de Paz em São Tomé das Letras. Ele foi derrubado de seu cavalo e morto a pauladas por Ventura Mina, líder do levante, e outros dois escravizados. Em seguida os rebelados seguiram para a casa-grande, com a intenção de atacar os demais membros da família senhorial, mas um dos escravizados avisou sobre o ataque permitindo que o restante da família fugisse.

Ventura Mina e os rebelados da fazenda Campo Grande seguiram, então, para a Fazenda Bela Cruz, de propriedade de José Francisco Junqueira, onde se juntaram ao escravizado Joaquim Mina e outros que trabalhavam na roça. Os rebelados invadiram a sede da fazenda e mataram todos os membros da família senhorial presentes na propriedade, incluindo duas crianças e um bebê de colo. Duas escravizadas da fazenda Bela Cruz também foram mortas.

Manoel José da Costa, genro de José Francisco Junqueira, estava na fazenda de Campo Grande quando ocorreu a primeira morte, seguiu para Bela Cruz a fim de proteger sua mulher e filhos, mas foi morto a golpes de pau e foice.

A Revolta de Carrancas chocou a classe senhorial da Capitania de Minas e de outras capitanias. O medo de novos levantes se disseminou e várias medidas foram adotadas para coibir novas insurreições, incluindo a punição exemplar dos envolvidos. Ao todo trinta e seis escravizados teriam participado da revolta, cinco morreram durante o ato e trinta e um foram processados pelo crime de insurreição, nos termos do Código Criminal do Império Brasileiro.

Dentre os trinta e um processados, dezessete foram condenados à pena de morte por enforcamento, oito foram condenados a açoites e seis foram absolvidos. Com relação às condenações, chama a atenção a situação do escravo Antônio Resende, que foi condenado à

morte mas conseguiu preservar a vida aceitando a função de carrasco. Ele se tornou, então, o algoz de seus companheiros (Andrade, 1996 e 2021).

Assim como a história dos quilombos mineiros foi turvada pela carta da Câmara de Tamanduá, os fatos ocorridos na fazenda Bela Cruz também foram contados por mais de um século a partir de um prisma que não correspondia à realidade, pois omitia aspectos importantes do contexto, aspectos que talvez não justifiquem mas expliquem o comportamento daqueles homens e mulheres que se levantaram contra um regime que os massacrava.

A história contada pela Família Junqueira ressalta os atos desumanos cometidos pelos escravizados, mas não convida à reflexão sobre o fato de os escravizados terem sido desumanizados pelo próprio regime. Novamente a história merece reparos, pois a pena que a escreveu não fora justa o suficiente, sem os devidos apontamentos feitos pelos pesquisadores citados neste capítulo, a história do povo negro na Comarca do Rio das Mortes seguiria enviesada, anuviada.

Uma vez que a história reparada é recontada, podemos refletir sobre esse cenário onde a violência contra os escravizados, sobretudo os que resistiam à escravidão, configurava uma campanha que vai além da subjugação, chegando ao extermínio e ao apagamento da história. Diante disso chega a ser difícil compreender como as pessoas negras conseguiram construir e manter um legado cultural tão rico e valioso ao longo desse processo. Buscando essa compreensão, empreendemos um breve estudo sobre as Irmandades Negras e o papel da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Tamanduá na construção do legado do Reinado de Itapetecica.

2.3 A Irmandade dos Homens Pretos de Tamanduá

Após refletir sobre a violência do regime escravista, capaz de gerar acontecimentos tão estarrecedores como a Revolta de Carrancas, começamos a analisar outra forma de resistência, baseada na solidariedade, que trazia junto ao ideal de liberdade o desejo de proteção. Falamos nesse ponto sobre as irmandades negras, um braço não armado da luta pela liberdade do povo negro, que gestou em suas práticas esse importante legado que é o Reinado de Nossa Senhora do Rosário.

De acordo com Simão (2010), Vieira e Gondim (2018) as irmandades eram organizações que reuniam cristãos, em sua maioria leigos, em torno da devoção a um santo escolhido como padroeiro. A finalidade das irmandades, segundo os autores, era o assistencialismo, o amparo aos irmãos e suas famílias. As irmandades foram a primeira forma de organização social dos negros, crioulos e pardos, livres, libertos e escravizados. De acordo com os autores, era imprescindível filiar-se a uma dessas organizações que conferiam aos oprimidos proteção social e representatividade.

Conforme Vieira e Gondim (2018), a mais antiga irmandade negra das Minas Gerais foi fundada em primeiro de junho de mil setecentos e oito, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do então Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar do Rio das Mortes, hoje cidade de São João Del-Rei. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Vila de São Bento de Tamanduá, hoje Itapecerica, tem seu estatuto datado de sete de junho de mil oitocentos e dezoito.

Um fator importante para a fundação da irmandade de Tamanduá foi a existência da capela de Nossa Senhora do Rosário, construída quatro anos antes. A capela funcionava como sede da irmandade, o local onde os irmãos se reuniam para as atividades deliberativas e festivas que incluem, segundo a tradição oral, o festejo do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica que nasce, oficialmente, junto com a irmandade, em mil oitocentos e dezoito.

De acordo com Giffoni (1989, p. 23) a Coroação dos Reis Congos foi trazida da África para o Brasil através das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, que fizeram ressurgir a nobreza africana através do canto, da dança e das representações. Para a autora, as irmandades salvaguardaram “hábitos costumes e tradições vinculados a um passado de dor lenta e sofridamente atenuado com o suceder das gerações”.

Embora os documentos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Tamanduá não mencionem especificamente o festejo dos Reis Congos, a historiadora afirma que o estatuto da irmandade comprova sua ligação com o Reinado, já que as confrarias de Nossa Senhora do Rosário, desde o século XIX, eram encarregadas da realização das Festas de Nossa Senhora, conforme previsto no Compromisso¹⁵ da Irmandade de Tamanduá

Capítulo XI – A mesa desta Corporação fará celebrar a festa de Nossa Senhora na primeira oitava do Natal, fazendo cada ano nesse dia Missa Cantada e Sermão; e de tarde Procissão pelas ruas tudo com o Santíssimo

¹⁵ Espécie de estatuto que define a irmandade, no qual constava as regras de funcionamento, os cargos, o papel dos irmãos e suas responsabilidades religiosas, sociais e econômicas.

Sacramento exposto, à pública adoração para maior consolação dos fiéis, havendo possibilidade farão com a presença do Mesmo Senhor Sacramentado. Novenas e Matinas para que pedirão licença ao Ordinário. Na segunda oitava farão a festa de São Benedito, conforme o zelo de seu juiz e juíza; nos domingos depois da Missa que disser o Reverendo Capelão, sairá com o terço de nossa Santíssima Mãe pelas ruas, e nos primeiros Domingos de cada mês sairá a mesma Senhora em seu andor, e quando puderem farão Oitavenário da Comemoração dos Fiéis defuntos, um ofício pelas almas de nossos Irmãos. A estas funções assistirão todos os Irmãos paramentados com suas ópas brancas, para fazerem o Ato maior religioso, e carregarão as insígnias nos terços e procissões, conforme suas pessoas e cargos, bem como assistirão ao mesmo Senhor exposto (Vieira e Gondim, 2018, p. 98).

Para Vieira e Gondim (2018) é apenas provável que haja ligação entre o festejo e a irmandade, já que também não encontraram nenhuma prova documental do vínculo. No entanto, os autores afirmam que estudaram outras irmandades, inclusive da Comarca do Rio das Mortes e também não encontraram referência às festas de reinado, o que os fez crer que os festejos podem ter sido omitidos nos documentos oficiais em virtude das restrições impostas pelas autoridades religiosas, já que o festejo tinha características de folguedo.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Vila de Tamanduá deixou de existir, não se sabe ao certo quando. Segundo Vieira e Gondim (2018) é possível que tenha perdido parte de sua motivação após a abolição, pois seria o desejo de liberdade a força motriz de sua existência. Não há documentos que comprovem tal teoria, fato é que hoje o festejo do Reinado é realizado pela Associação do Reinado do Rosário de Itapecerica, fundada em quatro de agosto de mil novecentos e setenta e cinco.

A Associação do Reinado não tem dúvidas acerca da origem do festejo, que em dois mil e vinte e três comemorou duzentos e cinco anos. A tradição oral, transmitida de geração em geração, conta sobre os negros da irmandade, alguns ainda cativos, que iniciaram a tradição dos Cortejos dos Reis Congos, a exemplo do que já ocorria em outras localidades. Para a comunidade de Itapecerica, sobretudo para os reinadeiros, não resta dúvidas sobre a origem e a importância do reinado, que será doravante apresentado em detalhes, com suas práticas e ritos bicentenários.

3 OS FESTEJOS DE REINADO EM ITAPECERICA

*O dia de hoje
É um dia tão bonito
Festeja Nossa Senhora
E também São Benedito¹⁶*

Nos capítulos anteriores conhecemos um pouco da história da cidade de Itapecerica e da origem do Reinado. Neste capítulo apresentamos os resultados do trabalho de campo realizado entre maio e agosto de dois mil e vinte e três, quando lançamos mão da observação participante para descrever os festejos de Reinado do Rosário de Itapecerica. No entanto, cumpre aqui salientar que o conteúdo desse capítulo não se refere apenas às observações feitas durante os acontecimentos desse ano.

Cabe lembrar que sou Rainha Perpétua no Reinado de Itapecerica há vinte e cinco anos, logo, meus relatos se referem ao que observo nesse momento, mas também ao que venho observando ao longo desse percurso. Ao escrever essa dissertação compartilho minhas vivências e os saberes que me foram transmitidos, meus relatos trazem no fundo as reflexões que venho fazendo ao longo de décadas de aprendizado sobre essa tradição. Assim, a observação participante é para mim uma experiência que se concentra no ver e ouvir como pesquisadora, mas perpassada pelo lembrar e sentir como reinadeira.

Antes de adentrar na descrição do festejo realizado no corrente ano traremos aqui algumas informações acerca de alguns aspectos e ritos bastante significativos, que acontecem basicamente da mesma forma, ano após ano, configurando o caráter tradicional dos festejos. Tais informações tornarão mais compreensíveis alguns dos momentos que serão descritos mais adiante.

3.1 Os festeiros e as coroas

Originalmente, os cortejos do Reinado de Itapecerica eram feitos apenas com os Reis Congos, que eram escolhidos dentre os devotos da Irmandade e mantinham a coroa até sua morte. Ainda hoje, os Reis Congos permanecem na tradição até a morte ou até que não tenham mais condições de participar. Minha tia Norma se mudou para Belo Horizonte e

¹⁶ Toada cantada pelo terno de Moçambique do Sr. Antônio Pretinho nos festejos de Itapecerica.

abdicou da Coroa Perpétua do Reinado de Itapecerica, mas a forte ligação com a tradição acabou a conduzindo a outra coroa, a de Rainha Conga da Guarda de Caboclinho do Divino Espírito Santo de Belo Horizonte. Ela foi Rainha Conga até seu último suspiro, tendo sido descoroada em seu funeral. Os Reis Congos e Perpétuos precisam ser devotos porque espera-se que eles se dediquem ao Reinado do Rosário mantendo e protegendo a tradição, enquanto vida tiverem.

Em Itapecerica a tradição já não se resume mais aos Reis Congos e Perpétuos, muitas outras coroas compõem a corte nos dias de festejo. São reis e rainhas de promessa, reis e rainhas de ano (são trocados a cada ano), além dos príncipes e princesas. Os principais membros da corte são:

- Os Reis e Rainhas Congos e Perpétuos, que mantém suas coroas transmitindo-as de geração em geração dentro de suas famílias;
- A Princesa Isabel, representada a cada ano por uma jovem senhorita que permanece anos em uma fila de espera. Neste ano de dois mil e vinte e três houve a entrega de um certificado para as jovens e crianças que serão Princesa Isabel pelos próximos dez anos;
- Os Reis da Coroa Grande, que são considerados por muitos como os mais importantes membros do trono coroadado. Um casal diferente é escolhido a cada ano e também há uma fila de espera. Os candidatos devem estar financeiramente preparados para as despesas da festa;
- Os Reis de Ano de São Benedito, que também são representados por um casal diferente a cada ano e têm grande destaque no festejo;
- Os Mordomos também podem ser considerados membros da corte, pois seu papel nos festejos lhes confere grande importância e eles também são conduzidos nos cortejos do festejo.

Capitão Deco, do terno de Moçambique, fala sobre o significado e a hierarquia das coroas no documentário Na Angola tem (2016, s/p). Segundo o capitão é um erro considerar que os Reis da Coroa Grande são mais importantes que os Reis Congos e Perpétuos.

Os Perpétuo e os Rei de Congo, são tudo de Preto Véi também. Os Perpétuo de São Benedito, Santa Efigênia e os Congo, são eles que carrega as coroa maior. Tem muita gente que fala que as coroa maior são as do Rei Grande, a Rainha Grande, não. As coroa maior são as... tão atrás das Coroa Grande.

Até eu acho muito errado porque elas é que tinha que tá na frente, porque elas que manda na festa, a festa é deles.

Essa é uma questão complexa porque a tradição do Reinado teve início com os Reis Congos e Perpétuos, mas, com as mudanças empreendidas ao longo do tempo, os reis de ano se tornaram os financiadores do festejo e, conseqüentemente, os protagonistas. Muito se fala, sempre em tom de crítica, sobre a valorização do poder econômico dos reis de ano em detrimento da tradição das Coroas Congas e Perpétuas, mas o festejo parece ter ganhado dimensões insustentáveis sem o apoio financeiro dos festeiros de ano.

Outra especificidade do festejo de Itapecerica é a forma como as coroas são conduzidas pelos festeiros, nas mãos e não nas cabeças. Na região metropolitana de Belo Horizonte e em diversas outras localidades onde já assisti e participei de festejos, os festeiros são coroados e levam as coroas na cabeça. Em Itapecerica as coroas não devem ser colocadas na cabeça dos festeiros, porque elas pertencem a Nossa Senhora do Rosário e não somos dignos de usá-las, podendo apenas carregá-las nas mãos. Nas cerimônias de coroação dos Reis da Coroa Grande, as coroas são retiradas das mãos dos festeiros e entregadas nas mãos dos próximos.

Posso aqui citar algumas exceções, como no ano de comemoração dos duzentos anos do festejo, quando um rei e uma rainha foram coroados recebendo as coroas em suas cabeças, durante uma cerimônia comemorativa. Minha tia avó Maria também foi fotografada com a coroa na cabeça em certa ocasião, no entanto, em via de regra, as Coroas Santas de Itapecerica sempre são levadas nas mãos.

Figura 16 - Três gerações de Rainhas Perpétuas descendentes da Sra. Bromildes



Fonte: Produzida pela autora com fotos do acervo pessoal e cedidas pela Associação do Reinado

3.2 Os mastros e as bandeiras

Os festejos de reinado em Itapecerica têm início com o levantamento dos mastros. É provável que haja diferentes significados para o levantamento dos mastros, segundo a tradição oral de Itapecerica, durante o tráfico negreiro muitos escravos eram deixados no convés dos navios, à mercê das intempéries da travessia. Durante as tempestades os escravos se mantinham seguros agarrando-se aos mastros do navio, para não serem atirado ao mar. Da mesma forma, os mastros erguidos com as bandeiras santas oferecem segurança aos reinadeiros. Erguer os mastros é uma forma de pedir que Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês ofereçam proteção durante o festejo, para que os reinadeiros tenham onde se “agarrar” diante de algum perigo ou aflição.

Em Itapecerica, no primeiro dia de festejo, os Mordomos são convocados para “levantar a festa” e são conduzidos pelos ternos, com suas bandeiras, até o local central do festejo, onde os mastros são erguidos em um rito de grande emoção e seriedade. Esse é um momento de concentração e grande responsabilidade, que pode interferir positiva ou negativamente no andamento de todo o festejo.

O Terno de Moçambique tem papel central no rito de levantamento dos mastros, são os moçambiqueiros que conduzem os mordomos com suas bandeiras até o local onde o mastro será erguido. Nesse local alguns rituais são realizados, mas poucos sabem exatamente quais são, pois esse é um dos saberes fundamentais da tradição, compartilhado apenas com aqueles considerados sábios e responsáveis o suficiente para receber tais ensinamentos.

Edna, uma jovem moçambiqueira e Mordoma no Reinado da Boa Viagem, fala sobre a responsabilidade do papel desempenhado pelos Mordomos e pelos Moçambiqueiros:

Vestir de Mordomo é assim, é uma expectativa muito boa, porque é a gente que tá começando a festa, né. A gente que começa a festa, a gente que encerra a festa. Tem que ter muita, muita fé né, porque é uma coisa assim muito... né brincadeira, é uma coisa muito perigosa.”

Além de ter atenção, tem de firmar bastante, tem de cantar, rezar, porque naquela hora ali é a hora de cê fazer os pedido que cê quer fazer. E, assim, é uma emoção muito grande, né. Cê tá levantando uma festa, é você, é a gente ali que tá fazendo a festa, entendeu. É a gente que tá levantando a festa, porque sem um terno de Moçambique num levanta uma festa de Reinado.” (Na Angola, 2016, s/p.).

Ao final dos festejos os mordomos são novamente conduzidos para o descimento dos mastros e recolhimento das Bandeiras Santas. Assim como no início, esse momento é de

grande importância, pois os mastros garantiram a segurança de todo o festejo, “cercando” todo mal que porventura pudesse estar no destino dos reinadeiros e do festejo. O descimento dos mastros é um momento de dar graças pelo sucesso do Reinado.

Nas palavras do Capitão Antônio Pretinho, do Terno de Moçambique “Pé de bandeira é lugar de respeito, o mistério da festa tá tudo no pé da bandeira, na hora de levantar bandeira e na hora de descer a bandeira tem que ter muito respeito.” (Na Angola, 2016, s/p.)

3.3 A cantoria e as amarrações

Um dos aspectos mais atrativos do Reinado de Itapecerica é a cantoria dos ternos, os versos de improviso feitos pelos capitães em diversas ocasiões, para interagir com os festeiros e com todos que se aproximarem dos ternos. Essa é uma arte que encanta a todos e imprime maior alegria ao festejo.

A cantoria é feita pelos capitães de todos os ternos em diversas situações. Ao chegar à casa de um festeiro os capitães cantam de improviso saudando os festeiros, a família e todos os presentes. Enquanto caminham pelas ruas da cidade os festeiros e populares realizam amarrações para ouvir a cantoria dos capitães. Na amarração as pessoas oferecem uma quantia em dinheiro, um presente geralmente chamado de “joia”. Normalmente as pessoas colocam o dinheiro no chão e pisam sobre ele. Também é possível colocar a nota nas coroas dos reis e rainhas ou nos bastões dos príncipes e princesas, mas para isso é necessário autorização dos festeiros, que são guardiões dos símbolos sagrados.

Quando amarrado, o terno para de caminhar e o capitão assume a tarefa de desamarar. O capitão canta um refrão que é repetido pelos dançantes do terno e entre um refrão e outro canta um verso de improviso para agradar a pessoa que o amarrou. Após alguns versos o capitão pede que o dinheiro seja entregue, alguns pedem que seja colocado na sua mão, no seu chapéu, no tamborim, ou simplesmente pedem que a pessoa retire o pé para que ele possa apanhar o dinheiro do chão.

A pessoa que amarrou pode se recusar a entregar o dinheiro, obrigando o capitão a continuar a cantoria, mas a demora demasiada pode gerar descontentamento do capitão que, através dos versos, pode repreender os chamados pirracentos. Quando o terno está conduzindo um festeiro, as pessoas que assistem ao festejo podem realizar amarração somente se autorizados pelos coroados (em via de regra) e se demorar demais a entregar o dinheiro, o

próprio festeiro pode repreendê-lo e até determinar que o terno siga sem receber a joia, pois o objetivo primeiro do terno é conduzir o festeiro aos locais de destino.

Os versos podem variar de acordo com as características do grupo. Alguns ternos como o Catupé, Marinheiro e as Congadas usam muitos refrãos descontraídos enquanto o capitão canta os versos alegres e divertidos que encantam os festeiros e os populares. É comum ouvir refrãos compostos por versos de músicas sertanejas antigas e até atuais. No festejo da Boa Viagem o Catupé de São Benedito cantou os seguintes versos durante uma amarração¹⁷:

<i>Rosa cheirosa</i>	}	<i>Refrão</i>
<i>Com cheiro de oliveira</i>		
<i>Panha ela no domingo</i>		
<i>Pra cheirar segunda feira</i>		

A festa tá começando
Mas já tá uma beleza
Quero cantar senhorita
Que de nós será princesa

Hoje a festa já começa
Na mais fina educação
Por isso eu peço licença
Pra tomar sua benção

Pedi licença
Com Deus e Nossa Senhora
Ela quem te abençoa
Todo dia e toda hora

Eu aqui cheguei cantando
Com prazer e alegria
Agora peço licença
Pra saudar sua família

¹⁷ Assista ao vídeo <https://youtu.be/DyQ9hCdeSi4>

*A festa tá começando
Com prazer no coração
Vou chegando gente boa
Pra tomar santa benção*

*Vou pedir Nossa Senhora
Com prazer e alegria
Ela vai te abençoar
Toda hora e todo dia*

*A festa tá começando
Com amor no coração
Também vou pedir licença
Pra tomar sua benção*

*Vou pedir nossa Senhora
Nesse dia tão bonito
Ela que te abençoa
Junto com São Benedito*

*A coisa que eu mais adoro
É cantar pra boa gente
Esse ano o Catupé
Veio pra ganhar presente*

Os Moçambiqueiros também brincam o reinado, mas tendem a trazer cantos mais tradicionais, falam da memória do cativo com mais recorrência e de forma mais marcante, celebrando o presente mas também lamentando o passado. Há inclusive o canto feito pelos moçambiqueiros que é chamado de lamento e traz sempre histórias emocionantes. Lembro-me de um lamento cantado pelo saudoso capitão Geraldinho do Moçambique da Boa Viagem, que dizia mais ou menos assim (já que sempre havia algum improviso):

*Mas no dia que nasci
O meu pai me injeitou
Não queria fio mestiço
E por isso me abandonou*

*Me botou foi num balaio
E nas mata me deixou
Quanto foi a meia noite
A onça quase me papou*

*Mas ali passou uma negra
Pra senzala me levou
E no meio dos cativo
Ai essa negra me criou*

*Foi no meio dos cativos
Que essa negra me criou
A língua que eu falo agora
É Mãe Preta que me ensinou*

*É Senhor Rei
Eu não nasci preto não
Mas sangue de preto corre na minha veia
Quando eu choro a gunga os preto me arrudeia*

Outro tipo de cantoria muito interessante no festejo de Itapecerica é o desafio, que pode acontecer em qualquer terno, mas é mais ouvido nos ternos de Vilão, Catopé e no Marinheiro. No desafio dois capitães simulam uma contenda pela joia ou em alguma exibição. Os capitães cantam versos um para o outro enquanto os demais entoam o refrão. Geralmente a contenda termina com risos de todos, inclusive dos próprios capitães. O CD duplo “O Reinado do Rosário de Itapecerica” traz na faixa 21 do CD 1 um desafio gravado pelos saudosos capitães Laci e Luiz Carlos, parceiros no extinto Vilão de Santa Efigênia.

*Salve a Estrela do Norte*¹⁸

Salve a Estrela do Oriente

Capitão Laci

Viva Deus lá nas alturas

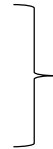
Nosso pai onipotente

Coqueiro que balança

Coco que não cai

Não é maré que vem

Não é maré que vai



Refrão

Vou me despedir docês

Com vontade de chorar

Capitão Luiz Carlos

Quando for o ano que vem

Ai ocês vem me visitar

E eu sou um preto veio

Vivo pisando em macega

Capitão Laci

Cascavel é perigoso

Dá o bote e num me pega

Pois ele tá cutucando

Ai que que havemos de arrumar

Capitão Luz Carlos

Tem cuidado companheiro

Com o bote que a cobra dá

Quem tem telhado de vidro

Cuidado quando apedreja

Capitão Laci

Sou uma cobra urutu

Quando num mata aleja

Puis eu falo com certeza

Ai eu num quero enganar

Capitão Luiz Carlos

Urutu de cruz na testa

Eu mato só no oiá

¹⁸ Clique e ouça o desafio https://youtu.be/-lO7h4P_Gu0

É de vera companheiro

Me alegro com seu sorriso *Capitão Laci*

Trabaiá com brincadeira

É muito mais divertido

Ai nós vamos fazer a paz

Que que havemos de arrumá *Capitão Luiz Carlos*

O trabaio tá lá encima

Nós tá precisano parar

A cantoria é sem dúvidas um dos aspectos mais interessantes do Reinado de Itapecerica, pois a habilidade dos capitães para improvisar versos é impressionante. É comum ouvir dizer que os capitães tem ajuda de entidades e até dos espíritos de seus antepassados que sussurram versos ao pé de seus ouvidos. O capitão Deco, do Terno de Moçambique, explica em um trecho do documentário Na Angola tem (2016) que os capitães, em algumas ocasiões, são influenciados por entidades de Umbanda, seus protetores e guias.

Como eu gosto de trabalhar com os Preto, eles mesmo que me levaram pra lá, né. Até pra cantar... até pra cantar tem hora que as pessoas acha que são nós que tamo cantando, num é. Tem hora que é um Caboclo, tem hora que é um Preto Véio, tem hora que é uma Preta Véia que entra também, e daí vai.

Alguns canto que a gente costuma fazer, eles também vem através, eles que... onde a gente pede pra eles coloca, né, pros Preto Véio e as Cabocada iluminá a nossa cabeça, pô canto, uns canto bonito, uns verso bonito, pra poder cantá pras coroas, pra louvar Nossa Senhora, São Benedito e Santa Efigênia. (Na Angola, 2016, s/p.)

Capitão Juranda também fala sobre a ajuda dos guias no exercício do dom da cantoria.

Isso aí, negócio da pessoa vê aquilo que tá acontecendo, isso não tá na gente não, principalmente a pessoa que vai cantar, ele vai cantar uma música no reinado, tem hora que ele tá cantando cum pouco vem aquele outro verso na cabeça dele pra ele poder cantar e ele vai e canta aquele verso. Então isso aí vem é de repente assim, porque pelos guia que a gente tem, os guia que a gente tem é que dão reforço pra gente, então dá aquela demonstração pra gente, então aquilo vem pelo dom, o dom da sabedoria, o dom que Deus dá pra ele e o dom que os Preto Véio, os Caboco dá pra ele, porque se ele não tive o dom deles ninguém num faz nada. (Na Angola, 2016, s/p.)

Após essa breve exposição de alguns aspectos gerais do Reinado, passamos a descrever os ritos realizados no festejo do Grande Reinado do Rosário de Itapecerica do ano de dois mil e vinte e três. A observação participante foi o método utilizado para a produção dos dados aqui expostos, que entrecruzam-se com relatos da experiência vivida por esta pesquisadora no cumprimento de sua missão enquanto Rainha Perpétua.

4 O GRANDE REINADO DO ROSÁRIO

*Quando chega o mês de agosto
Aparece a flor do ipê eia
Nessa festa de Reinado
Vim cantar para você eia¹⁹*

Nesse ponto passamos à descrição do festejo realizado entre os dias onze e quatorze de agosto de dois mil e vinte e três, no bairro Alto do Rosário. Chamado de O Grande Reinado do Rosário, esse festejo é realizado há duzentos e seis anos e pode ser considerado o principal festejo da cidade de Itapecerica, tendo sido o embrião para outros que hoje se realizam pelos bairros, distritos e comunidades rurais da cidade.

4.1 O levantamento dos mastros

No dia onze de agosto de dois mil e vinte e três teve início o festejo do Grande Reinado do Rosário de Itapecerica. O ponto inicial do encontro foi o prédio do Centro Cultural, escolhido para ser o Convento, ou seja, o local onde os festeiros se concentram para a realização dos cortejos. Nesse primeiro dia foram reunidos no convento: os Mordomos e suas Bandeiras Santas, a Rainha Conga, a representante da Princesa Isabel, o representante do Chico Rei, a representante da Escrava Anastácia e outros membros da Corte do Chico Rei.

Cumprе salientar que a Escrava Anastácia já foi representada em Itapecerica, mas nunca com o destaque que recebeu no festejo deste ano de dois mil e vinte e três. Me lembro de já ter visto a imagem de uma escrava amordaçada no cortejo da Princesa Isabel, mas o que ocorreu neste ano foi a inserção da Escrava Anastácia na cena principal, com merecido destaque, tendo em vista sua importância na história do povo negro do Brasil.

Por volta das vinte horas e trinta minutos o cortejo começou a se formar, saindo do convento em direção à Praça da Santa Cruz, onde aconteceu a Missa Conga e o levantamento dos mastros. O horário de início do cortejo não foi devidamente cumprido e para evitar maiores atrasos não foi permitido amarrações no trajeto até a praça, ainda assim a missa teve início por volta das vinte e duas horas.

¹⁹ Toada cantada pelas congadas e catupés no festejo do Grande Reinado de Itapecerica, que sempre acontece no mês de agosto, quando os ipês amarelos enfeitam a cidade.

A cerimônia foi celebrada na praça, pelo Frei Leonardo, sacerdote há muito conhecido pelos reinadeiros de Itapecerica. Conhecedor dos ritos e tradições do Reinado, Frei Leonardo celebrou uma missa muito alegre, cantada conforme o conhecimento e a tradição dos reinadeiros, respeitando e incentivando a participação de todos os ternos. Foi um exemplo de comunhão entre as tradições católicas e afro-brasileiras.

No dia anterior a essa missa, em dez de agosto de dois mil e vinte e três, o Arcebispo Metropolitano Don Walmor revogou o Aviso n.º 05 de 10/08/1923, que orientava a supressão da *“festa conhecida pelo nome de reinado”*. Chamou minha atenção o fato o Frei Leonardo não ter mencionado o ato que marcou o fim oficial da proibição das missas congas em igrejas. Talvez a omissão tenha relação com o fato de o Frei estar celebrando uma missa conga na praça, a poucos metros das portas fechadas da Igreja do Rosário.

A chegada dos ternos ao local da missa foi muito bonita, aos poucos o espaço preparado para a cerimônia foi sendo ocupado e logo estava repleto de pessoas, instrumentos, sons e dança. Havia muitas cores e sorrisos por onde quer que se olhasse. Os marinheiros, vilãozeiros, catupezeiros, moçambiqueiros, congadeiros, se misturavam aos populares que mesmo sem fardas compunham a mesma irmandade, que naquele momento se reunia para celebrar.

Chamou-me a atenção o carinho do sacerdote com os mestres reinadeiros e o entrosamento durante o rito. Foi impossível não sorrir ao ouvi-lo dizer *“rasga sanfoneiro”*, quando chamava os ternos para entoar os cantos da missa. Ele próprio puxou uma toada ao lado do Capitão Mor Anielo D’Alessandro, acompanhado pela Congada de São Bento. Faço essa observação porque algumas semanas antes assisti à missa conga no festejo de Lamounier²⁰ e houve um momento em que o padre pediu que determinado canto fosse entoado à maneira católica tradicional e não no ritmo do reinado. Isso não foi um problema para os reinadeiros, mas me pareceu uma vedação, algo que passou longe da cerimônia celebrada por Frei Leonardo, que foi agraciado com uma placa de homenagem ao final da missa.

Concluída a celebração, teve início o rito de levantamento dos mastros, um momento de grande importância nos festejos, pois como já explicamos, os mastros são um ponto de segurança para todos que realizam e acompanham a festa. Durante a cerimônia os moçambiqueiros conduziram as bandeiras até o pé dos mastros, enquanto isso os mestres mais

²⁰ Distrito de Itapecerica, que se localiza bem próximo do centro da cidade

experientes, conhecedores dos mistérios do reinado, se reuniram nos locais escolhidos e abriram buracos no chão, para fincar os mastros.

Para os mestres de Itapecerica é importante que o buraco seja aberto na hora do levantamento dos mastros, para garantir que o local não seja maculado de alguma forma. À luz de velas eles fazem suas orações e preces preparando o local. Não é possível se aproximar muito nesse momento, somente os mestres e seus aprendizes ficam no entorno, enquanto os integrantes do Terno de Vilão²¹ entrelaçam suas varinhas ao mastro compondo uma corrente de firmeza e proteção.

Os moçambiqueiros se aproximam abrindo espaço para os Mordomos, que trazem as bandeiras com fé e seriedade. A bandeira é colocada no mastro e um cadeado é colocado na ponta do mastro. A bandeira é então erguida marcando o ponto central da festa a partir daquele momento. Os reinadeiros se aproximam e tocam os mastros se benzendo e pedindo proteção aos santos padroeiros. O ritual se repetiu para erguer as três bandeiras, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês. Todos os reinadeiros, ao passar diante dos mastros, devem agir com respeito e elevar o olhar às bandeiras em busca de bênçãos.

²¹ Grupo de dançadores que trazem sempre as manguaras, varinhas enfeitadas com fitas colorida. Durante o levantamento das bandeiras as varinhas são usadas para auxiliar nos ritos, hora são cruzadas para proteger os mastros e os capitães que realizam o ritual e em outro momento são erguidas aparando os mastros.

Figura 17 – As Bandeiras



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 18 - Mordomos e Mordomas no convento



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 19 - Chico Rei no cortejo



Fonte: Perfil @grandereinadosario no Instagram

Figura 20 - A Escrava Anastácia no cortejo de sexta-feira



Fonte: Perfil @grandereinadosario no Instagram

Figura 21 - Missa Conga na Praça da Santa Cruz



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 22 - Frei Leonardo recebe placa de homenagem



Fonte: perfil @grandereinadorosario no Instagram

Figura 23 – Terno de Vilão com varinhas cruzadas



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 24 – Varinhas erguidas junto ao mastro



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 25 - Bandeira de São Benedito hasteada



Fonte: Perfil @grandereinadorosario no Instagram, 2023
Créditos: Danilo Moreira

4.2 O Reinado de Coroas

No segundo dia de festejo é realizado um novo cortejo com a corte do dia. Reis, rainhas, príncipes e princesas aguardam em suas casas a chegada do terno que irá conduzi-los até o convento. Neste dia, fiz parte da corte como Rainha Perpétua, então trago as observações que fiz desempenhando meu papel de festeira, diferente do dia anterior, quando apenas assisti aos acontecimentos. Trago aqui o relato de minha própria experiência, a chegada do terno na casa de minha família, um rito que acontece de forma muito semelhante na casa de todos os festeiros.

A retirada de um festeiro de sua casa é sempre um momento especial. Como de costume, o terno de Moçambique chegou cantando diante do portão, aguardando a permissão da dona da casa para entrar. Minha prima Isabel, como dona da casa, foi até o portão e recebeu a Bandeira de Guia da guarda, enquanto o capitão cantava pedindo licença para entrar. A anfitriã caminhou portão adentro, com a bandeira nas mãos, sem dar as costas para o capitão que entrou com todos seus irmãos de cordão²².

Nessa ocasião o terno não entrou em nossa casa porque preparamos a área externa para recebe-los, em Itapecerica diz-se que “preparamos o trono”. Esvaziamos e limpamos a garagem que fica na frente da casa, penduramos dois estandartes com as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e posicionamos um banco de madeira próximo de uma bela imagem de Nossa Senhora Aparecida mantida permanentemente à porta da casa.

A anfitriã levou a bandeira a todos que estavam presentes, começando por mim, para que todos pudéssemos beijá-la e pedir a benção ao santo padroeiro, que tem sua imagem estampada na bandeira. É comum que o anfitrião também caminhe pela casa levando a bandeira a todos os cômodos, enquanto o terno faz sua cantoria. Essa é uma forma de benzer a casa e espantar as coisas ruins, como o mau olhado, a tristeza, a enfermidade e atrair coisas boas como prosperidade, fartura e alegria.

Enquanto fazia sua cantoria o capitão moçambiqueiro conhecido como Marimbondo tomou minha benção, me abençoou e repetiu o gesto com minha prima. Ele também faz adoração beijando a coroa enfeitada de fitas e flores, tal como aprendi com minhas antecessoras. Por fim, o capitão pergunta, entre versos, se já podem seguir viagem.

²² A formação de um terno pode ser chamada de cordão. É comum os capitães cantarem convidando os festeiros para acompanhar seu cordão.

Com a minha aquiescência o bandeireiro recebe de volta a Bandeira de Guia e conduz o terno para fora da casa.

Ao sair pelo portão de casa, como manda a tradição, faço a oferta do passaporte, uma quantia em dinheiro que é colocada no chão como uma amarração. O capitão para o terno, canta novamente seus versos para receber o passaporte e só então segue de fato a caminhada até o convento. No caminho entre minha casa e o convento o terno foi amarrado por várias pessoas que acompanhavam nossa passagem.²³

Quando chegamos ao convento uma aglomeração já se formava para ver os ternos e os festeiros. Após minha entrada no prédio o terno continuou cantando por alguns minutos para saudar as pessoas que estavam assistindo o festejo. Todos os ternos costumam fazer uma breve apresentação de seu canto e dança para os populares que muitas vezes aplaudem com alegria e satisfação.

Dentro do convento já havia uma grande movimentação. Durante todo tempo os populares entravam e saiam do local apreciando a beleza dos festeiros em suas roupas reais. Adultos e crianças caminhavam pelos salões do convento com curiosidade e grande gentileza, cumprimentando, fotografando e fazendo elogios aos festeiros. O período em que os festeiros permanecem no convento é sempre marcado por um intenso contato com a comunidade que gosta do reinado e com turistas que querem ver e saber sobre todos.

Novamente o horário não foi cumprido, muitos festeiros se demoraram no trajeto até o convento em virtude das amarrações, que são o diferencial do festejo de Itapecerica, mas promovem tanto alegria quanto dificuldades. Após a chegada de todos os festeiros, por volta das vinte e duas horas, o cortejo é formado para conduzir-nos do convento para o palanque na Praça da Santa Cruz. Durante esse cortejo novas amarrações são realizadas e os ternos vão chegando ao palanque aos poucos, no decorrer de horas. O último terno chegou ao palanque por volta das duas horas da madrugada.

No segundo dia de festa, ao final do cortejo, os festeiros são acomodados no palanque onde os dirigentes fazem orações, agradecimentos e uma chamada para a entrega da joia da coroa²⁴. A joia da coroa é uma quantia em dinheiro doada por cada festeiro para ajudar no custeio das despesas do festejo. Essa quantia é solicitada com uma sugestão de valor, mas

²³ Assista o vídeo <https://youtu.be/pAFdf8RPZ0Y>

²⁴ Toda oferta de dinheiro feita no festejo é chamada de joia. Então temos a joia da amarração (e do passaporte) que é um presente, um agrado dado ao capitão do terno e usado para custeio das despesas do terno (fardas, instrumentos, transporte, etc.); e temos também a joia da coroa, um valor em dinheiro doado pelos festeiros à Associação do Reinado, para o custeio das despesas da festa (ornamentação dos espaços, manutenção do palanque, aluguel de equipamentos, suporte aos convidados, etc.).

cada festeiro oferece o que estiver dentro de suas condições e alguns fazem a oferta na forma almoços, cafés e lanches servidos aos ternos.

Até alguns anos atrás os envelopes com a joia da coroa eram abertos durante a chamada e o valor doado era anunciado ao público. Havia sempre uma expectativa em relação à joia dos Reis da Coroa Grande e da Princesa Isabel, que geralmente são pessoas abastadas. Esperava-se sempre um valor de joia alto e se a oferta não atendia as expectativas havia sempre um burburinho pela cidade. Por outro lado, via-se também algum constrangimento por parte de alguns festeiros tradicionais, pessoas mais humildes, que faziam ofertas de menor valor monetário, mas verdadeiramente fruto de sacrifícios. Hoje o valor da joia da coroa não é mais anunciado ao público, é apenas registrado em livro.

Devido ao grande atraso, não foi possível reunir todos os festeiros no palanque. Reis e rainha idosos, assim como os pequenos príncipes e princesas, acabaram sendo vencidos pelo sono e pelo frio da madrugada, então a Diretoria dispensou a corte por volta de uma e trinta da madrugada, antes da chegada dos últimos festeiros. A dificuldade no cumprimento dos horários é um problema que tem ocorrido há vários anos e parece insolucionável sem a colaboração dos festeiros de ano, pois eles participam do festejo apenas uma vez, desejam tirar o máximo proveito, mas acabam comprometendo a beleza dos ritos e do festejo como um todo.

Durante o cortejo entre o convento e o palanque fui conduzida pelo terno Moçambique de Angola, do município de Camacho, um belo terno formado por jovens e com capitães já versados na arte da cantoria. Tive a satisfação de ouvir uma capitã à frente do terno, algo que se vê pouco em Itapecerica. Os ternos de Itapecerica e a grande maioria dos ternos visitantes, são capitaneados por homens. Ao longo dos vinte e quatro anos que participo vi algumas mulheres fazendo cantoria nos ternos de Itapecerica, mas não me lembro de nenhuma que tenha permanecido como capitã. Por isso é uma alegria ver a capitã cantando à frente do terno. Soube que ela se chama Geovani, é da cidade de Moema e foi convidada a integrar o terno do Camacho durante o reinado de Itapecerica.

Cabe aqui uma nova menção à Escrava Anastácia, que no segundo dia de festejo surge junto com os outros festeiros, mas não trajada como escrava e sim como membro da corte. No primeiro dia de festejo, a jovem trajava roupas brancas simples, um turbante e usava a marcante mordança, mas no segundo dia, ela surge com um belo vestido, e sem a mordança, algo que me pareceu muito significativo, já que o Reinado nasce como uma forma de resistência ao julgo da escravidão.

Nesse segundo dia de festejo a Escrava Anastácia também traz uma coroa na cabeça, algo incomum no Reinado de Itapecerica²⁵. Refletindo sobre a representação acho a diferenciação condizente, já que ela é uma presença fortemente marcada pela materialidade dos corpos negros escravizados. Poderíamos dizer que a coroa da Escrava Anastácia “pertence” mais aos homens, à dimensão terrena, diferentemente das outras coroas que foram consagradas a divindades celestiais. A coroa da escravizada fala da luta travada por homens e mulheres, talvez fale mais de dor que de misericórdia, talvez remeta mais ao martírio da escravidão do que à benção da liberdade.

O festejo nasceu há séculos como o reinado dos escravizados, os escravos tornados reis e ver a Escrava Anastácia surgindo entre os festeiros como uma rainha foi, para mim, um resgate dessa origem da tradição.

²⁵ As Coroas Santas pertencem às divindades e por isso não devem ser colocadas na cabeça. Veja cap. 3.1

Figura 26 - Reis Perpétuos e Rainha Escrava Anastácia



Fonte: Produzido pela autora, 2023

Figura 27 - Reis de Ano no convento



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 28 - Capitã Geovani (no meio) com capitães do Moçambique de Angola



Fonte: Perfil @mocambique_do_sr_miguilinho no Instagram, 2023

Figura 29 - Cortejo subindo a Rua do Rosário



Fonte: Perfil @grandereinadorosario no Instagram, 2023

Figura 30 – Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas no palanque



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 31 - Reis da Coroa Grande no palanque



Fonte: Produzida pela autora, 2023

4.3 O cortejo da Princesa Isabel

O domingo é um dia especial no festejo de Itapecerica, pois é o dia que destaca a abolição da escravatura. Pela manhã os ternos se reuniram na Igreja de Nossa Senhora das Mercês para saudar os santos reinadeiros e a Princesa Isabel, que será conduzida em cortejo da igreja até a Praça da Santa Cruz.

Novamente a Escrava Anastácia ganhou merecido destaque no cortejo. A jovem representante (diria até intérprete) da Escrava Anastácia chegou à Igreja das Mercês antes da Princesa Isabel, quando os ternos estavam entrando na igreja para saudar a padroeira. Com a sua chegada, ela passa a ser saudada pelos capitães com a bela cantoria de improviso. O Capitão Luiz Otaviano, com o terno de Moçambique de Marilândia, canta os seguintes versos para saudá-la:

*A Escrava Anastácia
Que devemos de arrumar
Vamos nos saudar a ela
Que agora vim encontrar*

*Saravá sinhá escrava
Minha irmã de escravidão
Pra poder te saravar
Eu bato com joelho no chão*

*Bendito e louvado seja
Nessa hora, nesse dia
Me empresta sua mão direita
Quero a benção de Maria*

*Que benção bonita agora
Me deu tão alegremente
A Virgem Nossa Senhora
Quem te dê vida contente*

*Agradeço ainda agora
Em nome do pai verdadeiro
Pois quero te dar um abraço
Minha irmã de cativoiro*²⁶

Destaco o momento desse encontro porque foi realmente emocionante para aqueles que conhecem as origens do Reinado e o sentido da ancestralidade presente nos ritos. A jovem escolhida para representar a Escrava Anastácia, quando em destaque, mantinha uma postura altiva e um olhar firme. Com aquela mordaca sufocante nos fazia pensar nos negros que não se renderam à escravidão, que enfrentaram seus senhores e sofreram as consequências. A presença da escravizada em uma cena que antes só reverenciava a princesa branca traz um ar de resgate da história que fez nascer a tradição, a história dos escravos negros açoitados, silenciados e que ainda assim resistiam de formas diversas, entre episódios de violência e momentos de celebração.

Com a chegada da Princesa Isabel todas as atenções se voltam para a festeira que é saudada com grande alegria. Logo os moçambiqueiros abrem caminho entre os ternos para conduzir a princesa para fora da igreja. A princesa sai seguida pelos populares e entre a aglomeração de pessoas a Escrava Anastácia parece ter sido esquecida, mas logo é percebida por alguém que abre caminho para que ela siga atrás da princesa. Ao formarem o cortejo a Escrava Anastácia passa a ser conduzida por um terno de Moçambique.

O cortejo de domingo sempre conta com a presença de homens e mulheres caracterizados, que seguem até a praça para a encenação da abolição da escravatura. Eles sempre seguem atrás da carruagem da Princesa Isabel e as vezes parecem esquecidos no percurso. Essa é a primeira vez que a imagem de uma escravizada é vista no cortejo sendo conduzida por um terno e não apenas seguindo a carruagem. Também achei significativo, pois a honra de ser conduzida no grande cortejo era exclusividade da princesa branca e agora tivemos uma personagem da história do povo negro nesta cena.

A chegada do cortejo na praça também se dá com um grande atraso, mas ainda assim a programação é seguida e uma breve encenação é realizada para rememorar a abolição da escravatura. Homens e mulheres caracterizados simulam o trabalho escravo enquanto recebem ordens do feitor que os ameaça de açoite. Em dado momento a Princesa Isabel é chamada a interceder e realiza então a leitura da Lei Áurea.

²⁶ Assista o vídeo: <https://youtu.be/C4aHvKVUQmo>

A encenação é breve, mas é sempre muito aguardada pela comunidade que se reúne na praça para assistir. Muitos se recordam de figuras importantes do passado, como a saudosa Dona Geralda Pio, que por décadas interpretou uma escrava e aos gritos pedia pela intercessão de Nossa Senhora para livrá-la da vida de cativa. A voz de Dona Geralda ficou gravada na memória de muitos reinadeiros que a assistiam emocionados.

Chamou a atenção neste ano de dois mil e vinte e três a ausência da forca que sempre foi montada na frente do palanque para a encenação da abolição. Durante a apresentação teatral um homem caracterizado era posicionado nessa forca, com a corda em volta do pescoço, como se estivesse prestes a ser executado. Neste ano a forca não foi montada, causando estranhamento e um grande burburinho, pois a encenação é muitas vezes chamada de “A forca”, então quando disseram que não haveria forca muitos pensaram que não haveria encenação.

Alguns dias antes do festejo, durante uma entrevista, o capitão Geraldinho me antecipou a informação que não haveria uma forca na praça durante a encenação da abolição, porque a comunidade estava preocupada com a ocorrência de suicídios por enforcamento na cidade. Diante disso, a diretoria da Associação do Reinado do Rosário de Itapecerica achou que seria melhor excluir essa cena da apresentação.

Não temos dados sobre suicídios na cidade, mas dias antes do festejo a Prefeitura reuniu psicólogos, psiquiatras, equipes de saúde e assistência social para a realização de conferências sobre a prevenção de suicídios, no intuito de capacitar os profissionais para ações que contribuam para a redução dos índices de atentados contra a própria vida na cidade.

Acredito que a visibilidade e o alcance do festejo trazem uma responsabilidade social que deve ser observada em situações ímpares. Diante da preocupação com a preservação da vida, considero positivo que as atitudes da Associação do Reinado estejam alinhadas com as ações do poder público, já que ambos trabalham, cada qual à sua maneira, para a valorização e o bem-estar da comunidade.

Após a realização da encenação, os ternos foram almoçar em vários locais diferentes. Fui gentilmente convidada para acompanhar o Rei Perpétuo Vitor durante o almoço servido por sua família. Nossas coroas formam um par, então, durante o festejo somos o Rei e a Rainha do Povo. Assim como as descendentes de minha bisavó guardam a Coroa Perpétua da Rainha, os familiares de Vitor guardam a Coroa Perpétua do Rei.

Figura 32 - Escrava Anastácia na Igreja



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 33 - Princesa Isabel na Igreja das Mercês



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 34 - Escrava Anastácia e Princesa Isabel



Fonte: Destak News, 2023
Créditos: Wellington Vieira

Figura 35 - Capitão Luiz Otaviano recebendo a benção da Escrava Anastácia



Fonte: Destak News, 2023
Créditos Wellington Vieira

Figura 36 – Cortejo da Princesa saindo da Igreja



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 37 - Cortejo no entorno da Praça do Coreto



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 38 - Escrava Anastácia com terno de Moçambique



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 39 - Princesa Isabel e os escravizados no cortejo



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 40 - Encenação da abolição na praça



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 41 - Forca excluída da encenação



Fonte: produzida pela autora, 2007

Cheguei ao local do almoço e dirigi-me ao trono preparado pelo rei, onde minha coroa foi acomodada junto à dele. Fui levada em seguida até um grande quintal nos fundos da casa, onde seria servido o almoço. No fogão de lenha ainda aceso, as cozinheiras, comandadas pela mãe do rei, preparavam a comida que já cheirava à distância. Já havia amigos e parentes aguardando a chegada dos ternos para compartilhar do momento especial que é o almoço de Reinado. Optei por não produzir imagens desse momento, porque fui convidada na qualidade de rainha e não de pesquisadora. Ninguém estava fazendo fotos ou filmagens, todos se concentravam em confraternizar, aproveitar o momento com a família e os amigos.

Logo o primeiro terno chegou para o almoço então segui com o rei até o trono, o local lindamente preparado na garagem que fica na frente da casa. Um altar foi montado com imagens dos santos reinadeiros, flores, velas e cortinas brancas que faziam o lugar parecer uma capelinha. O rei, como anfitrião, recebeu a bandeira do primeiro terno, Moçambique do Camacho, novamente comandado pela Capitã Geovani. Permaneci ao lado do rei e sua sobrinha que foi uma das princesinhas no festejo. Recebemos os cumprimentos do terno que não entrou no local do trono. Pelo adiantado da hora todos fizeram seus cumprimentos à porta e foram logo conduzidos pelo rei para o quintal da casa.

Logo em seguida chegou o segundo terno, Moçambique da Boa Viagem, que tem como primeiro capitão o Senhor Antônio Pretinho, um dos grandes mestres do reinado. À frente do terno vinha o Capitão Deco, tio de Vitor. O capitão, que também foi Rei Perpétuo antes de Vitor, cumprimentou-nos e pediu que entrássemos no local do trono para que ele pudesse nos saudar devidamente e adorar as coroas, já que ele mesmo já fora guardião de uma delas.

Após uma bela e emocionante cantoria, o capitão pediu que o conduzíssemos, de coroas em mãos, até o quintal da casa, pedido que foi prontamente atendido. Chegando ao quintal o capitão cumprimentou os membros de sua família, com especial carinho sua irmã que comandava os trabalhos da cozinha. As cozinheiras de reinado gozam de grande prestígio, pois são abençoadas por São Benedito e cumprem sempre com grande alegria e dedicação a responsabilidade de alimentar os reinadeiros.

O almoço foi servido com grande fartura: arroz, feijão, frango, macarrão e batatas cozidas com carne, acompanhado de refrigerante e vinho, seguido por uma tradicional sobremesa: doce de mamão com doce de leite. Todos comemos sem cerimônia, muitos levaram comida para casa e a função perdurou por toda tarde.

Após o almoço fui levada ao interior da residência para me preparar, pois desempenharia minha função de Rainha do Povo mais uma vez. Enquanto me preparava,

ouvia os ternos agradecendo e se despedindo com toadas e versos que exaltam o trabalho impecável das cozinheiras.

*Cozinheira, que cozinha com alegria
Cozinheira, que cozinha com alegria
Seu tempero é igual ao que São benedito fazia
Seu tempero é igual ao que São benedito fazia*

No começo da noite o rei e eu fomos novamente conduzidos até o convento onde todos os reis, rainhas, príncipes e princesas aguardam no último dia de reinado. As guardas vão chegando e entregando os festeiros ao som de toadas que marcam o fim do festejo.

*Dói dói
Coração me dói
Dói dói
Coração me dói
Festa tá acabando
Ê é coração me dói
Festa tá acabando
Ê é coração me dói*

Ao final do cortejo de domingo, os festeiros foram acomodados em seus lugares no palanque, para a cerimônia de troca das coroas: a descoroação dos festeiros de dois mil e vinte e três e a coroação dos festeiros de dois mil e vinte e quatro. Como já mencionado, em Itapecerica os reis não recebem as coroas nas cabeças, então a cerimônia é bem simples mas muito particular. Ao som da Salve Rainha, os festeiros entregam suas coroas e bastões a seus sucessores, exceto os Reis da Coroa Grande.

A Coroa Grande do Reinado é entregue aos Reis do Povo e eles a entregaram aos novos festeiros. Os Reis Congos Perpétuos são também chamados de Reis do Povo por cumprirem a vontade do povo do Rosário, que escolheu os soberanos do próximo festejo. Essa é missão dada à minha bisavó e cumprida por quatro gerações de mulheres de minha família, descoroar e coroar os Reis da Coroa Grande.

Essa cerimônia foi o ponto inicial da pesquisa que aqui se desenvolve. A Salve Rainha sempre foi cantada pelo terno de Moçambique durante a realização dessa cerimônia, mas com a morte dos capitães mais experientes o rito foi modificado porque ninguém se

sentia apto a cantar a oração à maneira do reinado. Para cumprir o ritual, a diretoria do reinado gravou o áudio de um violeiro cantando a oração e passou a executar esse áudio durante a coroação.

Conversando com o Capitão Deco perguntei porque ele não usava esse áudio para aprender o canto e voltar a fazer o ritual da forma original. Foi então que a resposta do capitão me revelou um aspecto relevante do nosso aprendizado como reinadeiros, o capitão me disse *“a gente até pode aprender com o áudio, mas precisa de alguém pra passar isso pra gente”*. Ele quis me dizer que não se trata apenas de aprender a cantar, é preciso mais. Dessa conversa nasceu o projeto de pesquisa que propunha compreender como se dá esse aprendizado tão particular.

Após a cerimônia de troca das coroas o trono é dispensado com agradecimentos e cumprimentos nos quais já se houve a palavra saudade, pois as coroas serão recolhidas aos seus altares, na sede da associação e nas casas dos festeiros; lá permanecerão à espera do novo Reinado, pois no dia seguinte apenas os Mordomos se farão presentes para encerrar o festejo.

4.4 O fim do festejo

Na segunda feira os Mordomos se juntam aos ternos para a realização da procissão que conduz os andores com imagens de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês. Após a procissão foi realizada uma nova missa campal na Praça da Santa Cruz, com a participação da comunidade que ao fim da cerimônia recolheu as flores dos andores dos santos. As flores recolhidas pelos fiéis são levadas para casa a fim de atrair bênçãos e prosperidade.

Os ternos foram, então, convocados para o rito de descimento dos mastros. Novamente os grandes mestres se reuniram para realização do ritual que se assemelha ao que fora feito no levantamento. Uma vela ilumina os rostos em volta do mastro, orações e preces são feitas enquanto se agradece pela proteção conferida em mais um festejo realizado na santa paz. Os mastros foram então arrancados do chão e as bandeiras desceram até serem alcançadas pelas dezenas de mãos que se apressaram em retirar as flores artificiais, que serão juntadas às flores recolhidas nos andores.

Novamente, o terno de Moçambique abriu caminho entre os demais, conduzindo os mordomos para recolher as bandeiras e depositá-las ao lado dos andores. Enquanto os

moçambiqueiros levavam as bandeiras, os mestres se apressavam em fechar o buraco antes ocupado pelo mastro. O ritual se repete e o reinado vai se encerrando, com alegria e grande satisfação, pois a tradição se manteve por mais um ano. A memória dos ancestrais, a história dos negros cativos, o sentido da resistência, tudo está tão vivo hoje quanto estivera ontem e com a coroação dos novos festeiros vem a promessa de que todos esses sentidos estarão intactos no ano vindouro.

Amanhã eu vou-me embora eia

Que me dão para levar eia

Levarei saudade sua eia

*No caminho eu vou chorar eia*²⁷

²⁷ Toada muito cantada pelos catupés, congadas e pelos marinheiros ao final dos festejos.

Figura 42 - Trono Coroado no domingo



Fonte: Alisson Prodlik, 2023

Figura 43 - Andores na Procissão



Fonte: Página @reinadoemminas no Instagram, 2023

Figura 44 - Andores após a retirada das flores



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 45 - Preparando a descida do mastro



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 46 - Bandeira sendo aparada pelas pessoas na praça



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 47 - Terno Congo Sereno deixando a Praça da Santa Cruz



Fonte: Alisson Prodlík, 2023

5 OUTROS REINOS E REINADOS

*Ô vila nova
Vila de Santa Tereza
Viva o povo dessa terra meu Deus
Ô que beleza²⁸*

A tradição do Reinado em Itapecerica não se resume ao festejo do Alto do Rosário. Em seus mais de duzentos anos de existência, o Reinado de Itapecerica deu origem a outros festejos que se realizam em bairros e comunidades por toda a cidade e embora esses festejos tenham menos tempo de existência e menos projeção, também se fazem importantes para a preservação dos saberes do reinado.

Os festejos de Itapecerica acontecem em datas fixas, podendo haver pequenas variações, o Reinado do Rosário de Itapecerica, festejo bicentenário que deu origem aos demais, sempre acontece no segundo final de semana de agosto, com seu grande cortejo acontecendo na manhã do domingo dos pais. Oito associações realizaram festejos em Itapecerica em dois mil e vinte e três:

- Associação do Reinado de Nossa Senhora Aparecida de Boa Viagem – 12/05 a 15/05;
- Associação do Reinado do Rosário de Casa Queimada – 30/06 a 02/07;
- Associação do Reinado do Rosário de Lamounier – 14/07 a 16/07;
- Associação do Reinado do Partidário – 05/07 a 06/07;
- Associação do Reinado do Rosário de Itapecerica (Alto do Rosário) – 11/08 a 14/08;
- Associação do Reinado Santos Reis (bairro Alto Alegre) – 25/08 a 27/08;
- Associação do Reinado do Rosário do Distrito de Marilândia – 16/09 e 17/09;
- Associação Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Neolândia – 24/09 e 25/09;

Não foi possível acompanhar todos os festejos de dois mil e vinte e três, apenas os que ocorreram nas imediações do centro da cidade, devido às dificuldades logísticas. O transporte coletivo para os distritos é bastante limitado e não há registro de hospedagem. Nas comunidades rurais a dificuldade é ainda maior, sendo necessário veículo próprio para o trajeto de ida e volta ao centro. O primeiro festejo acompanhado foi o da Boa Viagem, que abriu o calendário de festejos no final de semana em que se comemorou a abolição da escravidão.

²⁸ Toada cantada geralmente por ternos visitantes para saudar a comunidade reinadeira que os recebe.

5.1 O Reinado da Boa Viagem

No dia doze de maio de dois mil e vinte e três acompanhei pela primeira vez a realização do festejo do bairro da Boa Viagem, que acontece desde mil novecentos e setenta e dois. Ao chegar no ponto central da festa dirigi-me ao oratório localizado diante do palanque, onde Nossa Senhora do Rosário parece recepcionar os que chegam para o festejo. Depois me dirigi à igreja da padroeira Nossa Senhora Aparecida, onde fiz minhas orações com pedidos de sabedoria e proteção para que conseguisse cumprir a missão que me propus naquela noite. Em seguida, guiada pelo som das caixas e patangomes, encontrei o terno de Moçambique do Capitão Antônio Pretinho, que se preparava para sair e cumprir sua missão. Todos estavam reunidos na varanda da casa que descobri ser do próprio capitão Antônio.

Permaneci do lado de fora, acompanhando os cantos e orações até que o capitão Deco me avistou e reconheceu. Ele tinha em mãos uma garrafa com a margosa²⁹ e um pequeno coité que ele usava para servir a beberagem. Junto do capitão um integrante do terno trazia um frasco com álcool. Esse é um momento importante do preparo, pois a margosa e o álcool são utilizados para o descarrego e para a proteção dos moçambiqueiros. Ambos são preparados pelos capitães dos ternos de acordo com os ensinamentos dos antepassados e dos seus guias espirituais.

O Capitão então acenou para que eu entrasse na varanda e recebesse a margosa e o álcool para o descarrego, atendi o chamado e me juntei aos moçambiqueiros no ritual. Em seguida, voltei para o lado de fora da varanda e aguardei. Logo em seguida a bandeira foi erguida diante do portão e todos passaram sob ela, pedindo as bênçãos da Mãe do Rosário. O Capitão Antônio Pretinho saiu pelo portão e ao me avistar dirigiu-se a mim para tomar minha bênção e me abençoar. Ele cantou versos que me deixaram muito emocionada, pois me lembraram que mesmo estando ali como observadora, pesquisadora, sem minha farda (vestido), eu ainda era uma Rainha Perpétua, uma filha do Rosário, uma reinadeira.

Em seguida o terno seguiu até o Cruzeiro das Almas, ao lado da Igreja. O Cruzeiro das Almas é um local sagrado para os moçambiqueiros, pois é a morada dos Pretos Velhos. Os Pretos Velhos são os espíritos dos negros africanos escravizados que morreram pelas senzalas e hoje, no pós morte, retornam à terra na forma espiritual, através das mesas de Umbanda, para ensinar e guiar os filhos da terra. De acordo com a história contada pelos

²⁹ Beberagem feita com cachaça e ervas que dão sabor amargo à bebida.

antigos, foram os Pretos Velhos que cantaram e dançaram para Nossa Senhora do Rosário quando ela apareceu no mar.

O Capitão Deco fala sobre a importância dos Pretos Velhos para os Moçambiqueiros no documentário Na Angola tem (2016, s/p.): “O Maçambique né, os Preto Vêi dançava nele. Eles que começaram o batuque do Reinado. E os Preto Vêi, é eles que ajuda, que protege as guarda [...] Como eu gosto de trabalhar com os Preto, eles mesmo que me levaram pra lá, né”. Dona Lia, Mãe do Terno de Moçambique, também fala desse aspecto: “A Preta Véia e o Preto Véio participa do Reinado, principalmente no moçambique, né. Onde o Moçambique tá os Preto Véio também tá.”

As falas do Capitão e de Dona Lia evidenciam a dualidade da crença de parte dos Reinadeiros, que celebram os Santos Católicos e as entidades de Umbanda em ritos marcados pelos sincretismos de uma religiosidade desenvolvida nas senzalas, onde os negros adaptaram seus cultos e práticas religiosas acolhendo os dogmas católicos, mas também preservando a essência das religiões de matriz africana. Essa dualidade se mostra fortemente presente quando os moçambiqueiros se unem diante do cruzeiro para saudar as almas, pedir proteção e sabedoria para o cumprimento da importante missão de realizar mais um festejo de reinado.

Após os ritos iniciais, os moçambiqueiros se dirigiram ao Convento, onde os Mordomos já aguardavam com suas Bandeiras Santas. Além do Terno de Moçambique, havia outros dois ternos, a Congada de São Bento e o Catupé de São Benedito e todos seguiram com o cortejo, levando os Mordomos e as Bandeiras para o levantamento dos mastros.

No segundo dia de festejo, dia treze de maio de dois mil e vinte e três, dia em que se comemora a Abolição da Escravatura, o destaque foi para a Princesa Isabel. O Trono Coroado contou ainda com outros reis, rainhas, príncipes e princesas, que foram conduzidos em um cortejo marcado pela alegria do ritmo contagiante dos catupés e das congadas.

Figura 48 - Moçambique saudando o Cruzeiro das Almas



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 49 - Oratório do festejo da Boa Viagem



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 50 - Terno Catupé de São Benedito



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 51 - Bandeira de São Benedito



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 52 - Bandeira de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 53 - Bandeira de Santa Efigênia hasteada



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 54 - Congada de São Bento



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 55 - Trono Coroado



Fonte: Produzida pela autora, 2023

No terceiro dia de festa, domingo, a comunidade se uniu aos ternos para os almoços oferecidos pelos integrantes do Trono Coroado e por outros devotos. Fui convidada a acompanhar o Terno de Moçambique do Sr. Antônio Pretinho, no local onde o Rei e a Rainha ofereceriam o almoço. O Rei em questão, Tinico, também é integrante do mesmo terno.

O Rei Tinico, o capitão Deco e várias outras pessoas que prepararam e serviram o almoço são membros de uma família que tem grande tradição no Reinado de Itapecerica, o que torna o momento do almoço uma emocionante celebração familiar. Na chegada do terno para o almoço, enquanto o Capitão Deco cantava seus versos ao lado de sua família, muitos choravam pela emoção de cumprir suas missões, mas também por se lembrarem dos antepassados, daqueles que se foram e deixaram todo um legado de união e fraternidade.

Esse foi um dos momentos mais emocionantes que pude presenciar, algo que demonstra a força dessa tradição para as famílias reinadeiras de Itapecerica. Lágrimas e sorrisos se misturavam nos rostos das pessoas que simplesmente deixavam fluir os sentimentos despertados pelo momento de comunhão e celebração. Todos cantavam o refrão enquanto o capitão fazia seus versos.³⁰

Outro momento de grande emoção para todos aconteceu na noite desse mesmo dia, ao final do cortejo. Com todos reunidos diante do palanque da festa, foi realizada a coroação de uma nova Rainha Conga. A atual rainha, Sra. Marcelina, decidiu entregar a Coroa Conga em virtude de sua idade avançada. Dona Marcelina completou, em outubro de dois mil e vinte e três, noventa e dois anos de idade e trinta e oito anos como Rainha Conga do Reinado da Boa Viagem. Embora goze de boa saúde, achou que esse era o momento de entregar seu legado à nova geração. Não havendo sucessora na família, Dona Marcelina entregou a coroa à Associação do Reinado, que escolheu a jovem Edna para sucedê-la nessa nobre missão.

Com esse aceno de continuidade, o festejo da Boa Viagem se encerrou em um clima de grande alegria. Diante da comunidade, os ternos cantaram, dançaram, desceram os mastros, recolheram suas Bandeiras Santas e se despediram do primeiro festejo do ano de dois mil e vinte e três.

³⁰ Assista ao momento <https://youtu.be/eM6fluV8lmw>

Figura 56 - Terno de Moçambique no almoço dos Reis



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 57 - Rainha Conga Dona Marcelina



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 58 - Dona Marcelina entregando a Coroa Conga



Fonte: Produzida pela autora, 2023

5.2 O Reinado de Lamounier

No dia quatorze de julho de dois mil e vinte e três, teve início o Reinado de Lamounier, festejo realizado há mais de oitenta anos no charmoso distrito de Itapecerica. No primeiro dia de festejo, uma missa conga foi realizada na igreja de Nossa Senhora das Dores, com a presença dos mordomos devidamente preparados para o levantamento dos mastros. Após a missa conga os ternos conduziram os mordomos por um curto caminho até uma linda praça localizada atrás da rodoviária do distrito. Nessa praça há uma singela capela de Nossa Senhora do Rosário e atrás da capela um cruzeiro, o que deixa claro tratar-se de um território dos reinadeiros, cuidadosamente estruturado para seus ritos. Um palanque foi montado bem próximo à capela para receber o trono coroadado e os mordomos.

Com a participação dos ternos, da corte e da comunidade que sempre prestigia os festejos, os mastros foram levantados num gesto de devoção, sempre com a esperança de que todo o festejo se realize na santa paz, sem que nenhum mal recaia sobre os filhos do Rosário.

Cumprе aqui destacar que um novo terno de Moçambique foi formado ou levantado, como se diz em Itapecerica, para pelejar durante o reinado de Lamounier. À frente do terno, o experiente Capitão Tê conduzia os ritos com a certeza de quem cumpre a nobre missão de manter viva a tradição do reinado junto às novas gerações. Esse acontecimento deixou alegre toda a comunidade reinadeira, pois dá sinais de que o reinado continua se renovando, se fortalecendo.

O segundo dia de festejo marca a comemoração pelo fim da escravidão. Assim como no Alto do Rosário, em Lamounier também se realizou o cortejo com a Princesa Isabel, seguido pela encenação da abolição com a leitura da Lei Áurea. Foi um momento especial, que reuniu toda a comunidade na praça. O local ficou o dia todo cheio de crianças correndo e brincando entre os reinadeiros.

Após a encenação todos se dirigem ao local do almoço, onde a comida foi servida com grande fartura, mas com grande demora, pois havia muitos ternos e toda a comunidade se une a eles para a refeição. O almoço perdurou por toda a tarde, e sob o sol escaldante os ternos cantavam agradecendo o alimento preparado com grande esmero.

Após o almoço os ternos foram buscar os festeiros em suas casas, e os conduziram até o convento. Havia muitos ternos e chamou minha atenção a presença dos Ternos de

Vilão³¹, isso porque não havia nenhum no festejo da Boa Viagem e muito se comentou sobre a possibilidade de esses ternos estarem acabando. Soube que dois ternos de Itapecerica encerraram definitivamente suas atividades, o Vilão de Santa Efigênia e o Vilão da Boa Viagem.

Ao final do domingo, os Mordomos encerraram a festa recolhendo as bandeiras após a descida dos mastros. O encerramento foi feito com a presença dos reis e rainhas, príncipes e princesas, além dos festeiros do próximo ano, que foram coroados reiniciando o ciclo.

O festejo de Lamounier é o que mais se aproxima do festejo bicentenário que acontece no Alto do Rosário. Não digo que os demais festejos sejam menos relevantes, mas ao acompanhar a dinâmica do festejo em Lamounier tem-se a sensação de continuidade da manifestação bicentenária que tanto orgulho traz ao povo de Itapecerica.

³¹ Grupo de dançadores que trazem sempre as manguaras, varinhas enfeitadas com fitas coloridas.

Figura 59 - Reis da Coroa Grande com Terno de Moçambique



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 60 - Missa Conga na Igreja



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 61 - Mastros hasteados ao lado da capela



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 62 - Princesa Isabel



Fonte: Facebook Reinado de Lamounier, 2023

Figura 63 - Dona Lilia caracterizada de escrava



Fonte: Facebook Reinado de Lamounier, 2023

Figura 64 - Terno Catupé Resende



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 65 - Ternos no almoço



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 66 - Reinadeiras(os) Caracterizados para a encenação



Fonte: Facebook Reinado de Lamounier, 2023

Figura 67 - Reis de Ano



Fonte: Facebook Reinado de Lamounier, 2023

Figura 68 - Terno de Vilão



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 69 - Capitão Tê com Moçambique de Santa Efigênia



Fonte: Facebook Reinado de Lamounier, 2023

Figura 70 - Moçambiqueiros cantando para pessoas da comunidade



Fonte: Produzida pela autora, 2023

5.3 O Reinado do Alto Alegre

Em vinte e cinco de agosto de dois mil e vinte e três teve início o quadragésimo quarto Reinado de Santos Reis, no bairro Alto Alegre. O festejo começou com uma celebração realizada em um palanque na rua lateral da Praça Mariano Alves Toledo, em frente à bela Igreja de Santos Reis. A celebrante Sra. Geralda realizou uma cerimônia simples, acolhedora, com mensagens sobre a Mãe do Rosário e seu amor pelos reinadeiros.

Após a celebração os reinadeiros iniciaram a cerimônia de levantamento dos mastros. Cinco bandeiras foram levadas pelos Mordomos, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santos Reis, Santo Antônio e Nossa Senhora Aparecida. Todos os ternos presentes participaram do ritual de levantamento dos mastros. Todos cantaram alegremente a abertura da festividade, mas destaco a linda cena que se desenhou durante o levantamento do mastro com a bandeira de Nossa Senhora Aparecida. Quando a bandeira foi alçada aos céus os integrantes da Congada de Nossa Senhora Aparecida, terno fundado pelo saudoso Sr. Antônio Patrocínio, se ajoelharam diante do mastro cantando e tocando uma toada tradicional, enquanto o capitão fazia versos de louvor à santa protetora.

*Amanhã eu vou me embora eiá
Que me dão para levar eiá
Levarei saudades sua eiá
No caminho eu vou chorar eiá³²*

Embora a celebração tenha sido realizada na rua, a Igreja de Santos Reis esteve aberta durante todo o tempo e tive a oportunidade de conhecer seu interior. A Igreja foi construída pelo Sr. Antônio Patrocínio e recebe todos os anos, além do Reinado, as celebrações da Folia de Reis. A igreja é bem diferente das demais igrejas da cidade e encanta pela beleza singela. As imagens de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Rosário podem ser avistadas antes mesmo que se adentre à igreja. Ao lado de anjos femininos, elas parecem dar boas-vindas aos que se aproximam pelas escadas da frente.

Na porta uma caixa com papeis recortados, colocada sobre uma banquetta, me chamou a atenção. Um senhor que estava presente notou minha curiosidade e disse que eram mensagens para os visitantes e que eu deveria retirar um papelzinho para receber uma

³² Assista o vídeo do momento <https://youtu.be/u3qtClZc9bM>

mensagem divina. Obviamente retirei um papelzinho e li a mensagem bíblica de perseverança, que me fez pensar no desafio desta escrita.

Entrando na capela percebemos que não há uma imagem da cruz ou uma mesa no centro do altar. O que se vê à frente é um presépio, em uma estrutura permanente, de alvenaria, onde há imagens da Sagrada Família e dos Três Reis Magos. Próximo ao presépio, quase escondida em uma prateleira no alto da parede oposta, é possível encontrar uma estatueta diferente, incomum em igrejas. É a imagem de uma jovem mulher grávida, a Virgem Maria esperando seu bendito fruto. Uma imagem linda, perfeita para uma capela que dia após dia nos conta sobre o nascimento do Menino Jesus.

Havia na capela um senhor que parece atuar como uma espécie de zelador ou administrador, de certa forma a serviço da Diocese. Conversando com ele compreendi que agora as atividades da capela são realizadas sem a participação da família de seu construtor, Sr. Antônio Patrocínio. Esse fato me surpreendeu porque a família manteve as tradições do patriarca, atuando nos festejos de folia e de reinado. Conversando com outras pessoas, inclusive membros da família do Sr. Antônio Patrocínio, tive a certeza que há uma certa tensão entre a família do fundador e a administração da igreja.

O “administrador” da igreja explica que a celebração eucarística foi feita na rua porque a pequena igreja não comporta todos que comparecem para a festividade do reinado, mas deixa claro que é importante que a capela esteja aberta para os reinadeiros que também rendem homenagens aos Santos Reis. Nos demais dias de festejo encontrei a igreja fechada, talvez em virtude do horário tardio que os ternos chegam ao palanque.

No segundo dia de festejo não houve concentração dos festeiros no convento, como de costume. Havia muitos ternos e muitos festeiros, então a dinâmica foi mais simples, os ternos buscaram os festeiros em suas residências e os conduziram diretamente para o palanque da festa. Acredito que a simplificação do processo tinha como objetivo melhorar o controle do tempo, mas ainda assim os cortejos se estenderam até a madrugada.

Durante o festejo do Alto Alegre fiquei hospedada na casa de Dona Kenea, bem próximo ao ponto central do festejo. No sábado, por volta das oito da noite, caminhei até o palanque pensando em acompanhar o movimento dos ternos. Quando cheguei ao local havia apenas umas poucas pessoas assistindo a apresentação de uma cantora local. Logo avistei o terno Congo Sereno passando atrás do palanque, conduzindo uma jovem rainha. Acompanhei o terno que seguia capitaneado por duas jovens mulheres, muito habilidosas na arte da cantoria.

Seguindo o terno voltei pelo mesmo caminho que havia percorrido e depois de diversas amarrações, por volta das dez da noite, estava de volta ao quarteirão da casa de Dona Kenea, onde encontrei vários outros ternos. Já era tarde mas ainda havia vários festeiros aguardando em seus tronos. Soube que muitos ternos foram buscar reis, rainhas, príncipes e princesas na região central da cidade, bem longe do destino final dos cortejos. Com muitos festeiros e muitas amarrações os ternos levaram várias horas para percorrer o caminho e os últimos chegaram ao palanque após as duas da madrugada.

No domingo à tarde juntei-me aos reinadeiros para um almoço servido no restaurante Ponto Mineiro, comumente contratado por festeiros que desejam oferecer almoço. O almoço de reinado é sempre um momento de grande alegria, onde além de se alimentar, os reinadeiros conversam e se divertem. É possível encontrar pequenos grupos cantando modas caipiras ao som da sanfona enquanto fazem a sesta. Embora os quarteis caseiros estejam sendo, cada vez mais, substituídos por ambientes alugados com profissionais contratados, os reinadeiros ainda conseguem fazer dos almoços momentos de verdadeira comunhão.

A chuva marcou presença na última noite de festejo. Festeiros se abrigaram em residências morro acima e alguns foram auxiliados por transeuntes que ofereciam sombrinhas para protegê-los das águas. O cortejo chegou à praça sobre uma chuva densa e congelante devido ao vento frio que assoviava na praça aparentemente localizada no ponto mais alto do bairro. Ainda assim, os ternos chegaram à praça cantando e dançando com grande entusiasmo, pois o festejo foi realizado com sucesso, trazendo grande alegria a todos. Os soberanos foram descoroados e coroados, os mastros foram descidos e as bandeiras recolhidas. Mais uma vez os reinadeiros se despedem com saudades, já pensando no próximo ano, no próximo festejo.

Figura 71 – Palanque e a Igreja de Santos Reis no bairro Alto Alegre



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 72 - Interior da Igreja de Santos Reis



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 73 - Presépio da Igreja



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 74 - O presépio em detalhe



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 75 - Imagem da Virgem Maria Grávida



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 76 - Congo Sereno Conduzindo a Jovem Rainha



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 77 - Rainha aguardando a chegada do terno em seu trono



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 78 - Príncipe aguardando em seu trono



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 79 - Reinadeiros caminhando sob a chuva



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 80 - Festeiros pelas ruas do Alto Alegre



Fonte: Produzida pela autora, 2023

6 DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

*Grande Anganga Muquixe
Minha gunga não bambeia
Undamba Berê Berê
vai me guardar, vai me proteger
Na sombra de um jatobá³³*

Conhecemos um pouco melhor a cidade de Itapecerica, a Velha Tamanduá. Conhecemos o Reinado do Rosário de Itapecerica, seus ritos, particularidades e seus mistérios. Vislumbramos a beleza dos festejos realizados no ano de dois mil e vinte e três e agora caminhamos no sentido do objetivo central de nossa incursão, compreender um pouco melhor o processo de compartilhamento dos saberes que mantém viva e fértil essa tradição.

Através da observação participante foi possível ver os mestres “passando” seus saberes aos jovens que aprendem na prática. São muitos meninos e meninas desempenhando papéis diversos, alguns já se destacando pelas habilidades, outros despertando ternura em que os vê tão pequeninos e já maiando³⁴ nos ternos. No entanto, o que observamos nos festejos é apenas parte do processo, olhando para o contexto histórico e para os sentidos da tradição do cortejo dos Reis Congos podemos compreender que os reinadeiros estão imersos em um complexo contexto de identificação cultural.

Ambrosio (1988), no desenvolvimento de sua pesquisa sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Sete Lagoas, afirmou que o festejo se constituía um espaço de transmissão e preservação de valores fundamentais dos congadeiros. Para a autora, parte dos valores refletidos na tradição do Reinado não pode ser atribuída a conteúdos aprendidos. Para ela, o reinado reflete aspectos de uma identidade que é construída com as experiências de “ser negro”, “ser descendente de escravos”, “ser congadeiro”.

Na mesma perspectiva, em sua pesquisa sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia – MG, Brasileiro (2016) afirma que o Congado vai além das celebrações dos festejos, é uma organização sociocultural cotidiana e envolve um conjunto de práticas que promove a manutenção dos vínculos familiares e comunitários, constituindo e fortalecendo a identidade dos congadeiros a partir da vivência das práticas culturais.

³³ Toada que remete à ancestralidade. A expressão Grande Anganga Muquixe refere-se ao negro mais velho, a figura do Rei Congo. Gunga é o terno, a fé. A expressão Undamba Berê Berê é uma referência à senhora das águas, Senhora do Rosário. O jatobá representa a ancestralidade, na sombra de um jatobá quer dizer sob as bênçãos dos ancestrais, seguindo os saberes ancestrais, os saberes perpétuos.

³⁴ Maiar é a atividade dos ternos e de seus integrantes, o ato de dançar e cantar o reinado. Durante os festejos diz-se que os ternos estão maiando. No Moçambique diz-se que a gunga está maiando.

Esta manifestação é polissêmica, suas práticas e disputas produzem uma dinâmica de sentidos socioculturais e de pertencimentos étnicos culturais que são cotidianamente construídos por meio dos gestos, das imagens, dos cantos, das danças, das indumentárias, dos instrumentos, dos estandartes, das bandeiras, dos rituais. (Brasileiro, 2016, p. 86)

As afirmações de Ambrósio (1988) e Brasileiro (2016), embora distantes no tempo, compartilham a mesma ideia dos diversos sentidos que damos às experiências vividas com nossos semelhantes e aos símbolos pertencentes às práticas que compartilhamos. Setton (2012) afirma que os múltiplos sistemas de símbolos que permeiam nossas práticas sociais, em toda sua variedade e heterogeneidade, compõem as expressões culturais que dão sentido aos nossos valores, preceitos e crenças.

De acordo com Setton (2012), toda prática cultural pode ser considerada como um veículo de transmissão, comunhão, compartilhamento de sentidos, valores e preceitos que integram e/ou diferenciam grupos sociais. No entanto, ao refletir sobre o processo de socialização contemporâneo, a autora nos traz uma multiplicidade de outras referências existentes na atual configuração social.

As famílias, as mídias, as redes virtuais, são diversas as instâncias socializadoras, por onde são difundidas diversas maneiras de conceber e interpretar o mundo e as relações sociais. Essas formas de concepção da realidade social são apropriadas e experimentadas de forma mais intensa pelos jovens, que constroem e reconstroem seus sistemas de valores e crenças.

Esse processo de significação e ressignificação das experiências pode ter grande influência sobre manifestações culturais como o Reinado de Itapecerica. As novas gerações ganham espaço e atuam de forma direta e indireta transformando as tradições de acordo com suas concepções de mundo. Os mais velhos buscam formas de transmitir seu conhecimento a fim de preservar os ritos e práticas tradicionais e assim a dinâmica das gerações acontece preservando e transformando o universo cultural dos reinadeiros.

O efeito dessa dinâmica pode ser visto e ouvido por quem conhece a acompanha os festejos. As mudanças podem ser percebidas no canto dos ternos, na presença da escrava rainha, na ausência da forca no momento da encenação, em diversos aspectos que serão evidenciados a partir das experiências compartilhadas pelos entrevistados, através das narrativas biográficas apresentadas a partir desse momento.

Figura 81 - Pequena bandeira do Moçambique



Fonte: Perfil grandereinadorosario no Instagram
Crédito: Danilo Moreira

Figura 82 - Meninas gêmeas no Catupé do Zé Anézio



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 83 - Bebê Moçambiqueiro no colo



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 84 - Pequenos catupezeiros



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 85 - Pequeno congadeiro



Fonte: Produzida pela autora, 2023

6.1 Sou marinheiro, marinheiro eu sou

Bondía Larrosa (2002) nos fala sobre o saber da experiência, um saber distinto, que não trata da verdade, mas do sentido dado ao que nos acontece, às nossas experiências. Este saber é proveniente da relação entre a vida e o conhecimento e está ligado à existência de um indivíduo ou comunidade humana. Segundo o autor:

O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. O que ocorre é que se trata de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica do trabalho (Bondía Larrosa, 2002, p. 26).

Nesse prisma, para compreender melhor os saberes do Reinado, seus sentidos e o processo de transmissão geracional, trazemos ao estudo as experiências narradas por um dos mestres do Reinado de Itapecerica, o Capitão Geraldo D'Alessandro (filho), conhecido como Geraldinho. À frente do Terno de Marinheiro, o capitão nos conta sobre suas experiências como aprendiz e como mestre, a assim nos fala da construção do seu próprio saber, que hoje o permite formar novos mestres e contribuir para a preservação das tradições do Reinado.

O Capitão Geraldinho inicia sua narrativa contando que é descendente de africanos, bisneto de escravos e que, assim como o irmão, já nasceu na tradição do Reinado. Assim o capitão demonstra ser um “reinadeiro de geração”, algo muito importante e significativo. Ele nos conta que, assim como o Terno de Moçambique, o Terno de Marinheiro também tem sua origem na trajetória de vida dos escravizados, mais precisamente na travessia marítima da diáspora:

Os negro era vendido pra cá, pro Brasil né, e vinha no navio marinheiro, es punha eles lá naquela calabouço lá, sem beber uma água, sem comer nada, sem tomar banho, maior tristeza, aí tinha uns sordado de coração bão, fugia do comandante, levava comida pra eles, levava água, aí os preto foi gostando dos marinheiro, aí formaro a Guarda dos Marinheiro. Eles fizeram bondade pros negro que vinha sofrer no Brasil, aí surgiu o Terno dos Marinheiro.

Baseado nessa história de solidariedade, o Capitão Geraldo Porco Preto, pai do nosso entrevistado, funda o Terno de Marinheiro de Nossa Senhora das Mercês, em mil novecentos e quarenta e oito. Sob o comando de seu tamborim, seus filhos Anielo e

Geraldinho se tornaram capitães nos festejos do Reinado de Itapecerica. Geraldinho, então, nos conta que chegou no Terno de Marinheiro pelas mãos da mãe, Dona Ana Luiza, que preparou a farda do filho às escondidas e surpreendeu o marido levando o menino fardado ao terreiro do mestre Amarante Passos.

Aí a mãe, caladinha, foi lá no Matias, comprou dois saco branco da usina lá e trouxe, caladinha. Pegou os saco, alvejou, era alvejado né, mandou a costureira fazer caladinha. A costureira era a esposa do capitão do Vilão, Baltazar. Faz essa roupa aí, mas o Geraldo [pai] não pode saber não, vou fazer uma surpresa pra ele. [...] Então a hora que o pai tava fazendo a reza lá, a mãe chegou e falou assim: Cê chega atrás dele e pega na roupa dele. Ele: uai, quem é esse menino aí? Esse menino é seu, ele vai no terno. Aí o povo, os dançador tudo, os dançador me apoiou, eu fui. Aí eu fiz o maior sucesso, era o filho do capitão né.

Nesse momento o capitão nos revela o papel da família na socialização das crianças, processo antes conhecido como socialização primária, que teria como objetivo a transformação do homem em ser social típico de uma determinada classe, região, gênero ou, no caso em tela, grupo étnico-cultural. Essa passagem remete à importância da socialização familiar na identificação das novas gerações, para além da dinâmica das classes sociais, conforme explicita Gomes (1994):

Na verdade o que está em jogo, além da classe, é a história familiar, pessoal e ocupacional dos pais; a maneira como cada um deles assume a sua condição de vida, inclusive a situação de classe; como se relaciona com a cultura em geral e com os diversos bens culturais, enfim, a maneira de cada um de estar no mundo (Gomes, 1994, p. 60).

Sobre sua trajetória no Terno de Marinheiro, o entrevistado nos conta que quando adolescente, ainda na condição de dançante de fiera³⁵, por vezes contrariava o pai infringindo regras de comportamento e provocando reclamações de outros integrantes do terno. A fim de discipliná-lo, o pai o alçou à condição de terceiro capitão.

Cê vai assumir a responsabilidade hoje, de capitão e de homem, já tirou as guia e o pôs ne mim, e o boné. Eu não sei... Canta, canta, canta marinheiro, que é a tradição do terno. Aí eu cantei: Sou marinheiro, marinheiro eu sou,

³⁵ O Terno de Marinheiro é composto pelos Capitães, a Bandeira (que segura a bandeira) os Caixeiros (tocam as caixas) e os Dançantes de Fieira. Os dançantes cantam, dançam, as vezes tocam pandeiros ou realizam coreografias batendo espadas ou manguaras. Capitão Geraldinho me ensinou que entre os dançantes pode haver um Meirinho, uma espécie de auxiliar do capitão.

eu sou da Bahia de São Salvador. Aí o povo foi ne mim assim, aí no outro dia ele foi lá e comprou a roupa de capitão. De hoje endiante... aí o Anielo já era capitão já, já tinha subido o grau, é o pai, o filho e o Espírito Santo. E ficou nós três comandando e lá vai até hoje.

Essa atitude reforça a visão do Reinado enquanto espaço de formação humana, quando o pai diz que o filho deverá assumir sua responsabilidade “de capitão e de homem” explicita o que se espera do papel social e humano que ele desempenha junto àquele grupo e junto à família. Chama atenção a sensibilidade do pai que percebeu o potencial do filho, apesar do comportamento inadequado, e compreendeu que o jovem já detinha conhecimento para assumir o lugar de capitão ao seu lado. A analogia usada para se referir à presença dos três (pai, filho e Espírito Santo) mostra como foi importante, para o pai, ter seus dois filhos ao seu lado.

Em 1978 o Capitão Geraldo Porco Preto faleceu e seus filhos assumiram o comando do Terno de Marinheiro. O jovem capitão Geraldinho seguiu no terno sob o comando do irmão mais velho, por quem demonstra ter grande admiração e respeito. Tais sentimentos ficam claros em vários trechos da narrativa em especial quando se refere ao saber do fraterno.

E o meu irmão tem muita sabedoria, Nielo sabe. Nielo é mestre. Eu pra chegar perto dele ainda falta muito ainda.

Fica evidente a importância dos vínculos afetivos neste processo de socialização familiar, primordial para a transmissão intergeracional dos saberes do reinado. O vínculo entre pais e filhos e entre irmãos se mostra um relevante instrumento de interiorização dos valores da comunidade reinadeira e de construção de vínculo entre as gerações. A história narrada pelo capitão nos revela importância que os filhos dão ao terno enquanto legado do pai, a união dos irmãos para a preservação da cultura, o papel da família na manutenção das tradições do Reinado de Itapecerica.

Quando da morte do Capitão Geraldo Porco Preto, o Reinado de Itapecerica era comandado pelo Capitão Mor Zé Gominho, auxiliado pelo Capitão Altamiro Botina. Os irmãos Anielo e Geraldinho eram, respectivamente, primeiro e segundo capitães do Terno de Marinheiro. Em meados de mil novecentos e oitenta e cinco Altamiro precisou deixar o comando do reinado e Zé Gominho, já com idade avançada, propõe que Anielo deixe o comando do terno para se tornar seu auxiliar. A experiência já havia ensinado a Anielo o que

a teoria nos traz a respeito da hierarquia etária das comunidades tradicionais. Anielo sabia que seria difícil submeter os integrantes do terno ao comando de seu irmão Geraldinho, que tinha apenas vinte e um anos de idade. Mas a essa altura, o Capitão Mor Zé Gominho gozava de prestígio e autoridade suficiente para legitimar a posição do jovem capitão e assim o fez:

Aí o Nielo falou assim: eu não posso fazer isso não sô Zé, que meu irmão, ele é novo, eu tava com uns 21 anos, sabe, ele é novo e ele nun vai, a turma num vai obedecer ele não. Ele (Zé Gominho) falou: vai, porque eu vou lá, lá no terreiro da casa da sua mãe que eu posso ir lá, eu tenho orde pra ir lá, que eu sou Capitão Mor. Eu vou lá e vou conversar um por um e falar com eles assim: Ó, o menino agora que é o capitão da guarda, que o irmão foi pra frente. E ocê Anielo, ocê vai vim pra frente e ele vai pra trás. Ele falava assim, o jeito dele, sabe, que eu ia ser botado capitão, que eu ia ser o primeiro e o Nielo assessor dele e assim aconteceu.

Dessa forma, nosso entrevistado se tornou Primeiro Capitão do Terno de Marinheiro de Itapecerica e aos setenta e seis anos de idade segue mantendo com orgulho a tradição da família. São setenta anos de atividade no Reinado de Itapecerica, desde que a mãe o fardou às escondidas pela primeira vez, por isso ele é considerado um dos grandes mestres do Reinado de Itapecerica e agora compartilha seu saber não só com sua comunidade, mas conosco através do presente estudo.

Figura 86 - Capitão Geraldinho



Fonte: Destak News, 2023
Crédito: Allisson Prodlik

Figura 87 – Os irmãos Geraldinho e Aniello no Terno de Marinheiro



Fonte: Perfil @ograndereinadorosario no Instagram, 2023
Crédito: Allisson Prodlik

Figura 88 - Terno de Marinheiro de Nossa Senhora das Mercês



Fonte: Perfil @ograndereinadorosario no Instagram, 2023

Figura 89 - Os irmãos Aniello e Geraldinho na Igreja do Rosário



Fonte: Acervo pessoal do Capitão Geraldinho, 2023

6.2 É milagre de Coroa

A segunda entrevista foi cedida pela jovem rainha Giovana Reis que, aos vinte e quatro anos de idade, é a guardiã de uma das coroas mais representativas da tradição do Reinado, a Coroa Conga, a Coroa conduzida desde que os negros escravizados da Irmandade do Rosário realizavam seus cortejos pelas ruas da Velha Tamanduá.

Giovana nos conta que o Reinado é também uma tradição de família, que teve início com seu avô, Sr. Alberico, que foi sanfoneiro no terno do bairro Alto Alegre sobre o comando do Sr. Antônio Patrocínio. A mãe de Giovana teve grande influência em sua trajetória com o Reinado, pois foi ela a herdeira da tradição e a responsável pela transmissão dessa herança cultural.

O Reinado começou através do meu avô, saudoso Alberico Sanfoneiro. O meu avô... daí ele foi levando minha mãe, Maria de Lourdes Reis, a Lourdinha, ela passou pra nós, nós filhas [...] E aí depois disso o vô faleceu, a mãe tomou outro rumo de vida, casou, então ela teve um casamento muito conturbado, num teve aquele livre arbítrio, porque antigamente os maridos mandavam muito nas esposas, então ela foi deixando de lado mas nunca deixou de contar a gente sobre as histórias que ela vivenciou. Depois que ela se separou, que a gente veio morar em Itapecerica, que até então a gente morava em Santo Antônio do Monte, depois que a gente veio morar em Itapecerica aí ela começou a me contar mais histórias ainda.

Coube a Dona Lourdinha não apenas a transmissão, mas o esforço de preservação daquilo que aprendeu com seu pai Alberico Sanfoneiro. Dona Lourdinha manteve-se firme na fé e na tradição, mesmo diante do distanciamento requerido pela trajetória de vida, algo muito comum na vida de mulheres em nossa sociedade.

Cabe aqui uma breve reflexão sobre o desenraizamento cultural, que ocorre quando um indivíduo se distancia de suas origens familiares, sociais e culturais. Ao estudar as repercussões psíquicas do desenraizamento cultural, Mahasen (2009) ressalta a importância do aspecto geracional para a compreensão das consequências do desenraizamento cultural, pois cada família trata de forma peculiar as questões da vida humana, interagindo com a cultura na qual está enraizada. Essa forma de lidar com a vida é transmitida de geração em geração, num ciclo contínuo que muitas vezes é quebrado no processo de desenraizamento.

O desenraizamento cultural e religioso apresenta problemas e situações que levam a pessoa a adoecer em suas possibilidades de ser. A pessoa vive fragmentada, os elementos e o amparo necessários para conseguir a superação de suas dificuldades psíquicas como que desaparecem (Mahasen, 2009, p. 32).

Avaliando a questão através do que compreendemos acerca das comunidades tradicionais e de seus saberes, é possível pensar nas diversas razões que levaram Dona Lourdinha a resgatar e transmitir às filhas sua herança cultural, pois nas palavras de Mahasen (2009, p.39) “O ser humano precisa de enraizamento. O ser humano tem necessidade do viver compartilhado, marcado pela ação na comunidade e por uma memória viva que guarde os tesouros do passado.”

Em dois mil e dezoito a Rainha Conga do Reinado do Alto do Rosário, Dona Maria, abdicou da coroa em virtude da idade avançada. Dona Lourdinha viu nessa situação uma oportunidade e, mesmo estando doente, manifestou seu desejo de assumir a Coroa Conga e foi atendida. Giovana conta como foi a chegada da Coroa Conga às mãos de sua mãe, em um rito diferente do que presenciamos durante a coroação da nova Rainha Conga do Reinado da Boa Viagem:

Aí a gente foi e pegou a coroa, aí eles fizeram o processo, né, que eles levam a coroa, faz aquele cortejo né, com a coroa, porque é uma relíquia, é uma coroa muito... né, uma muito forte, então ela precisa ser cortejada e ela foi cortejada lá pra nossa casa, Aí a gente ficou com a coroa.

Dona Lourdinha desempenhou seu papel de Rainha Conga durante o Reinado no ano de dois mil e dezoito com certa dificuldade, pois sofria de diabetes e problemas cardíacos. No ano seguinte, um machucado no pé se agravou em virtude da diabetes e a impediu de participar do festejo. Foi então que Giovana assumiu a Coroa Conga.

Aí chegou a data de ir pro Reinado né, na hora que chegou o mês de agosto, aí ela pegou... perguntei o médico se ela podia ir, porque ela queria ir, agradecer e tal. Aí ele falou: não, infelizmente ainda não, é muito longo, sua mãe tá muito pesada, vai abrir de novo se ela temar. Aí eu falei... aí minha mãe: nó Giovana, como que nós vamo fazer, será que a gente vai ter que passar a Coroa pra frente, eu num quero passar a coroa, olha procê vê como que foi bom que ela ajudou a gente, Nossa Senhora é tão boa. Falei: não mãe, não vai passar porque eu vou no lugar da senhora.

Dona Lourdinha se recuperou do ferimento no pé, mas durante a pandemia de Covid 19 acabou contraindo a doença. Embora tenha superado a Covid por um “milagre de Coroa”, como nos conta Giovana, acabou sofrendo com o agravamento das comorbidades pré-existentes, vindo a falecer em dois mil e vinte e um. Assim Giovana se tornou a Rainha Conga do Grande Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica, realizando o último pedido da mãe, que assim a aconselhou:

Giovana, eu voltei do Covid mas eu não vou viver muito tempo, eu vou morrer, só que eu quero que você viva uma vida assim, como eu te ensinei, uma vida honesta, uma vida perante a fé que eu te ensinei e eu não quero que você entregue a Coroa, porque eu sei que suas irmãs não vai pegar, elas é diferente Giovana, então elas não vão querer pegar e eu não quero que você entregue a Coroa, porque a Coroa ela foi a benção nas nossas vidas, então eu não quero que você entrega, eu quero que você continua, enquanto cê tiver vida, enquanto cê tiver força, se o dia que você não tiver dinheiro, condições de comprar, alugar um vestido bonito, de fazer o vestido que você gosta, você pode ir de calça jeans e blusa, mas que você leva a Coroa cê leva, porque é um compromisso que você tem com Nossa Senhora do Rosário e todos os Santos.

Nossos entrevistados compartilharam conosco suas histórias de vida e suas experiências de aprendizagem no Reinado. A jovem Giovana nos contou das lições da mãe e o experiente Capitão Geraldinho nos relatou sobre seu aprendizado junto do pai e outros mestres e também sobre a forma como hoje conduz os jovens marinheiros. Por meio desses relatos conheceremos, a seguir, a Pedagogia do Reinado.

Figura 90 - A Rainha Conga Giovana



Fonte: Perfil @ograndereinadorosario no Instagran, 2023

Figura 91 - A Rainha Conga Dona Lourdes e suas filhas



Fonte: Acervo pessoal de Giovana, 2020

6.3 A Pedagogia do Reinado

Antes de falarmos sobre o processo de ensino e aprendizagem, é necessário refletir um pouco sobre o tipo de saber que se manifesta em tradições como o Reinado de Itapecerica, os chamados saberes tradicionais. Recebem essa denominação todos os conhecimentos relacionados à forma de ser e fazer das comunidades tradicionais, conhecimentos que são transmitidos de geração em geração, normalmente, através da oralidade.

Através dos saberes tradicionais, assim como do saber científico, as pessoas e grupos buscam compreender o mundo e agir sobre ele. Cunha (2007) aponta algumas das profundas diferenças entre os saberes tradicionais e os saberes científicos. Enquanto os saberes científicos buscam estabelecer “verdades absolutas”, os saberes tradicionais se mostram mais tolerantes e acolhem explicações diferentes, pois aceitam que existem tantos regimes de conhecimentos tradicionais quanto povos. Cada povo terá suas bases culturais e cosmológicas, sobre as quais seus saberes são construídos. A compreensão dessa diversidade torna aceitável que uma montanha tenha vida para um povo e para outro não.

Para Cunha (2007), a ciência hegemônica opera pela lógica de conceitos em busca da evolução tecnológica e científica; enquanto os saberes tradicionais operam a partir das “qualidades sensíveis” como cheiros, cores e sabores. Para ela os saberes tradicionais se valem das percepções para acumular conhecimentos que contribuam para a vida em coletividade, apontando para uma sociedade que preza pela dignidade humana e o respeito à natureza.

De acordo com Menezes (2015), os saberes tradicionais são utilizados para satisfazer necessidades relacionadas a vários aspectos da vida comum, tais como o trabalho, o cuidado com a saúde do corpo e do espírito. Esses saberes são, então, acumulados e transmitidos de geração em geração dentro das comunidades, onde os mais velhos e experientes ensinam aos mais jovens os ofícios da pesca, da caça, da produção, do preparo de alimentos e remédios, da benzeção, etc. Através da observação e da participação nas atividades diárias, os jovens aprendem não só o “fazer” mas também o “ser”, pois os valores e preceitos das comunidades também são transmitidos através das práticas cotidianas.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que fazem parte dos recursos providos pelos saberes tradicionais do Reinado de Itapecerica: a “margosa” preparada pelos moçambiqueiros para descarregar e fortalecer o corpo e o espírito dos reinadeiros; as benzeções que trazem

cura e alívio das aflições; as promessas feitas em nome da fé, para reestabelecer a saúde e trazer prosperidade; os princípios morais de dignidade, solidariedade e respeito transmitidos através das histórias e do canto.

Capitão Geraldinho, ao nos contar sobre a perda de um filho ainda bebê, mostra como a comunidade busca apoio na sabedoria tradicional e na fé para superar os obstáculos da vida. O capitão relata que seu filho nasceu com problemas de saúde e foi levado ao benzedor Zé Gominho.

Zé Gominho benzia, na sexta feira que tinha um movimento na casa dele [...] em oitenta e um... eu tinha um menino meu, nasceu com problema no fígado. Naquela época a medicina era um pouco atrasada, não tinha aquela... hoje já adiantou um pouco né, tá bem bão. Aí o menino nasceu amarelo, falaram que era tirícia, falaram que era isso, aquilo, tal. Aí eu pelejei e dali, daqui. Aí levei no Doutor Severo era um médico bão que tinha aí... vou levar lá no Zé Gominho, Zé Gominho vai dar jeito no meu filho.

A confiança depositada no amigo e mestre Zé Gominho era justificada pelo papel que ele desempenhava junto à comunidade. O Capitão Mor do Reinado era um sábio benzedor e a ele recorriam os que tinham fé. Infelizmente, como o próprio benzedor já havia alertado, a criança não sobreviveu à doença. Nas palavras do pai: “... aí ele morreu dia vinte, quando foi dia vinte e um nasceu o... esse que é o Prefeito hoje, Teco, aí a mãe dele me chamou pra ser padrinho dele. Então um filho foi embora e chegou outro”

Giovana também nos conta como a fé foi o recurso ao qual recorreu no momento de dificuldade, diante da doença da mãe. Um ferimento no pé de Dona Lourdinha exigiu cuidados especializados, em virtude da diabetes. Nesse momento, diante da falta de recursos financeiros e da angústia, todas as dificuldades foram superadas pela crença que a Coroa Conga é milagrosa.

Aí ela ficou em casa durante um tempo, a gente pelejando, levando ela pra fazer curativo todos os dias, a gente não tinha carro, tinha que pagar taxi, então era só eu e minha mãe, a gente pagava aluguel, difícil, uma vida muito apertada, pois Deus e Nossa Senhora do Rosário sempre deu força pra mim [...] Não me pergunte nem como que eu paguei taxi todos os dias, ida e volta pra ela, não me pergunte como que foi, como se diz, pago medicação, não me pergunte porque eu nem sei explicar, foi milagre de Nossa Senhora, foi milagre da Coroa, foi... não tem como.

Cunha (2007, p. 78) afirma que para o senso comum, “*o conhecimento tradicional é um tesouro, no sentido literal da palavra*”, transmitido de geração em geração. No entanto, a autora diverge desse posicionamento e afirma que os saberes tradicionais também são pautados em processos de investigação que geram novos modos de fazer e, portanto, não pode ser considerado um conjunto acabado a ser simplesmente preservado.

Contudo, quando vistos pelo contexto das tradições culturais afro-brasileiras, esses saberes devem ser considerados um tesouro a ser preservado, porque muitas práticas dessas tradições têm um sentido de resistência, de proteção de algo realmente valioso, precioso. Esses saberes se mostram importantes para a preservação da memória étnica que o escravismo tentou apagar.

O Reinado (ou Congado) em Minas Gerais é uma tradição cultural e religiosa afro-brasileira, rica em símbolos e ritos que materializam os saberes tradicionais da comunidade negra de Itapecerica, saberes que seus praticantes lutam para preservar geração após geração. Mas como os reinadeiros realizam essa transmissão de saberes? Como se dá a prática desse processo de ensino/aprendizagem que não é sistematizado, que não obedece diretrizes formais ou se opera por procedimentos padronizados? Que pedagogia é essa desenvolvida no âmbito dessa comunidade, que garante há séculos a sobrevivência dos seus saberes tradicionais? A experiência narrada por nossos entrevistados nos mostra um pouco desse processo.

Conforme já vimos, o Capitão Geraldinho, quando adolescente, por vezes, desobedecia o pai abandonando sua posição para namorar. Em dado momento, o pai decidiu discipliná-lo e o fez tornando-o terceiro capitão do terno em um momento marcante para o entrevistado. Após anos tendo o filho ao seu lado, acompanhando e observando as atividades, o Capitão Geraldo Porco Preto acreditou que o jovem já havia adquirido conhecimento suficiente para juntar-se a ele como capitão. Não houve um processo de aprendizado formalizado ou uma preparação prévia, houve um aprendizado cotidiano e a percepção do mestre sobre o desenvolvimento do aprendiz.

Após tornar-se primeiro capitão do terno, Geraldinho continua seu aprendizado junto dos mestres que “passam” seu conhecimento no decorrer dos ritos, práticas e da oralidade. Como exemplo temos a arte da cantoria, um aspecto marcante do Reinado de Itapecerica e parte importante do aprendizado dos(as) capitães(ãs), um aprendizado que não cessa e é compartilhado, conforme nos revela a narrativa.

A gente descendo perto do banco o Zé Gominho apitô falou assim: espera aí, deixa eu te ensinar essa toada menino, essa toada é do tempo, já ouviu falar da guarda dos Mouro? Os Mouro? (respondi que não) Aqui tinha uma guarda dos Mouro, cê nem sonhava em nascer, era a cavalo, es tinha espada, es fazia tipo um teatro na televisão, na rua, lutava os romano contra os... tipo um teatro aí tinha até uma toada que ele cantava assim: Senhor rei mandou me chamar / lá no parque municipal / para receber / a Rainha de Portugal / senhor rei mandou me chamar / lá no parque municipal / para receber / a rainha de Portugal. Aí o Zé Gominho falou assim: essa toada é dos Mouro, eu aprendi ela, ainda falou: cê nem sonhava em nascer. Então, o Zé Gominho passou pra mim, eu comecei a cantar, todo mundo pegou, a cidade inteira canta, até fora daqui já vi cantar. Saiu do Zé Gominho e eu mandei pro pessoal, então lá vai, virou a coisa que todo mundo aprendeu.

O Capitão faz questão de registrar que seu aprendizado ainda não terminou. Embora esteja há décadas participando ativamente do Reinado em Itapecerica e em outras localidades, ele afirma que continua aprendendo, inclusive utilizando as tecnologias digitais e escrevendo versos.

[...] eu tô aprendendo ainda, sabe. A gente vai aprendendo, igual, eu tive num terno de Cajuru cantando, eu aprendi com eles lá. [...] Eu sou humilde, eu tô aprendendo, eu ligo o Youtube aqui ó. Tem uns capitão lá de Ouro Preto lá, que canta, eu escrevo, daqueles ali eu faço outros, vou fazendo.

Capitão Geraldinho nos revela parte do seu método de ensino, um ensino que acontece durante os festejos, no decorrer dos cortejos, missas e demais ritos. O capitão nos conta que aprendeu a técnica com o pai e age de forma a facilitar a participação e o aprendizado dos integrantes do terno.

Muitos dançadores que tem terno aí, muita guarda, já passou no terreiro da minha mãe e na minha mão [...]. Eu tenho muita... eu pra cantar, eu falo... quando ocê for cantar um verso, a sanfona faz o estribilho, o compasso e a melodia, meu pai me ensinou. Eu tenho muito jeito de ensinar, que a gente... quando eu vou cantar uma toada eu num vô cantando assim não, a letra é essa gente... aí eu canto a letra primeiro, antes de tocar os instrumento, aí a pessoa pega mió

A narrativa do Capitão Geraldinho nos revela um aspecto interessante do ofício de capitão. Ele nos conta que essa cantoria que conquista a todos não se resume aos versos, o capitão precisa desempenhar um papel, realizar uma performance, o capitão deve encantar

enquanto canta. Ele conta que aprendeu a técnica com o pai e ensina aqueles dispostos a seguir seus passos.

Aí meu pai falou assim: ó, cê tá vendo aqueles rapaz tudo fei, pritim dançando lá? Tô. Cê ta vendo as moça bonita, as loira, as morena tudo apaxona com eles? Vejo. É porque eles canta e dança, então cê tem que cantar, a turma responde cê num vai de, vai não igual papagaio não, muda o balanço, mexe com o povo, faz assim, faz igual eles faz lá porque o capitão tem que ser carismático e alegre com o povo. Porque se ocê ficar perto da rainha aqui assim, ó, tem capitão... repara procê vê esse ano, tem capitão que fica perto docê cantando assim, igual uma estátua, num mexe e o pai não, aí eu ensinei, cê tem que dançar, tem que trazer aquela alegoria, que o povo gosta é disso, então o pai me ensinou até isso. Aí cê vai ver, quele cantor é feio, a moça apaxona por causa do jeito dele dançar, acha bonito, fala assim: Opa! Aquele é animado então eu vou namorar ele. É isso que ele me ensinou aí eu passo pra todo mundo, o pai me ensinou assim, capitão tem que ser assim, se ocês quiser aprender igual eu aprendi cês vai, se ficar parado no tempo aí eu num posso fazer nada, aí eu ensino.

Outro ponto relevante nesse sentido é o desejo do Capitão Geraldinho de deixar um legado e a percepção de que há formas institucionalizadas de fazê-lo. Ele nos revela que tem o desejo de montar uma escola para ensinar sobre o Reinado. Segundo ele, os jovens capitães não tem muito interesse em ensinar, mas ele, compreendendo a importância da tradição, nos diz “*A gente tem vontade de montar uma escolinha aqui sabe, ensinar... pra num acabar a cultura*”.

O desejo de deixar sua contribuição para a tradição do Reinado é claramente manifestado pelo entrevistado que nos diz “*O dia que eu for embora dessa terra, porque a gente vai embora, não tem como ficar não, eu vou deixar uma história aí, uma história boa, tem muita coisa boa, vou deixando, sabe*”.

A jovem Rainha Conga Giovana também nos revela aspectos importantes do aprendizado sobre o Reinado, mas suas falas nos remetem ao processo que ocorre no interior das casas, no seio das famílias reinadeiras, onde se ensina e aprende à mesa, à beira do fogão, nos canteiros das casas. Giovana conta que sua mãe cantava toadas e contava as histórias dos santos reinadeiros e assim ensinava sobre a cultura da família.

E minha mãe me contava muita história também né, de São Benedito e ainda tem aquela música também né: “São Benedito / caminhou na praça / ele é Santo negro / mas de boa raça. Mas ela falava que São Benedito é o santo dos Cozinheiro, que ele cozinhava pros escravos, ele ia buscava os restos, aonde surgiu a feijoada, né. Aí ele buscava os resto das coisas que

os chefe não comia, aí ele fazia feijoada, fazia feijoada e todo mundo gostava, de feijão preto né, feijão que não prestava pra eles, prestava pros negro cativo. Aí ela fala, ela contava muita história, então muita das vezes eu costumo confundir depois que eu vou lembrar o que que era.

Ciente da importância da missão que deixava para a filha Giovana, Dona Lourdinha também lançou mão da escrita, deixando uma oração para que nova Rainha Conga se preparasse na sua ausência. Giovana, por sua vez, recorreu à tecnologia para preservar a lição e fotografou o papel escrito e assinado pela mãe, assim Giovana traz o documento sempre consigo no telefone celular.

[...] ela deixou comigo uma benzeção, uma benção, que era, que é pra mim fazer todos os dias que eu fosse sair de Rainha e no dia que inicia o Reinado, que é a missa conga né, que a gente tem que tá lá, tem de fazer a oração e no dia que eu visto de rainha também. Porque a Coroa, ela é pesada, então cê tem que ter sua proteção e ela deixou pra mim tudo bonitinho, escritinho, quer ver? E ainda com a assinatura dela, assinado Lourdinha (mostra a foto no celular,) Lourdinha Reis, assinado Lourdinha Reis. Ela foi a... como se diz, ela foi e é minha inspiração no dia a dia e minha inspiração no Reinado.

A história que revela a origem do Reinado também foi contada a Giovana, que ressignificou o papel da Rainha Conga, buscando uma aproximação com as raízes da tradição e uma maior identificação com os negros escravizados. Ela faz um movimento de ruptura, construindo uma outra imagem da Rainha Conga, mais próxima das raízes africanas da tradição. Ela nos conta que comprou um tecido africano para fazer seu vestido porque não queria se vestir no estilo real europeu, como é comum nos festejos de Itapecerica. Nas suas palavras nos disse “*eu vou comprar um tecido africano, porque esse ano eu não vou igual os colonizadores, eu vou trazer o povo da África*”.

Importa destacar aqui como a “tradição” é dinâmica, e não um saber acabado, como explica Cunha (2009). A autora ressalta que o que é tradicional são os modos de fazer e produzir conhecimento tradicional, e não seus conteúdos. Portanto, sempre acontece acréscimos e inovações, sejam decorrentes das contribuições de outros grupos ou das novas gerações. A rainha Giovana ainda nos conta como a história dos moçambiqueiros a inspirou:

Porque o Moçambique foi os escravo, descalços, com as roupas rasgadas, que começaram a bater caixa, fazer os... as gungas deles, porque faziam tudo com que eles tinham condições... e foi do simples que surgiu o

inesperado, o inesperado. [...] eu vou levando Coroa, cada ano eu vou levando Coroa descalço, porque começou o Reinado, quem me busca é o Moçambique, o Moçambique começou de que? Moçambique começou descalço, começou com roupa rasgada, começou como eles podiam. E eu levo Coroa descalça porque todo ano eu peço por uma coisa, uma graça e essas graças sempre são alcançadas e é assim que eu vou levando. É lindo, a história é muito bonita. Minhas irmã fica assim: Giovana do céu, cê vai descalço, cê tá doida? Calça sandália menina. Vou não, vou de pé no chão, vou sentir a emoção.

Fica evidente pelos relatos que há modos próprios de produzir e transmitir os conhecimentos tradicionais relacionado ao Reinado de Itapeçerica. Além da prática, as histórias e os cantos também são instrumentos de ensino/aprendizado. A técnica aprendida pelo capitão que harmoniza os instrumentos e se preocupa em facilitar o aprendizado dos dançadores mostra que a preservação das tradições requer grande dedicação dos mestres.

Em outro sentido vemos a escrita fazendo parte do processo onde ainda predomina a oralidade; vemos mestres e aprendizes utilizando as novas tecnologias e a possibilidade de institucionalização do processo através da criação de uma escola. Todos esses aspectos nos falam da técnica por traz do processo de ensino que será, doravante, analisado pelo aspecto da dinâmica entre os reinadeiros de diferentes gerações.

Figura 92 - Jovem da nova geração de Capitães do Terno de Marinheiro



Fonte: Perfil @grandereinadorosario no Instagram, 2023
Créditos: Allisson Prodlik

Figura 93 - Menino da nova geração de Capitães do Catupé



Fonte: Produzida pela autora, 2023

6.4 “Eu tô véio, mas eu aprendi com quem sabia né?”

Entendemos agora que o Reinado de Itapecerica é um espaço sociocultural que abarca uma gama de saberes tradicionais importante e caros à comunidade reinadeira. Entendemos também que esses saberes são preservados através de um complexo sistema de transmissão e compartilhamento, que envolve os mestres reconhecidos pela comunidade, mas também os pais, mães, avôs e avós, que no interior de suas moradas fortificam os alicerces da tradição com seus ensinamentos.

Mas há que se considerar que dentro desse processo ocorre uma dinâmica interpessoal, uma convivência geralmente harmoniosa, mas as vezes conflituosa, entre pessoas de diferentes gerações. Essas pessoas, com seus diferentes modos de ser e pensar, por vezes manifestam divergências que tensionam as relações. Essas tensões também surgiram na narrativa do Capitão Geraldinho e serão aqui problematizadas.

O conceito de gerações nos permite problematizar o tema herança cultural, a partir da dinâmica de grupos que têm diferentes modos de sentir, pensar e agir. De acordo com Abramo (1996), podemos designar como uma geração, pessoas de um mesmo grupo etário, que compartilham o mesmo contexto histórico no processo social.

A autora salienta que a similaridade etária é um fator importante para determinar o pertencimento a uma geração, pois cada grupo etário pode significar a mesma experiência de forma diferente, em virtude do acúmulo de experiência e da sobreposição de sentidos que se dá ao longo da vida. Ferrigno (2010) desenvolve o mesmo pensamento ao afirmar que as culturas humanas produzem significados diferentes para cada fase da vida. Os papéis sociais desempenhados pelo ser humano são diferentes em cada etapa da existência. Infância, adolescência, juventude, vida adulta, velhice, cada fase tem particularidades fisiológicas e também sociais, porque em cada uma delas os indivíduos desempenham diferentes papéis sociais, com regras de conduta institucionalizadas para cada papel.

No entanto, a similaridade etária não é suficiente para determinar o pertencimento a um mesmo grupo geracional, pois a contemporaneidade traz apenas a possibilidade de vivenciar as mesmas experiências. Abramo (1996) e Ferrigno (2010) salientam que é preciso que haja proximidade geográfica e cultural para que essa possibilidade se concretize, para que as pessoas do mesmo grupo etário realmente compartilhem as mesmas experiências nas mesmas circunstâncias históricas e culturais, atribuindo a elas sentidos similares e desenvolvendo, assim, modos de ser e viver similares.

Cada geração apresenta particularidades construídas e sedimentadas através de suas experiências. Pessoas de diferentes gerações tem formas diferentes de ver o mundo, pois atribuem sentidos diferentes às experiências vivenciadas, ainda que no mesmo contexto sociocultural. Essa diferenciação é o gatilho de uma complexa dinâmica na qual a herança cultural é transmitida e muitas vezes transformada, ressignificada através da acumulação de elementos novos, produzidos pelas mudanças socioculturais e incorporados pelas novas gerações de forma espontânea inconsciente (Abramo, 1996).

Os diversos contextos de socialização da atualidade, atuando fortemente sobre as novas gerações, tornam o ritmo de mudança cada vez mais acelerado. Atitudes e pensamentos são modificados tão rapidamente que requerem adaptações contínuas dos padrões tradicionais, consolidando novas configurações de pensamento e comportamento. Essa rapidez torna a dinâmica entre as gerações complexa e muitas vezes conflituosa.

Diante da diferenciação de pensamentos e percepções dos grupos geracionais, Ferrigno (2010) destaca a importância da convivência e critica a compartimentalização dos espaços sociais e a segregação das gerações. O autor evidencia a existência de uma educação bilateral ao analisar a dinâmica das pessoas de diferentes gerações (crianças, adolescentes, adultos jovens e adultos idosos) que, em constante interação social, desenvolvem o processo chamado por ele de Coeducação Intergeracional. Em seu estudo, o autor conclui que em contexto facilitador as gerações se coeducam.

Os mais velhos transmitem suas memórias aos jovens, ensejando a estes um enraizamento cultural e uma formação ética. Os mais novos, por sua vez, atualizam informações aos maduros, dando-lhes a chance de compreensão sobre a realidade contemporânea e da adaptação a um mundo de aceleradas mudanças, sobretudo no campo da tecnologia (Ferrigno, 2010, p. 234).

Na perspectiva de Ferrigno (2010), a convivência entre pessoas de diferentes gerações pode resultar em um processo de complementaridade, ancorado no compartilhamento dos diferentes sentidos que cada geração atribui aos símbolos e às experiências. Através do relato biográfico do Capitão Geraldinho percebemos que esse processo de coeducação se torna possível no contexto do Reinado de Itapecerica, na medida em que os mestres compreendem o sentido da modernidade e a necessidade de se adaptar às mudanças trazidas pelas novas gerações. O capitão nos conta que seus netos e netas já fazem parte do terno, seguindo suas tradições e isso o faz despertar para o potencial dos jovens que trazem o fôlego necessário aos festejos. Ele atribui a longevidade do Terno de Marinheiro à capacidade de agregar novas gerações e comenta sobre a modernidade trazida pelos jovens:

[...] sei que as coisa modernizou, mas tudo tem seu lugar né. [...] modernizou e tem umas coisa que cê tem que cumpanhá ele (o jovem), que se ocê ficar turrando com ele cê fica sozinho. Cê sabe que num tá certo, mas só abrindo mão, porque se não cumé que faz? E tá difícil dançador hoje sabe, engraçado os véio tá largando e tá chegando os novo. O Marinheiro nunca acabou por causa disso. Tá chegando agora os menino.

Ferrigno (2010) também se debruça sobre o conflito de gerações e assegura que, na atualidade, são diversos os fatores que tensionam as relações geracionais. Segundo o autor, a idade não é o fator preponderante nas relações conflituosas, variáveis como sexo, etnias, costumes, preferências pessoais e classes sociais são mais importantes nesse contexto de análise.

Trazendo pra essa ceara as falas do Capitão Geraldinho acerca de sua relação com os jovens, percebemos que até a maior disponibilidade de recursos gera situação de tensão, já que os jovens não veem necessidade de, por exemplo, produzir os instrumentos do terno, como era feito em outrora. Geraldinho nos contou que gostaria de voltar a produzir e usar as caixas de corda, como no tempo de seu pai. Ele conta que a ideia não é aceita pelos jovens e ele sempre acaba por ceder, mesmo se sentindo contrariado.

Aí um lá falou comigo assim, até parente meu, me chama de Dico. Ah Dico, não Dico, ocê porque é das antiga, não se usa caixa de corda no Reinado não. Usa sim, eu também tô errado, isso além de ser raiz, a caixa de corda, o som dela é acústico, es num sabe o que é aí eu expliquei o que que é som acústico. Pro capitão cantar é mais bonito e num força tanto a gente. Cê repara uma caixa, isso aqui ó gente ó (o capitão bate em um repinique com os dedos) é caixa de escola de samba [...] Aí es: Ah, mas sei o quê... sei o quê, tá veio. Não, eu tô véio, mas eu aprendi com quem sabia né? Os pandeiro hoje... pai fazia pandeiro de... ia no mato e cortava aquela madeira chamada garibu, nera pandeiro não, chamava adufo, já ouviu falar nisso? Chamava adufo. Punha eu catá aquelas tampinha de cerveja, tadinho, e fazia as tachinha. Pai que fazia os instrumento. Hoje nada faz, porque num precisa de fazer, hoje cê dá um adufo pro dançador ele vai embora, te larga sozinho.

A cantoria tão tradicional nos festejos também é motivo de preocupação em virtude das inovações promovidas pela nova geração de capitães. Versos de músicas caipira sempre fizeram parte do repertório de alguns ternos, mas eram cantados apenas em momentos de maior descontração, quando o capitão busca entreter os coroados e a comunidade. Com o passar do tempo, os capitães mais velhos foram “passando seus bastões” e os jovens no comando foram trazendo, cada vez mais, os versos sertanejos e de músicas populares. O

experiente capitão ensina sobre a necessidade de atenção à cantoria em determinados rituais, para que a tradição não seja desvirtuada.

E cê nunca chega na casa do Rei da Coroa Grande, da Rainha Perpétua cantando música de sertanejo, cê tá fora de... sei que as coisa modernizou, mas tudo tem seu lugar né. Então eu canto pra você, eu sei o que eu tô cantando, cantando a raiz. O que eu passo pros capitão é isso, ó. Igual pai falava.

É inegável que os versos de músicas populares entretêm os observadores, aqueles que não conhecem as toadas tradicionais. Mas os coroados, que trazem nas suas coroas a memória ancestral, se emocionam mesmo é com os singelos versos antigos, versos que foram cantados aos seus avôs e avós, pais e mães, nas salas das casas antigas, com toda família ao redor.

O comportamento dos coroados também gera tensão, já que alguns não se comportam da maneira esperada. É comum, principalmente entre os reis e rainhas de ano, o consumo de bebida alcoólica durante as festividades. Não há proibição estrita, mas durante os cortejos, quando se está conduzindo as Coroas Santas, espera-se que os coroados mantenham postura condizente com a de quem participa de uma cerimônia religiosa. Porém, o ar de alegria e descontração leva alguns coroados ao equívoco de achar que estão apenas participando de um folguedo e que não há problema em segurar a coroa em uma mão e o copo de bebida em outra. Alguns chegam a entregar a coroa a algum acompanhante para poder segurar o copo ou a lata de bebida. O Capitão fala de sua indignação e do sentimento ao presenciar tais cenas.

Igual eu falo assim, né o seu caso não, eu fico com raiva quando vejo uma rainha com a Coroa na mão e um copo de pinga na mão, aquilo é a mesma coisa de me dar um tiro. Falo assim: ô gente, a coroa ali tá representando a coroa da Nossa Mãe. Por que que não bebe depois? Então isso eu falei com o Nielo, tem que vê isso tudo. Dançador também assim ó, se tiver cantando não bebe no meio do terno não. Na hora que parar bebe uma cervejinha, num é errado né? Agora o rei e a rainha com a Coroa na mão, aí tá errado né?

Conforme vimos pelo aporte teórico, a forma como as gerações significam e ressignificam os sistemas simbólicos é diferente e isso gera comportamentos diferentes diante

do mesmo contexto. Mas nesse caso, há que se considerar também a presença de coroados que não são pessoas tradicionalmente reinadeiras.

Algumas posições são anualmente ocupadas por pessoas de considerável poder aquisitivo, que fazem doações importantes para o financiamento dos festejos. Muitas vezes as pessoas escolhidas para essas participações não têm vínculos estreitos com a tradição e isso pode gerar um comportamento inadequado. Por vezes os convidados podem estar interessados apenas na festividade, sem conhecer bem a tradição, o sentido do reinado, sua importância e a liturgia dos ritos.

Conforme vimos, os saberes da tradição residem em todo o contexto dos reinadeiros, refletindo seu modo de fazer mas também de ser. Não se trata apenas de fazer ou não um instrumento de forma artesanal, mas de manter uma prática que envolve convivência, onde se desenrolam conversas que transmite preceitos e valores. Esses saberes tratam da construção de uma coletividade humanizada e respeitosa, mas não a partir de conhecimentos rígidos ou imutáveis. Conforme Cunha (2007), esses saberes não são um “acervo fechado”, eles não estão conclusos e, assim como as tradições, podem ser remodelados a partir de novos protocolos, novos modos de ser e fazer. É possível afirmar que esse caráter mutável dos saberes e da tradição vem se mostrando uma franca realidade no Reinado de Itapecerica.

De fato, o Reinado de Itapecerica é uma importante tradição cultural e religiosa. Através da transmissão dessa herança cultural a fé do reinadeiro é reiterada ano após ano, não só nos festejos, mas no dia a dia das pessoas e famílias que vivem com intensidade uma religiosidade fortemente marcada pela “africanidade”, conforme veremos a seguir.

Figura 94 - Capitão Geraldinho ao lado da neta



Fonte: Pagina da Associação do Reinado do Rosário no Facebook, 2022

Figura 95 - Jovens sanfoneiras do Catupé do Zé Anésio



Fonte: Produzida pela autora, 2023

6.5 “Gente, são misturas de religiões”

O Reinado é uma tradição religiosa, desde o início o cortejo dos Reis Congos era realizado pelos negros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em honra dos santos padroeiros. O palco central do Grande Reinado de Itapecerica é a Praça da Santa Cruz, mas as Igrejas de Itapecerica ainda são locais de realização de diversos momentos solenes, como as missas congas. Logo, a fé católica dá a tônica dos festejos de Itapecerica, mas não é a única a se manifestar através da tradição.

Vimos no relato da observação participante que os moçambiqueiros têm papel central no rito que inicia os festejos, o levantamento das Bandeiras Santas, bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês. Mas antes de levantar as bandeiras dos santos católicos adorados pelos reinadeiros, os moçambiqueiros se preparam rezando e pedindo proteção aos Pretos Velhos e à “Caboclada”, entidades que se manifestam nas mesas de Umbanda.

A dualidade observada por essa perspectiva pode ser traduzida no sincretismo, tratado aqui na esteira dos estudos de Sanchis (2018). Em suas considerações sobre o tema, o autor afasta a visão do sincretismo como simples mistura ou empréstimo, tratando-o como um processo de redefinição da identidade, não só religiosa, mas cultural. Na percepção do autor, para tratar de sincretismo é preciso ter em vista um aspecto importante:

[...] a tendencial universalidade de um processo, polimorfo e causador de múltiplas e imprevistas dimensões, que consiste na percepção – ou na construção – coletiva de homologias de relações entre o universo próprio e o universo do Outro em contato conosco. Percepção que contribui para desencadear transformações no universo próprio, sejam elas em direção ao reforço ou ao enfraquecimento dos paralelismos e/ou das semelhanças. (Sanchis, 2018, p. 45)

Sanchis (2018) afirma, ainda, que esse processo não é específico do campo religioso, mas estende-se ao campo das culturas e se dá, de forma geral, num sentido pré-orientado pelas relações de poder estabelecidas entre culturas desiguais. Para o autor, a pressão da cultura dominante é fator importante no processo, mas não determinante, pois o sistema-matriz, a partir do qual a síntese será processada, pode não advir da cultura ou religião dominante.

Brasileiro (2016), ao falar sobre a religiosidade na Congada, afirma que o conceito de sincretismo não dá conta da complexidade desse contexto cultural e religioso das Congadas e Reinados Mineiros. O autor afirma que o que se sedimentou nesse contexto foi uma “*coexistência cultural e religiosa afrobrasileira*”, composta por elementos da cultura afrodiaspórica³⁶, que mantém sua existência própria, ainda que surjam em meio a elementos e rituais católicos.

No entanto, Sanchis (2018) também traz a cultura brasileira para um lugar específico ao falar sobre o tema. O autor afirma que o processo sincrético aconteceu de forma particular aqui, pois o catolicismo também foi desenraizado para se enraizar no Brasil, entre etnias diferentes. Entre católicos, índios e negros de diferentes grupos étnicos (misturados pelas senzalas para evitar a reconstrução identitária) nasce um sincretismo que torna as identidades porosas em virtude das pressões e resistências. Segundo Sanchis (2018, p. 52) “aqui é possível ser ao mesmo tempo isto e aquilo, numa coexistência ou rápida sucessão de identidades, múltiplas porque enraizadas em outro lugar.”

Fato é que o Reinado de Itapecerica, assim como diversas outras manifestações das culturas brasileiras, é marcado pela evidente intersecção de matrizes culturais e religiosas. Esse aspecto foi explorado pela Igreja Católica ao tentar suprimir a tradição do Reinado no passado, mas hoje se mostra sedimentado e é tratado com naturalidade nas narrativas biográficas que aqui apresentamos.

Giovana nos fala sobre sua percepção desse aspecto do Reinado, que para ela pode causar estranheza em pessoas que não creem ou não são capazes de compreender a cultura e as crenças dos reinadeiros. Giovana percebe essa característica, sobretudo, nos ritos do terno de Moçambique que a conduz nos cortejos.

Gente, são misturas de religião, são Umbanda, são catolicismo, espiritismo, e aí é uma mistura de religião e todas elas devemos respeitar porque são religiões. Na Bahia tem seus umbandistas, os orixás, né. Eles fazem os rituais deles, então cada um tem a sua, não existe essa de que o fulano de tal é macumbeiro. Pra começar, macumba é um instrumento, macumba é um instrumento, macumbeiro é quem toca macumba. Então não tem nada de errado.

Giovana nos conta que sua mãe era devota de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e todos os santos católicos. Entretanto, ela também nos relata uma

³⁶ Conceito usado para referir-se a códigos e símbolos culturais que se expandiram no mundo por meio da diáspora, ou seja, através da migração forçada dos povos africanos.

experiência vivida por sua mãe dentro desse contexto de fé sincrética. Enquanto se recuperava da Covid 19, sua mãe sonhou com os Meninos de Angola, entidades que se manifestam nas mesas de Umbanda, sob a regência do Orixá Ibeji, que no processo sincrético foi associado aos santos católicos São Cosme e São Damião.

[...] graças a Deus ela conseguiu escapar, mas ela chegou do Covid contando histórias de reinado e histórias de São Cosme e Damião. São Cosme e Damião, os Meninos de Angola, diz ela que só via as balas sendo jogadas pra cima e chamando ela: acorda, acorda Lurdinha, acorda e as bala caía assim, encima dela. Aí pra a gente contar essa história pra uma pessoa com mente fechada, que não crê, que não tem fé, que não acredita nas, nas religiões, porque as pessoas vão falar que é mentira, mas não.

É possível observar que além de perceber o sincretismo presente no Reinado, Giovana expressa a incompreensão por parte das pessoas acerca dessa complexidade do reinado. Mesmo após duzentos e quatro anos de existência, mesmo tendo se tornado um dos maiores eventos culturais da cidade de Itapecerica, o Reinado do Rosário parece ainda causar estranheza em quem não compreende a cultura e suas nuances.

Geraldinho também nos traz esse aspecto em seu relato biográfico. Ele relata que os capitães precisam entender sobre espiritualidade, porque forças espirituais podem se manifestar durante os ritos e cortejos e é necessário saber lidar com a situação. O capitão nos conta que é benzedor como foi seu pai e o Capitão Zé Gominho, e conta histórias do passado.

O capitão relata que certa vez os dançadores estavam reunidos para o almoço na casa de um festeiro, mas tinham ordens de esperar até que Zé Gominho chegasse para almoçar. Após horas de espera a turma começou a ficar impaciente e o festeiro decidiu permitir que a refeição fosse servida antes da chegada do Capitão Mor. Um capitão presente disse que deveriam obedecer as ordens do “maioral”, mas ainda assim os dançadores se dirigiram à mesa e tiveram uma surpresa.

Aí a turma chegou na mesa assim, a hora que eles ia na mesa assim afastava todo mundo, uma, duas, três vezes. Aí o dono da casa falou assim: Uai gente, comida tão gostosa, ocês num quer? Aí esse menino falou assim: Ah sô, nós vai na mesa nós ta vendo sapo, aranha, bicho na mesa. Aí o dono da casa falou assim: Quê isso? Vem cá, eu tô comendo na maior boa. Não... Aí o capitão falou: Falei cocês pra obedecer o véi lá, pera aí. Aí perguntou o dono da casa: Cê tem cavalo aí? O trem de ferro já tinha passado. O capitão veio de cavalo aqui, bateu na porta, ô sô Zé, eu vim cá porque tá acontecendo uma coisa incrível lá, nós vai na mesa nós não consegue

almoçar. Não falou o que tinha na mesa não. Aí o Zé Gominho falou assim: Isso é procês aprender a não obedecer meu risco.

Geraldinho ressalta que Zé Gominho era “*um pouco mágico*”, mas não fazia tais coisas por maldade, mas para que todos o respeitassem, pois ele era o comandante e tinha grandes responsabilidades. Em outro trecho da narrativa Geraldinho conta de outras histórias sobre essa magia dos mestres do passado.

Tinha um capitão aqui, aquele das antiga mesmo, Tio Camilo, Vicente do Barreiro, esses aí eles já era custoso, quando eles subia no Rusario³⁷ ali, aí se um implicava com o outro, mandava marimbondo um no outro no meio do terno, sabe? Eles num brigava não, mas mandava marimbondo encima do outro.

O capitão relata ainda uma experiência vivenciada por ele pouco tempo após a morte do pai. Uma experiência que conta com grande emoção pois tem um sentido muito importante quando colocamos em perspectiva o valor da ancestralidade, a importância da herança ancestral e da legitimação do saber que é transmitido pelos mestres. Ele nos conta que recebeu uma mensagem do Dr. Lindolfo Pena Pereira, dizendo que seu pai, já falecido, lhe faria uma visita. Foi durante um cortejo que ele se viu diante do saudoso pai:

Quando foi no domingo, a hora que eu virei a encruziada assim, eu comecei a cantar falei: né eu que tô cantando não, a voz não é minha não uai, essa voz é do pai. E naquela casa ali, que hoje... era do ex-prefeito Dianese tinha um muro preto, o muro abriu e o pai atravessou ele, dendo muro e veio fardado assim, no meio do terno e fez pra mim assim ó [gesto de aprovação], como eu tô vendo você aqui, nó aquilo pra mim foi o maior presente que Deus me deu. Eu: Bença pai, ele fez assim ó [gesto com a mão]. Deixa eu abraçar pai. Na hora que eu fui abraçar ele assim, que eu vi, não vi mais, ele fez assim [gesto de expansão], fez aquela fumaça e foi embora. Aí eu subi cantando, não sei se eu chorava ou se cantava.

Novamente aqui vemos a dualidade de crenças dos reinadeiros. Sanchis (2018, p.45) trata o sincretismo como um processo de “construção coletiva de homologias de relações entre o universo próprio e o universo do Outro em contato conosco”. O Outro é parte preponderante processo de construção dessa identidade sincrética e a narrativa do capitão

³⁷ O capitão está falando sobre a subida da Rua do Rosário, que leva à Praça da Santa Cruz, ponto central da festa no bairro Alto do Rosário. Em Itapeverica o Rosário se torna um lugar, costuma dizer-se que o cortejo vai subir para o Rosário, os reis e rainhas estão sendo levados para o Rosário.

Geraldinho nos mostra como isso se opera no interior dessas tradições, onde até mesmo um mestre aprende e se adapta.

O terno na hora que sair tem que fazer aquelas reza, né. Fechar o terno. Mas eu, duma época pra cá eu... esse senhor ele era até reinadeiro, aí passou a ser evangélico, né vêi não, ele é até novo, o pai dele é reinadeiro e fulião. Ele falou assim ó: eu saí do Reinado mas meu coração... é do meu pai, eu gosto do Reinado, aí eu ensinei pro meu pai, antes dele sair, pra ele rezar o salmo 91, porque o senhor não reza? Falei assim: perfeitamente. Aí eu comecei, cheguei lá: gente, ó, hoje aqui é diferente, não vai ser minhas oração primeiro não, as minha vai vim depois. Que cê vai fazer? A palavra de Deus primeiro, Salmo 91. Hoje a turma fala assim: não, tem que ler o salmo primeiro. Aprendeu, já foi um passo bem bão. O salmo 91, aí eu aprendi também.

Conhecer a fé do reinadeiro é importante para compreender o que o move no sentido da preservação da tradição, mesmo diante dos maiores desafios, das maiores dificuldades e dos infortúnios da vida. São diversas e comoventes as histórias de perseverança e fé. Giovana nos conta que seu avô tinha grande fé e devoção aos Santos Reinadeiros e isso fazia com que sua responsabilidade com o terno se sobrepusesse a qualquer adversidade.

[...] meu avô, ele era sanfoneiro no terno do Seu Antônio Patrocínio. Meu avô ajudou muito Seu Antônio no Reinado do Alto Alegre. Ele e minha mãe [...] meu avô infelizmente veio amputar uma perna porque ele tinha diabetes forte, então ele veio a amputar uma perna e começou a andar de muleta. Aí ele pegou e pensou: gente como é que eu vou fazer pra continuar sanfoneiro do Reinado? Cê num vai não, que cê num pode, tá de repouso, cê num vai não. Aí ele: não, eu tenho que ir, que é pra Nossa Senhora do Rosário, é pra todos os santos, São Benedito eu tenho muita fé, Santa Efigênia, eu preciso de ir, é eles é que vai me ajudar. Aí quando eles viram ele já tinha pegado a muleta e já tinha cascado fora com a sanfona.

O Capitão Geraldinho também relata momentos de grande dificuldade em que a fé em Nossa Senhora do Rosário e o apoio dos irmãos de fé foram sua valia. Quando da morte do filho pequeno, ele manteve seu compromisso com o Reinado, mesmo com o filho doente no hospital, pois tinha fé que Nossa Senhora do Rosário estava olhando pela criança.

Aí eu fui descer a bandeira, ia descer a bandeira, ele ligou pra mim, pode buscar o menino que o menino tá bão. Falei assim, opa! Graças a Deus, menino vai vingar. Aí mandei a muié ir, falei assim num vô não que tem que levar o... es montou o terno, descer a bandeira, cê vai buscar ele. Dei o

dinheiro ela, ela foi. Eu fiquei com dó dela, sabe. Quando eu tô chegando, o terno chegando perto do pirulito, pirulito aquela praça ali. Ela chegou chorando, falou assim: ó, era seis hora da tarde, o médico não deixou trazer não. Falou: larga isso aí e vão embora pra casa. Falei assim: não, né isso não, largar não, vão subir lá e descer a bandeira, se ele tiver de ser nosso, Deus vai mandar ele pra nós, se ele for da Nossa Senhora ela vai levar ele, aí vai acabar o sofrimento dele. Aí subi cantando chorando, sabe.

A fé do reinadeiro é um dos aspectos que fazem do Reinado mais do que um festejo, um encontro anual ou uma celebração. A crença nos diz de que a Grande Mãe está sempre a olhar por todos nós, por isso a fé está presente em todos os momentos, nas alegrias e nas aflições. As missas, novenas, as rezas na praça, as benzeções, os pedidos, as promessas feitas nos altares das casas, tudo isso faz parte da vivência do Reinado. Vivência que se dá entre aqueles que não são reinadeiros e essa convivência social também aparece nas narrativas dos nossos entrevistados.

Figura 96 – Integrantes do Moçambique de Angola usando suas guias



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 97 –Moçambiqueiros usando suas guias



Fonte: Produzida pela autora, 2023

6.6 “Isso é coisa de gente mais... pouca classe”

A mais recente pesquisa Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE que realizou o levantamento das características da população de Itapecerica data de 2010, quando a população da cidade era de 21.377 habitantes³⁸. De acordo com essa pesquisa, dentre a população residente, 7.505 pessoas se declararam pretas e pardas, enquanto 13.586 se declararam brancas. Foram registrados, ainda, 204 pessoas amarelas e 82 indígenas, provavelmente da Aldeia Muã Mimatxi, da etnia Pataxó, localizada no distrito de Lamounier.

Na amostra por religião, mais de 91,4% da população residente em Itapecerica se declarou católica apostólica romana. Considerando o fato de estarmos tratando aqui de uma cultura afro-brasileira, cabe colocar uma lupa sobre a estatística de religiões pelo recorte de cor ou raça. Nesse recorte, entre pretos e pardos, 87,8% da população se declara católica, 9% se declara evangélica, 1% se declara sem religião e menos de um por cento se declara espírita ou adepto de outra religião. Esses dados mostram que o Catolicismo é a religião predominante na cidade e, provavelmente, a religião declarada pela maioria dos reinadeiros.

Tendo em vista o entendimento de que o Reinado não é uma tradição religiosa católica em sua essência, pois é fruto de um processo sincrético fortemente marcado pela presença de elementos culturais e religiosos afrodiaspóricos, podemos fazer uma reflexão sobre a interface entre Reinado e essa comunidade predominantemente católica. Podemos buscar um melhor entendimento das percepções compartilhadas nas narrativas biográficas e de algumas situações observadas durante o festejo.

Em sua narrativa, Giovana afirma que não é possível compartilhar as histórias e vivências com todas as pessoas, pois nem todas conseguem compreender o universo do reinado e a crença dos reinadeiros. Nas palavras dela:

Eu falo que a história dessa Coroa envolve muito sentimento e os Milagres, os milagres que a gente passou e que, igual eu te falei, pra a gente contar pra pessoas leigas não acredita, mas você tem que viver. É aonde que eu falo que você tem que viver.

Mas a comunidade dá demonstrações claras de apreciação dos festejos. Durante o festejo do Alto do Rosário pudemos registrar a intensa movimentação na entrada do convento,

³⁸ O Censo realizado em 2022 apontou uma população de 21.046 pessoas. Não há dados de 2022 sobre cor, raça ou religião, somente o Censo de 2010 apresenta tais dados. Não há dados do Censo 2023 no portal.

onde as pessoas se aglomeraram para ver os ternos chegando com seus coroados. Na parte interna o intenso movimento fez com que novos espaços fossem utilizados para arejar o prédio sempre lotado de pessoas que querem ver os coroados em suas indumentárias.

A passagem dos ternos pelas ruas da cidade é sempre acompanhado pelos habitantes que chegam nas janelas para ver e ouvir a cantoria. Alguns saem porta afora e fazem saudações, oferecem joias, buscam uma interação com os reinadeiros. As amarrações, que tornam os cortejos intermináveis, também refletem a participação da comunidade que quer ouvir a cantoria dos capitães.

Os ritos católicos realizados durante o festejo talvez tenham capacidade de agregar à tradição essa enorme parcela da comunidade que se declara católica. As missas e celebrações, as procissões com andores, a constante menção dos santos católicos, tudo isso torna a tradição bastante aceitável pelos católicos, mas talvez nem tanto pela Igreja Católica. Digo isso considerando tanto as proibições do passado, quanto a sensação de conflito que se acende quando nos deparamos com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário fechada durante o festejo, que acontece há poucos metros da edificação.

Sobre o passado, Geraldinho nos conta que houve uma mudança na forma como a comunidade percebe o reinado e os reinadeiros. Segundo ele, as “*senhoras da sociedade*” consideravam que dançar reinado era coisa de “*gente mais... pouca classe*”. Mas hoje as pessoas acham bonito, tem filho de advogado e de médico participando ativamente do reinado. Ele conta que o Bairro da Boa Viagem teve seu desenvolvimento impulsionado pelo festejo que lá se realiza há mais de quarenta anos.

A Boa Viagem era um bairro que ninguém queria morar lá não, né? A igreja, ninguém ia na igreja lá não. Hoje a igreja é arrumadinha, já foi na igreja lá? E a Boa Viagem é um bairro que todo mundo quer morar lá agora, através do reinado.

Wirley Reis, atual prefeito da cidade, conhecido por todos como Teko, é afilhado do Capitão Geraldinho e participa do Reinado desde criança. Presente já há bastante tempo na vida política da cidade, sempre incentivou e contribuiu para o crescimento da tradição. É inegável que tal situação privilegia a cultura do Reinado, seja pelo esforço do executivo municipal em manter ativa a tradição do Reinado, seja pelo valor simbólico da presença do Prefeito nas festividades.

No ano de dois mil e vinte e três a Prefeitura Municipal de Itapecerica concedeu subsídio de R\$ 75.000,00 para a realização dos festejos de Itapecerica. O subsidio foi dividido

entre as associações que possuem a documentação exigida pela Lei 13.019/2014. A maior quantia foi destinada à Associação do Reinado do Rosário de Itapecerica, responsável pela realização da festa bicentenária do bairro Alto do Rosário.

Também foram contempladas a Associação Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, do distrito de Neolândia; Associação do Reinado do Rosário, do distrito de Lamounier; Associação de Santos Reis, do bairro Alto Alegre; Associação do Rosário de Nossa Senhora Aparecida, do bairro Boa Viagem; Associação do Reinado do Rosário, do distrito de Marilândia; Associação do Reinado, da comunidade Rural de Santo Antônio e Associação do Reinado do Partidário. Todas as associações realizaram festejos nos bairros e comunidades rurais da cidade no ano de dois mil e vinte e três.

O Reinado é parte importante da agenda cultural da cidade, que se enche de visitantes durante as festividades. O Reinado gera movimento turístico e aquece a economia local durante a temporada de festejos. Capitão Geraldinho conta que a cidade se desenvolveu, as coisas mudaram, hoje é mais fácil obter vestimentas e instrumentos, mas em contrapartida não há mais tanto espaço na vida cotidiana para os preparativos. O reinado não é mais a única atividade na agenda da cidade e nem todos podem dispor de tempo para dedicar-se a ele.

E naquela época Meire, os reinado começava a ensaiar no mês de maio, era tão bonito, a rua cheia de gente. Não tinha festival de inverno, não tinha gastronomia, a cidade era mais pacata, hoje a cidade, graças a Deus, desenvolveu. Hoje precisa do movimento pra gerar dinheiro pra cidade né, a gente não pode falar que é errado não.

É fato que o Reinado de Itapecerica circula entre a agenda cultural e econômica da cidade com grande relevância. A comunidade reinadeira encontra liberdade para professar sua fé e o sincretismo parece não afugentar a comunidade que participa e assiste às festividades. O preconceito do passado certamente ainda habita alguns recantos da cidade, mas a relevância do Reinado tem impacto positivo na sua valorização enquanto tradição étnico-cultural.

Figura 98 - Reinadeiros e comunidade na missa conga



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 99 – Comunidade acompanhando a saída do corte na Igreja das Mercês



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 100 - Reinadeiros e comunidade na porta do convento



Fonte: Produzida pela autora, 2023

Figura 101 – Prefeito Teko com reinadeiros



Fonte: Perfil @ograndereinadorosario no Instagram

6.7 Uma mensagem às novas gerações

De acordo com Geertz (1926, p. 29), o fruto do trabalho etnográfico não é o discurso social bruto, mas um fragmento ao qual se tem acesso através do discurso dos colaboradores e da observação participante. Ao fazer o relato etnográfico, o pesquisador “*o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e pode ser consultado novamente.*” Nesse sentido, queremos aqui registrar as mensagens deixadas por nossos entrevistados às novas e futuras gerações.

Através de suas narrativas biográficas, os participantes nos falaram sobre suas famílias, suas crenças, suas tradições, a forma como veem e vivem a tradição do reinado. Seus anseios e suas esperanças no futuro também se fizeram presentes nas narrativas, sobretudo, nas falas do capitão Geraldinho que compreende a importância das novas gerações para o futuro da tradição. Ele deixa uma mensagem às novas gerações convidando-os a viver o privilégio de pertencer a uma tradição tão significativa e à Rainha Perpétua do Reinado de Itapecerica, ele deixa um importante pedido, na forma de toada.

A mensagem que eu deixo pro pessoal que já tá comigo, que vai chegar futuramente, que num deixa de cumpanhá o congado, ou o reisado, o reinado, que é muito grande valia, um privilégio. Isso num é pra qualquer um não, que quem cumpanhá Nossa Senhora é o tesouro maior que a gente tem na vida, mais do que dinheiro, que ela é a nossa Mãe, e nossa... e nosso Reinado não pode acabar não, né. É isso que eu deixo e deixo pra Rainha também, enquanto ocê puder... eu vou cantar um verso procê: Nossa Senhora / Não deixa a Rainha Chorar / Não deixa a Coroa cair / Não deixa o Reinado acabar. Essa é só procê.

Conforme vimos através das reflexões sobre a coeducação, as experiências dos mais jovens e dos mais velhos se complementam. Logo, não há na juventude apenas a necessidade de aprender, mas também a responsabilidade de ensinar. A jovem Rainha Conga Giovana, que compartilhou conosco uma bela história de fé e perseverança, também não se furta à missão de aconselhar as novas gerações e deixa a seguinte mensagem:

Carreguem o terno de vocês, carreguem a farda que vocês vestem, talvez o bastão que se inicia com o príncipe, a coroa que se inicia com o Rei, carregue ela com muita fé e devoção e confiança, confie na farda que você

veste, no bastão que você carrega, confie na coroa que você carrega porque são milagrosos e tenham a fé e a confiança de que se algum dia passarem por aprovações, vocês vão passar com muita fé e com eles ajudando vocês. Porque você não carrega uma farda, você não veste uma farda em vão, você não carrega uma coroa em vão, tudo tem um porquê e se isso desperta o gostar a vontade, a vivência, que viva e carregue com fé. Nunca deixe a fé de lado, seja ela qual for, mas tenha fé.

Com as mensagens dos nossos entrevistados passamos às últimas considerações acerca desta intrigante e gratificante incursão pelo universo do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Se a morte não me matar tamborim
Se a terra não me comer tamborim
Ai ai ai tamborim
Eu quero viver pra ti tamborim*

Em mil novecentos e noventa e nove, ao me tornar Rainha Perpétua do Reinado de Itapecerica, comecei a ver a tradição a partir de uma perspectiva diferente. O olhar da criança que se maravilhava com o espetáculo de cores e sons foi sendo substituído por um olhar crítico, que percebe e problematiza. Vinte e cinco anos depois encaro o desafio de buscar uma melhor compreensão desse universo cultural através de uma pesquisa científica, uma nova forma de perceber e problematizar. O fio condutor desse novo percurso é o desejo de compreender como se dão as aprendizagens intergeracionais que concorrem para a preservação dos saberes tradicionais do Reinado de Itapecerica, há mais de duzentos anos.

A princípio nos preocupamos em explicar a tradição, suas origens, suas raízes, o passado que guarda seus sentidos, pois sem essa compreensão não seria possível perceber a motivação dos reinadeiros, o que leva tantas pessoas a sair pelas ruas de Itapecerica rememorando suas raízes étnicas com seus cantos, suas danças e indumentárias. A chave para a compreensão da alegria de hoje está justamente na tristeza do passado. O sofrimento dos negros e negras escravizados, sua luta e sua força, são esses os alicerces dessa tradição. A memória desse passado e a alegria pelo fim da escravidão dão a tônica de todos os ritos e práticas do Reinado de Itapecerica.

Os objetivos secundários que nos conduziram pelo estudo começaram a ser atingidos no segundo capítulo, quando começamos a descrever os ritos e práticas do reinado, destacando os aspectos que se configuram como heranças. Descrevemos diversos momentos e ritos, compartilhando conhecimentos importantes, como a história do surgimento de Nossa Senhora do Rosário que marca o protagonismo dos ternos de Moçambique. Alcançamos a dualidade da fé dos reinadeiros aprendendo com os moçambiqueiros sobre as coroas e sobre os cantos. Compartilhamos o sentido por trás do ritual de levantamento dos mastros, falamos das amarrações e da cantoria tão característica do Reinado de Itapecerica. Mostramos que a tradição se renovou através do nascimento de outros festejos realizados em diversos bairros e comunidades rurais de Itapecerica.

Grande foi a dedicação ao relato, à descrição de tudo que foi visto e ouvido nas incursões de campo, mas a riqueza estética do reinado é tão grande que nos motivou a

empreender grande esforço na captura de imagens e produção de material audiovisual para enriquecer a experiência de quem se debruça sobre esse trabalho. As imagens que compõem este trabalho são muito mais do que figuras, são parte importante do relato antropológico e o material audiovisual é um convite para que o leitor também veja e ouça.

No capítulo final perseguimos o último objetivo secundário, apreender as trocas de saberes que ocorrem entre as diferentes gerações de reinadeiros. Para tanto, trouxemos ao texto as experiências narradas pelos participantes da pesquisa, Capitão Geraldinho e a Rainha Conga Giovana. Estabelecendo núcleos de significação conseguimos sistematizar as informações e organizar a gama de temas trazidos à tona através das narrativas biográficas.

Sem qualquer pretensão de estabelecer interpretações definitivas, construímos novas reflexões sobre aspectos já abordados no relato etnográfico. Giovana nos conta como os cantos e as histórias fizeram parte do seu aprendizado sobre o reinado. Geraldinho também nos fala sobre seu aprendizado e sobre sua forma de ensinar, as toadas, ensinar sobre os instrumentos e sobre a arte da cantoria. O capitão nos conta das técnicas aprendidas com o saudoso pai e passadas adiante a todos aqueles que desejam aprender.

As diferenças de atitudes e percepções das diferentes gerações de reinadeiros também surgem na narrativa biográfica do experiente capitão. Geraldinho nos conta sobre as dificuldades de encontrar equilíbrio, já que a preservação da tradição depende da capacidade de agregar as novas gerações. Sua experiência nos fala de como os jovens atuam transformando a tradição e como a modernidade mudou a forma como ele mesmo desempenha seu ofício. O capitão nos revela que aprende não só com os irmãos com quem compartilha o espaço físico, mas também com aqueles presentes nas redes social virtuais.

O sincretismo religioso também é tema trazido pelos entrevistados e explorado para mostrar a dualidade da fé dos reinadeiros, fé que se materializa nos saberes tradicionais através da reza, das beberagens e das benzeções ensinadas pelos mais velhos. Fé que leva a intensa dedicação e à perseverança diante das adversidades da vida. Compreendemos que o reinado não se resume a um momento de celebração, ele permeia todos os aspectos da vida dos reinadeiros. Está presente nas alegrias, nas tristezas, acalma nos desalentos e dá força diante dos desafios. Giovana nos conta como a fé movia seu avô, sua mãe e a sustentou diante das perdas e Geraldinho nos conta as histórias dos mestres do passado que moviam forças misteriosas. Essas histórias ensinam sobre disciplina, obediência e respeito. Elas também estão no centro desses processos de transmissão dos preceitos que alicerçam essa tradição.

Outro aspecto importante trazido pelos entrevistados e que nos ajuda a compreender a dinâmica de aprendizado é a interface do reinado com a sociedade

itapecericana. O estranhamento do passado parece ter dado lugar ao encantamento e o poder público, que já trabalhou para a extinção do festejo, hoje o financia. Isso deixou evidente que o Reinado de Itapecerica extrapolou o calendário cultural da cidade e se tornou tema orçamentário, ajudando a aquecer a economia local. Preservá-lo não é mais apenas um interesse dos reinadeiros, está na agenda de outros atores sociais.

Compreendemos, por fim, que a transmissão dos saberes que sustentam a tradição do reinado se dá através de diversas formas e ainda majoritariamente através da oralidade, com as histórias dos santos e do passado, com os cantos e contos. É um aprendizado que acontece no dia a dia das famílias, com os pais, avós, tios e tias e que se concretiza na prática durante os festejos, lado a lado com os mestres que muitas vezes são também os pais, avós, tios e tias. Um aprendizado que não está sistematizado mas envolve a técnica apurada e multifacetada desenvolvida pelos mestres através das percepções, das “qualidades sensíveis”. O passado ainda está no cerne de todo o processo, mas ele já é alcançado pelo presente e porque não seria? A presença dos jovens, altamente tecnológicos e conectados, não poderia passar sem deixar marcas.

Fica claro que o equilíbrio é o desafio enfrentado e diante disso surgem novas indagações sobre como seria possível contribuir para esse equilíbrio, agora que compreendemos melhor como os saberes são “passados”. Os outros reinados de Itapecerica, aqueles que não alcançamos com essa pesquisa, o que mais eles podem nos revelar sobre essa dinâmica geracional? Olhando para a cidade de Itapecerica nos perguntamos se o ritmo de mudanças seria diferente em outras localidades, como a região metropolitana de Belo Horizonte, onde diversos festejos são realizados em comunidades quilombolas e em bairros da periferia. O que se poderia obter do intercâmbio entre as tradições desenvolvidas em localidades com tantas diferenças socioeconômicas?

Não nos faltam indagações após essa imersão no universo do reinado e assim como os reinadeiros encerram um festejo iniciando um novo, encerramos aqui nosso percurso pelo Reinado de Itapecerica, iniciando novos percursos por outros reinos e reinados.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena, Wendel. **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1996.
- AMBROSIO, Maria das Mercês Bonfim. **A Pedagogia do Rosário** – Conteúdo Educativo da Festa. 1988. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1988.
- ANDRADE, Marcos Ferreira de. **Rebeldia e Resistência: as Revoltas Escravas na Província de Minas Gerais (1831 – 1840)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1996.
- ANDRADE, Marcos Ferreira de. **Rebelião Escrava na Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais – O caso Carrancas**. Afro-Ásia, Salvador, n.º. 21/22, 1998. Disponível em <https://doi.org/10.9771/aa.v0i21-22.20963>. Acesso em 29/03/2023.
- ANDRADE, Marcos Ferreira de. “Nós somos os Caramurus e vamos arrasar tudo”: a história da Revolta dos escravos de Carrancas, Minas Gerais (1833). In REIS, João José; GOMES, Flavio dos Santos (Org). **Revoltas Escravas no Brasil**. 1.^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- BONDIA LAROSSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, número 19, ano 2002. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>. Acesso em 01/02/2024.
- BRASILEIRO, Jeremias. **Centenário da Irmandade do Rosário: uma história de Uberlândia em Preto e Branco**. Uberlândia: Subsolo, 2016.
- BRASILEIRO, Jeremias. **Coexistência Cultural e Religiosa nas Congadas de Minas Gerais**. Revista Rascunhos. Dossiê Corpo, Cultura e Tradição: Diálogos Transdisciplinares Sobre Performances Culturais e Artes da Cena. V.3, n.º2. Ano 2016. Disponível em <<https://doi.org/10.14393/issn2358-3703.v3n2a2016-03>>. Acesso em 05/10/2023
- CAMARA DE TAMANDUÁ. - **Carta da Comarca de Tamanduá à Rainha Maria 1.^a a Cerca Dos Limites de Minas Gerais com Goyaz**. Revista do Arquivo Público Mineiro: Volume 2, número 2, p. 372 – 388, ano da publicação 1897. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=81>. Acesso em 08/04/2022
- COSTA, Gabriela M. C; GUALDA, Dulce M. R. **Antropologia, etnografia e narrativa: caminhos que se cruzam na compreensão do processo saúde-doença**. Revista Eletrônica História, Ciências, Saúde – Manguinhos, 2011. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Lg6LTLRpPdS4Y9jbn7F7JNJ/?lang=pt#>>. Acesso em 15/10/2022.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. Revista Brasileira de Educação, número 23, ano 2003. Disponível em < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/129321>>. Acesso em 20/02/2024.

CUNHA, Manuela Carneiro da. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: CUNHA, Manuela Carneiro. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. São Paulo: Revista USP, n.º 75, p. 76 a 84, 2007. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623/15441>. Acesso em 02/09/2022

DUTRA, Soraia Freitas. Folia de Reis em Venda Nova: reflexões sobre processos de aprendizagens em contextos não escolares. In Pádua, Karla Cunha; *et al* (Org.). **Memória e Patrimônio Cultural**: Contribuições para os estudos da localidade na educação básica. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.

FEIXA, Carles e LECCARDI, Carmem. **O conceito de Gerações nas teorias sobre juventude** em Dossiê: A Atualidade do Conceito de Gerações na Pesquisa Sociológica. Fórum de Sociologia da ISA: Espanha, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/QLxWgzvYgW4bKzK3YWmbGjj/?lang=pt>. Acesso em 30/08/2022.

FERRIGNO, José Carlos. **Coeducação entre Gerações**. São Paulo: Edições SESC SP, 2010

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso não é um caso**: Pesquisa Etnográfica e educação. XXI Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 1998. Disponível em <https://poars1982.files.wordpress.com/2008/03/rbde10_06_claudia_fonseca.pdf> Acesso em 16/10/2022.

FÓRUM DOCUMENTA. Projeto da Universidade Federal de São João Del-Rei. **Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes**. Disponível em: <https://documenta.direito.ufmg.br/>. Acesso em 29 mar 2023.

GARCIA, Josyane de Oliveira. **O Tamanduá Desaparecido**: Memórias Fotográficas. Belo Horizonte: Primacor, 2012.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A: 1989

GIFFONI, Maria Amalia Corrêa. **Reinado do Rosário de Itapecerica**. São Paulo: Associação Palas Athena do Brasil, 1989.

GOMES, Jerusa Vieira. Socialização Primária: Tarefa Familiar? Revista Eletrônica Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. N.º 91. Ano 1994. Disponível em <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/876>. Acesso em 01/02/2024

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Negras Raízes Mineiras**: os Arturos. Belo Horizonte: Maza Edições, 2000.

IBGE. Dados estatísticos da cidade de Itapecerica. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itapecerica/panorama>. Acesso em 05/03/2024.

IPHAN. Informações sobre Patrimônio Imaterial. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em 08/04/2023

LADEIRA, Lilian Bonsanto, *et al.* **O Conflito de Gerações e o Impacto no Ambiente de Trabalho**. IX Congresso Nacional de Excelência em Gestão. Rio de Janeiro (UFF), 2013. Disponível em <https://silio.tips/download/o-conflito-de-geracoes-e-o-impacto-no-ambiente-de-trabalho>. Acesso em 01/09/2022.

MAHASSEN, Suhaila Andere. **Desenraizamento Cultural e Religioso e Suas Repercussões Psíquicas em Drusos Inseridos na Cultura Brasileira**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

MALAVOTA, Claudia Mortari. **A Irmandade do Rosário e seus Irmãos africanos, crioulos e pardos**. In: Beatriz Gallotti Mamigonian; Joseane Zimmermann Vidal. (Org.). *História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina*. 1ªed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013, v. 1, p. 85-107. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/230551/Hist%c3%b3ria%20diversa%20eobook%2022dez2021.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em 20/06/2023.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2.ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARQUES, Janote Pires. **A “Observação Participante” na Pesquisa de Campo em Educação**. Revista Eletrônica Educação em Foco, ano 19, n.º 28, mai/ago 2016, p. 263 a 284. Disponível em <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1221/985>. Acesso em 02/11/2022.

MARTINS, Tacísio José. **Roubando a História, Matando a Tradição**: Carta da Câmara da Vila de Tamanduá à Rainha – 1793. São Paulo: Tejota Editor, 2017.

MEDAETS, Chantal Vitória. **Práticas de Transmissão e Aprendizagem no Baixo Tapajós**: Contribuições de um Estudo Etnográfico para a Educação no Campo da Amazônia. 34.ª Reunião Anual da ANPED: 2011. Disponível em <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT03/GT03-616%20int.pdf>. Acesso em 20/07/2022.

MEDAETS, Chantal Vitória. **“Tu Garante?”**: Aprendizagem às margens do Tapajós [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.7476/9786557250402>>. Acesso em 21/07/2022

MENEZES, Isabel Dantas de. **Sabenças na Comunidade Tradicional de Fecho de Pasto Mucambo**, Antônio Gonçalves (BA). 37.ª Reunião Anual da ANPED: 2015. Disponível em <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT03-3695.pdf>. Acesso em 20/07/2022.

NA ANGOLA tem. Direção de Talita Viana e Sebastião Rios. Produzido em parceria com Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Fundação de Apoio à Pesquisa da

Universidade Federal de Goiás. Documentário, 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AyhB2LnEZK0&t=24s>. Acesso em 23/05/2021

OLIVEIRA, Sidnei, **Geração Y: O Nascimento de uma nova versão de líderes**. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

PREFEITURA DE ITAPECERICA, **Cartilha de Educação Patrimonial. Ano 2023**. Disponível em <https://itapecerica.mg.gov.br/imagens/editor/files/Cartilha%20de%20Educac%CC%A7a%CC%83o%20Patrimonial%20-%20Itapecerica.pdf>. Acesso em 03/03/2024.

PREFEITURA DE ITAPECERICA, **História de Itapecerica - MG**. Disponível em <https://itapecerica.mg.gov.br/conteudo/historia-de-itapecerica-mg>. Acesso em 29/03/2023.

PREFEITURA DE ITAPECERICA. **Inventário de Itapecerica**. Ano 2019. Disponível em <https://itapecerica.mg.gov.br/imagens/editor/files/Invent%C3%A1rio%20-%20Itapecerica-MG%202019.pdf>. Acesso em 11/06/2023

REINADO do Rosário de Itapecerica MG. Direção musical Roberto Corrêa. Patrocínio Petrobrás. Viola Corrêa, 2004. CD, vários intérpretes.

SANCHIS, Pierre. As Tramas Sincréticas da História: sincretismo e modernidade no espaço luso-brasileiro. In _____ **Religião, cultura e identidades: Matrizes e matizes**. Petrópolis: Vozes, 2018

SANTOS, Amanda Melissa. **O Grande Anganga Muquixe Chico Rei: a presença do mito negro no Reinado do Alto da Cruz e nas escolas de Ouro Preto/MG**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2019

SETTON, Maria da Graça Jacinto. **A Particularidade do Processo de Socialização Contemporâneo**. Revista sociológica da USP. V. 17, n. 2, p. 335-350. Ano 2005.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. **Socialização e Cultura: ensaios teóricos**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.

SILVA, Santuza Amorim da; PÁDUA, Karla Cunha. Explorando narrativas: algumas reflexões sobre suas possibilidades na pesquisa. In: CAMPOS, Regina Célia Passos Ribeiro de. (Org.). **Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SIMÃO, Maristela dos Santos. **As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os Africanos no Brasil do Século XVIII**. 2010. Dissertação (Mestrado em História da África). Universidade de Lisboa. Lisboa, 2010

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MG. **Histórico da Comarca do Rio das Mortes**. Portal Memória do Judiciário Mineiro. Disponível em: <https://bd.tjmg.jus.br/items/371dcce7-dc22-4e5a-9ffc-c7dadfafe12>. Acesso em 29 mar 2023.

VIEIRA, Simone Cleice; GONDIM, Carlos Antônio. **A Memória Negra dos Tambores de Tamanduá – a antiga**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2018.